BIBLIOTECA EX-LIBRIS
N.º 18218
21/4/945

PRINCIPIOS
SOBRE A TACTICA
DA
CAVALLERIA,
QUE DETERMINÃO
A SUA CONSTITUIÇÃO, FORMAÇÃO,
EVOLUÇÕES, ESCOLA, &c.
EXTRAHIDOS, E TRADUZIDOS
DE
MONSIEUR LE BARON DE BOHAN
POR S. P. R. V.

*Official ao Serviço de S. Mageſtade Fideliſſima em o Regimento de Cavalleria de ****

Si quid naviſti rectius iſtis,
Candidus imperti, ſi non his utere mecum.

TOMO II.

XX

LISBOA:
NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.
ANNO M. DCC. XCIII.

Com Licença da Real Meza da Commiſsão Geral, ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Foi taxado eſte Livro em papel a trezentos e ſeſſenta réis : Meza 22 de Março de 1793.

Com tres Rubricas.

ESTADO MAIOR DO EXERCITO
BIBLIOTECA
N.º 8271 Custo ..... $.....
Em 21/9/1945

ADVERTENCIA.

ESta ſegunda Parte he a baſe da primeira, e ſem dúvida a que he mais intereſſante á Cavalleria, e por conſequencia a que exige a maior attenção. Hum cavallo ſem governo, e rebolão; hum ſoldado que não he ſenhor do ſeu cavallo, e que o não ſabe governar, põe em deſordem hum eſquadrão inteiro, ainda que ſeja compoſto dos homens, e cavallos os mais bem diſciplinados. M. de Saxe, Montecuculi, Turpin, e todos em fim concordão neſta verdade, e a experiencia diária o confirmará a todo o Official de Cavalleria: daqui vem que a differença do pé de guerra, ao pé de paz deve ſer muito pequena, e exige melhor ſupprir-ſe por ſupranumerarios.

Mas he iſto ſufficiente? ſe-lo-ha que todo o ſoldado ſaiba governar o ſeu cavallo, e que eſte ſeja obediente ao que eſtá coſtumado a montá-lo? Não, he neceſſario que os principios ſejão iguaes, e uniformes; por-

que alias não poderá haver nunca aquella ordem que ſe requer, pois que o cavallo mudando de Cavalleiro, deſconhece, e eſtranha a mão, e ajudas, e he huma nova cauſa de deſordem. Poderá duvidar alguem já mais deſtas propoſições? Perſuado-me que he tal a ſua evidencia que não neceſſitão mais próvas.

Duas conſequencias ſe deduzem pois dellas. 1. Neceſſidade de inſtrucção: 2 uniformidade de princípios.

A primeira he conhecida a todos os Chéfes, todos a póe em prática, e o ſeu zelo, e intelligencia não poderia deixar-lhe eſquecer hum tão importante objecto, nem nós nos atreveriamos a proferir o contrario.

Porém ſeguem-ſe os meſmos princípios neſtas Eſcólas? São ellas conduzidas unifórmemente? São os Picadores que as preſidem capazes, ou concordes nos ſeus methodos? Tendo ſeguido, ouvido, e viſto eſtes em huma grande parte dos Regimentos, creio que podemos dizer são diverſos,

ſos , e julgâmos que não o diremos ſó : mas os Regimentos (poderão dizer-nos) eſtão em excellente diſciplina , e as ſuas Eſcólas são dirigidas pelos Coroneis : logo que neceſſidade ha de recommendar eſta inſtrucção , e uniformidade de principios , e de enſinar em fim o que ſe pratíca ? Seria temeridade o pertendermos dar leis aos Chéfes , não he eſſe o noſſo intento : mas ſe provarmos que não ha em todos os córpos eſta uniformidade nas Eſcólas ; ſe moſtrarmos que os noſſos Picadores , pela maior parte não são mais que méros desbaſtadores ; ſe nos Reinos Eſtrangeiros , e meſmo no noſſo não ha uniformidade nos principios de Picaria ; ſe depois de apreſentarmos huma theoría de evoluções não diſſeſſemos os meios que julgavamos melhores para conſeguir a perfeição nellas , ſeria inutil o noſſo primeiro trabalho ; e ſendo evidente que nãc exiſte eſta uniformidade nos Regimentos , nem nos Picadores , pa-

re-

rece-nos tão licito como util dar á luz os de hum Official conſummado na theoría, e prática, que julgâmos os melhores; os quaes offerecemos ſem pertenções de Meſtres. Fundados, e eſtabelecidos eſtes pelo noſſo A., por hum tão ſólido modo, pódem ſervir de guia ao Official novo que não ſabendo o Francez, nem achando livros eſcritos em Portuguez ſobre eſta Arte, não póde ouvir ſenão os Picadores. E qual he deſtes o que póde eſcandalizar-ſe ſe lhe perguntarem ſe conhece a Structura do homem, e do cavallo; ſe profundou pelo eſtudo a Arte da Equitação; ſe tendo eſta theoría a praticou por largos annos? Ao menos certamente não eſtão todos no caſo de reſponderem affirmativamente; e iſto nos baſta para Apologia.

Propômos pois áquelles que não tem eſte methodo nas ſuas Eſcólas, que o verifiquem antes de pronunciar ſobre elle, e julgâmos que lhe acharáõ utilidade; e aos Diſcipulos, e Picadores que pela maior parte não

en-

entendem o Francez, que o conſultem, que o examinem, que ſempre augmentaráõ as ſuas idéas: mas deſculpem-nos ſe para illſtrar a ſua verdade ſomos obrigados a comparar o methodo de Mr. de Bohan com o de outros AA.; aſſim como a expôr vários dos erros que nos parecem exiſtir nos principios dos diverſos Picadores que temos viſto; os quaes ſenão forem os daquelle que os lêr (ou ſe nenhum os confeſſar) não os dirigindo com particularidade, eſtimaremos muito: ſe differirem deſte methodo, e depois de o lerem lhes não agradar, ſer-nos-ha licito, aſſim como elles tem huma opinião, termos nós outra: *Mundum tradidit diſputationi*, porém ſempre diremos que eſtes são os de Mr. d'Auvergne, (Profeſſor da Eſcola Real da Equitação) e da melhor parte dos Officiaes da França.

Até agora não temos viſto livro noſſo que trataſſe deſta Arte: fallamos da Equitação Militar. O Author do Tratado de Tactica não podia ex-

eximir-ſe de recommendá-la, como fez pag. 550; mas por hum modo que nós não entendemos, porque ſendo os meios de governar hum cavallo depois de enſinado ſimples, não ha neceſſidade de maior multiplicidade de ajudas no Picadeiro, do que no campo; e aſſim para que diz que o ſoldado ſeja perfeitamente formado na Equitação, e que o Official poſſua a deſtreza neceſſaria nella, e os principios da Metafyſica deſta Arte, ou como combina iſto com o periodo precedente? He fazer huma differença, (que confeſſamor não entender, e que não podemos ſeguir) tratando de huma materia tão importante?

Procurámos quanto nos foi poſſivel ſer claros, porque os termos technicos são variaveis em diverſos Picadeiros, e como não havia eſcrito A. que ſeguiſſemos, ſervimo-nos dos mais uſuaes.

Lêa-ſe o Artigo *Manege*, e vêr-ſe-ha que as noſſas diligencias não pódem deixar de ſer uteis, quando em França depois de tantas Eſcolas ſe deſeja ainda eſta uniformidade, porque fazemos vótos.

PRINCIPIOS DE CAVALLERIA DE M.r Le B. D. B...

CAPITULO I.

ARTIGO I.

Principios para montar, e enſinar os cavallos para a Guerra.

LIMITADA inſtrucção que exijo do ſoldado, fez-me julgar que poderia ſer tão breve neſta Parte, como fui nas precedentes, e que aſſim a ſimples expoſição de huma theoria geral ſería ſufficiente; porém vendo as muitas,

tas, e diverſas opiniões, conſiderei que o meu trabalho ſería inutil, ſe não combateſſe os Principios que reprovo, e preveniſſe as objecções, que podeſſem pôr aos que ſigo.

Na verdade vejo em toda a parte o ſciſma, e a ignorancia fazendo variar infinitamente as noſſas práticas, e ouço as vozes dos que accusão juſtamente as noſſas Eſcólas, do tempo que perdem, e dos cavallos que arruinão.

Não me atrevi pois a dar Principios ſem próvas: quiz deſenvolvêlos, commentá-los, e apoiá-los com demonſtrações fyſicas, e geometricas. Crear hoje hum ſyſtema, por mais ſimples que ſeja, parecerá extraordinario aos olhos de muita gente; porém eſte he o unico meio de o eſtabelecer, e de prevenir tambem, ſe he poſſivel, as críticas, e zombarias daquelles que rejeitão anticipadamente, tudo o que ſe não conforma com os ſeus conhecimentos.

O que ſe ſegue, pois, he deſtinado não a recitar-ſe ſervilmente nas Picarias a ouvidos, que não eſtejão em eſtado de entendê-lo; mas a ſervir de theoria na Eſcóla geral da Cavalleria; a inſtruir os que devem enſinar; os quaes neceſſitão a maior applicação, e conhecimentos, para exercerem as funções de Meſtres. Elles he que devem entender, comparar, e vêr tudo, para ſe aperfeiçôarem em huma Arte, que devem communicar aos outros; porque o fructo das ſuas lições, ſerá ſempre proporcionado ás ſuas luzes.

A theoria não he ſufficiente para poder ſer Meſtre em hum exercicio do corpo; porque para adquirir hum tacto que he preciſo communicar, he neceſſario ter praticado, e ſentido. (1)

(1) O Author do novo Newcaſtle, moſtra que não he ſufficiente o diſcurſo para poder tratar da noſſa Arte: Mr. Bourgelat no dito livro, dá ſómente huma idéa brilhante, ainda que informe, da Equitação.

Eſte Tratado divide-ſe em duas Partes, que encerrão a Arte de montar a cavallo: a primeira comprehende a poſição do homem, e as funções de cada huma das partes do ſeu corpo: a ſegunda encerra o modo de educar, enſinar, e conduzir o cavallo. Tal he o plano, ou proſpecto de huma Obra, muito extenſa ſem dúvida, pelo lugar que occupa aqui; mas ſuſceptivel ainda de huma anályſe maior, ou mais dilatada, ſe circunſtancias particulares me não obrigaſſem a dá lo á luz, ſem poder talvez diſpenſar-me de completá-lo ainda em momentos mais tranquillos.

Primeiras definições.

A *Arte de montar a cavallo* he aquella, que nos dá, e demonſtra, a poſição que devemos tomar em cima de hum cavallo, para eſtar nelle com mais firmeza, e galhardia, e que ao meſmo tempo nos enſina

meios

meios de conduzí-lo com mais facilidade, para conſeguirmos delle (com a menor fadiga ſua) a obediencia mais exacta, e perfeita, em tudo o que a ſua conſtrucção, e forças podem permittir.

O Homem de cavallo, ou Cavalleiro he pois aquelle, que firme, e bem deſembaraçado, poſto ſobre o animal, tem adquirido o conhecimento do que póde fazer-lhe executar, e a prática dos melhores meios para ſobmette-lo á obediencia. (1)

O

(1) O Author do Enſaio geral de Tactica (cujo eloquente livro tem entre verdades luminoſas muitos erros) querendo entrar em miudezas, de que não tinha conhecimento, tratando da Cavalleria, diz „ Não quero que „ o meu ſoldado de cavallo ſeja hum ho„ mem exercitado a governá-lo com graça, „ e arte, como hum Picador; mas ſim hum „ homem robuſto, poſto a cavallo conforme „ a eſtructura do ſeu corpo, e a facilidade „ maior de governá-lo, ſervindo-ſe mais das „ mãos, eſpóra, e força das côxas, do que „ das ajudas da Equitação. „ Que ſignificão eſtas expreſsões? Que principios podem deduzir-ſe dellas? Que vem a dizer hum ho-

O cavallo enſinado he aquelle, que conhece as intenções do Cavalleiro ao menor movimento, e correſponde logo a elles com igualdade, ligeireza, e força.

Eſtas duas definições ultimas circunſtanciadas, formaráõ hum Tratado completo da Arte de montar a cavallo.

Para dar á primeira Parte deſte Tratado a ordem, e verdadeira ſucceſsão dos objectos que tenho a tratar, ſupporei hum diſcipulo, e deſcreverei as lições que deve receber.

AR-

---

mem poſto relativamente á conſtrucção do ſeu corpo? Com iſto he que Mr. de Guibert quer ſupprir os noſſos principios? Qu e entende por Picador, ou homem Cavalleiro? A noſſa definição não he por certo a ſua. Eu entendo que o Cavalleiro he aquelle que poſto ſólidamente a cavallo, governa eſte com a maior facilidade, pelos meios mais ſimples. Que motivo poderá pois haver, para preferir-lhe o homem que para iſto uſaſſe da força, e do caſtigo? A qual delles entregaria Mr. de Guibert o ſeu cavallo? Mas não combaterei mais a opinião deſte Author, amplamente refutada neſte Tratado.

ARTIGO II.

Da poſtura do homem ſobre o cavallo, em geral.

A Poſtura do homem ſobre o cavallo deve procurar-ſe na Natureza, a fim que cada parte do ſeu corpo eſteja em huma poſição cómmoda, e ſem mortificação: o Cavalleiro por conſequencia poderá eſtar mais tempo a cavallo ſem cançar-ſe; ponto muito eſſencial para hum homem de guerra. Deve tambem eſtar poſto de modo que eſteja firme; e a poſição menos oppreſſiva para elle, tambem o deve ſer para o cavallo, a fim de deixar-lhe todas as faculdades das ſuas forças.

A primeira lição deve dar-ſe em hum cavallo parado, para que nenhum movimento ſe opponha á theoria, e que a attenção do Cavalleiro,

ro de nenhum modo eſteja diſtrahida. (1)

Pôr-ſe-ha o Cavalleiro ſobre a ſella de fórma, que o ponto de apoio do ſeu corpo eſteja repartido igualmente nas duas nádegas, divididas pelo meio d'ella. A maior força deſte apoio deve ſentir-ſe ſobre os dous oſſos que fórmão a ponta das nádegas, chamados (tuberoſidades dos oſſos Iſchions) e pôr-ſe-ha o Cavalleiro bem adiante, para que lhe fique a cintura bem unida ao cepilho da ſella.

O corpo eſtará a prumo ſobre eſta baſe, de modo que a linha vertical em que eſtá o ſeu centro da gravidade paſſe pelo alto da cabeça a cahir no meio das nádegas; ficando determinada a poſição da cabeça, e peſcoço pela paſſage deſta vertical.

A

(1) He inutil dar eſta lição ſervindo-ſe de hum cavallo de páo, porque raras vezes são aſsàs bem imitados, para que o Cavalleiro monte nelles como nos vivos, e he recorrer a meios deſneceſſarios.

A parte inferior dos rins deve formar huma curva para diante, a fim de fazer hum arco botante, cuja utilidade explicaremos adiante. Eſta curva deve ſer nas ultimas vertebras, chamadas lombares, (1) e deve operar ſe por baixo da groſſura das eſpaduas, a fim de não deſtruir a vertical que, como já diſſe, deve cahir no meio das nádegas.

Os hombros eſtaráõ raſos por traz ſem ſe curvarem. Os braços cahiráõ naturalmente pelo ſeu proprio pezo, até dar-lhes occupação no bridão, ou freio, como determinaremos.

Eſtando as nádegas bem no meio da ſella, as côxas devem tomar huma poſição igual, eſtendidas uniformemente de cada lado do cavallo, aban-

(1) Deſculpem-me o ſervir-me de termos anatomicos, o que offenderá os meus Leitores, mas reparem, que eu ſó me ſirvo delles quando de outra fórma me não poſſo explicar, com a exacção, e precisão que he neceſſario obſervar, eſcrevendo ſobre Principios.

abandonando-as ao ſeu pezo ſem apertá-las ; affrôxando ao contrario os muſculos que as cercão , a fim que poſsão ficar chatas na parte interior, em virtude do ſeu pezo.

Os joelhos dobrar-ſe-hão abſolutamente ſem força , abandonando as pernas ao ſeu proprio pezo , a fim que eſte faça tomar-lhe a ſua verdadeira poſição ; que he entre a eſpadua , e o ventre do cavallo.

Os ligamentos das pernas com os pés ſerão igualmente affrôxados , a fim que caião iguaes quaſi parallélos entre ſi , tendo a ponta do pé hum pouco mais baixa que o calcanhar. *N. B.* o Cavalleiro conſidera-ſe neſta poſição ſem eſtribos. (a)

Eis-

(a) No decurſo deſta Obra ver-ſe-ha a neceſſidade de ter frôxos todos os muſculos , e ligamentos das pernas ; e hum final delles o eſtarem he a ponta do pé (quando ſem eſtribos) eſtar mais baixa do que o talão , ou calcanhar. Sem embargo diſto em varios Picadeiros mandão aos diſcipulos , e ſoldados que levantem a ponta do pé. Que reſulta ?

Eis-aqui em geral a poſtura do homem a cavallo: vâmos agora a circunſtanciá-la parte por parte, fazendo ſobre cada huma as obſervações neceſſarias; e tomaremos para eſte effeito a ordem que me parecer mais conveniente, qual he eſtabelecendo a poſição daquellas partes.

ARTIGO III.

Divisão do corpo do homem em tres partes.

Da parte immovel.

DIvidiremos o corpo do homem em tres partes: duas moveis, e huma immovel: eſta ultima achaſe no meio das outras duas, e ſerve-

Para a levantar he neceſſario hum esforço, e dahi naſce a teſura, pertendendo vencer aquella tendencia natural do pé: vencida ella, note-ſe que as côxas ſe arredondão por dentro, e o joelho ſóbe. Aſſim ſe põem erradamente o diſcipulo, e faz-ſe cahir em hum dos maiores defeitos, e mais contrários a adquirir huma firme poſição.

ve-lhe de apoio por ſer a parte eſſencial que ſe comprehende deſde os quadriz até ao joelho incluſivamente, e eſta deve eſtar ſempre ligada ao cavallo ; iſto he , formar com elle hum ſo , e meſmo corpo , e por iſto ſe chama parte immovel.

Digo que a parte immovel deve eſtar unida ao cavallo ; porque ſem iſto a máquina inteira , á qual ſerve de baſe , não teria nenhuma ſolidez , e hum corpo nunca ſerá firme ſem eſtar aſſim. He preciſo pois , achar os meios de ligar eſta parte ao cavallo , porém ſem uſarmos de força nas côxas como enſinão alguns ; porque primeiramente a força nos muſculos , fá-los diminuir , e apertando-ſe as côxas , eſtas preciſamente ſubiráõ.

2. Os muſculos da parte ſuperior das côxas arredondando-ſe em lugar de aplanar-ſe , embaraçaráõ á parte inferior dellas , e aos joelhos , aſſentarem-ſe na ſella.

3. He impoſſivel empregar força nas côxas, ſem communicar-ſe ás pernas; porque eſtas tem os ſeus muſculos prezos nas côxas, e aſſim todas as vezes que o Cavalleiro emprega força neſtas, cança-ſe logo; e bem ſe ſabe quanto he eſſencial não fatigar o Cavalleiro.

Ha muitas mais razões, que demonſtrão a falſidade do principio de apertar as pernas, que nós veremos adiante.

Igualmente não deve deitar o corpo para traz, a fim de conſervar ſempre unidas as nádegas á ſella; porque o pezo do meſmo corpo, faz levantar os joelhos, e por conſequencia as pernas vão adiante, o que he vicioſo, como demonſtrarei no Artigo das pernas. (b)

Os

(b) Outro erro vulgar nos noſſos Picadeiros, aonde o Picador eſtá ſempre recommendando ao diſcipulo *corpo para traz*, *firme o corpo para traz*: aſſim como *apertar os joelhos*, *pés para dentro*. Quanto iſto ſeja vicioſo, o noſſo A. o demonſtra.

Os ſectarios do que eu quero moſtrar os inconvenientes dirão que he falſo o que digo: que elles inclinão o corpo para traz ſem levantar os joelhos: não nego a poſſibilidade; porém he preciſo para não levantar os joelhos, que ſuſtentem o corpo inclinado para traz, por hum grande esforço que fazem nos rins (vide Eſt. 1. Fig. 1.) Sem iſto faz o effeito de huma potencia A. applicada a huma alavanca, cujo apoio D. eſtá ſobre as nádegas.

Ainda ha outro meio de não levantar os joelhos, quando o corpo eſtá deitado para traz, que he apertá-los com muita força: porém farei huma pergunta ſómente aos que ſeguem taes Principios: ſe he poſſivel eſtar muito tempo a cavallo, fazendo muita força nos rins, ou nos joelhos ſem ficar extraordinariamente cançado?

Refuto igualmente eſtes meios, para propôr outros mais ſimples, que moſ-

moſtrarei ſerem ſufficientes, no Capitulo Segurança a cavallo, e na demonſtração mecanica que alli darei.

Eſte meio conſiſte em huma igualdade de poſição, e união de equilibrio, que ſem ter os inconvenientes dos outros methodos, deixa o Cavalleiro em perfeita liberdade.

Recapitulemos agora a poſição exacta das partes que compõem a immovel, que são nádegas, quadris, côxas, e joelhos.

Já diſſémos que as nádegas devem eſtar bem no meio da ſella, e ſeparadas pelo meio do coxim, formando os dous oſſos o principal ponto de apoio: os muſculos que os guarnecem eſtando fr xos, formaráõ huma baſe tanto mais larga, quanto mais chatos eſtiverem. As duas côxas abraçaráõ o cavallo com igualdade; e quanto mais o abraçarem, tanta maior firmeza daráõ ao Cavalleiro; e quanto mais ellas ſe aproximarem da perpendicular do

ho-

horizonte, tanto melhor o abraçaráõ.

He impoſſivel eſtabelecer o gráo juſto de inclinação, ou determinar o angulo que deve formar a linha da côxa com a vertical do corpo, dependendo a tensão della da ſua conformação, pezo, e particularmente da liberdade do *Femur na cavidade cotiloide*: He pois melhor deixar os joelhos aos principiantes hum pouco mais adiante, do que obrigá-los a empregar os meios da força, e conſtrangimento, para abaixar as côxas, o que lhe faría infallivelmente levantar as nádegas, diminuindo o apoio que o corpo deve fazer ſobre ellas: porém qualquer que ſeja a facilidade que tenha, ou adquira o homem, não deve nunca intentar pôrſe na perpendicular, porque ſería impoſſivel eſtar aſſentado neſta poſição. O verdadeiro Principio que póde dar-ſe, he deixar tomar á côxa a extensão, que o ſeu proprio pezo

lhe

lhe der, affrôxando todos os ligamentos.

Poſtas bem as nádegas ſobre a ſella, eſtando as cóxas bem ſoltas, naturalmente aſſentaráõ ſobre a parte lateral interna, quando lhes não ſervir de embaraço a demaſiada teſura da união, ou ligação do *femur*; em cujo caſo ſerá neceſſario eſperar, que o exercicio ſolte, e dê movimento a eſtas partes, ſem pedir esforços da parte dos principiantes, dando-lhes o principio mal enunciado de voltar as côxas para dentro; *porque ellas não devem eſtar para dentro nem para fóra*: dos esforços que faz o principiante para voltá-las, reſulta enteſar os muſculos, incharem, e embaraçar a firmeza da ponta do joelho, o que não póde ſucceder, ſe a parte ſuperior das côxas (muito mais groſſa que a inferior) eſtiver chata.

Os quadrís eſtaráõ póſtos perpendicularmente, não podendo va-

riar ſem ſucceder o meſmo á parte immovel. (1)

Todas eſtas partes, póſtas ſobre a ſella do modo mais conforme á Natureza, o mais cómmodo, e menos oppreſſivo para o homem, ſerão conſervadas neſta poſição pelo concurſo das ſuas partes moveis. He evidente que poſto o corpo a prumo ſobre as nádegas carregará ſobre ellas com todo o esforço do ſeu pezo, carregá-las-ha o mais poſſivel, e por conſequencia terão maior difficuldade em levantar-ſe; porque quanto mais carregadas eſtiverem, mais ſe calcaráõ, e alargaráõ na ſella.

As pernas abandonadas ao ſeu pezo, ſerão duas potencias que puxando pelas coxas, as farão aſſentar mais; e dar-lhes-hão mais firmeza na ſella. Segue-ſe pois, que quanto mais frô-

(1) Vide Artigo do movimento circular, em que demonſtro a falſidade de avançar o quadril da parte de fóra, mas que ſómente deve cuidar-ſe em que pela força centrifuga não ſaia do ſeu lugar.

frôxas eſtiverem, mais ſe eſtenderáõ, e quanto mais ſe eſtenderem, mais concorreráõ para a firmeza da parte immovel. Aſſim as partes moveis concorrem a fazer firme a immovel.

ARTIGO IV.

Do aſſento.

NÃo confundâmos, como fizerão muitos AA., o aſſento com a parte immovel: iſto he tomar a parte pelo todo. Por aſſento entende-ſe tão ſómente os pontos deſta parte immovel; iſto he, das nádegas, e coxas, que pousão ſobre a ſella.

Não póde augmentar-ſe pois a parte immovel; porém póde augmentar-ſe o aſſento, multiplicando o número dos pontos das nádegas, e coxas que aſſentão ſobre a ſella, e que são verdadeiramente a baſe das duas partes moveis. Como pódem ſervir de baſe ás partes immoveis os

pontos das coxas, que aſſentão ſobre a ſella, ſe o corpo deve ir totalmente ſobre as nádegas; dirão alguns? A eſta objecção reſponderei que attendão a que as pernas eſtando bem frôxas, puxão pelas coxas com todo o esforço do ſeu pezo, e conheceráõ logo que eſte pezo tende a fazer aſſentar as coxas na ſella com muita mais força; e que por conſequencia os pontos deſtas, que aſſentão na ſella, ſe achão carregados com o pezo das pernas: aſſim pode affirmar-ſe que os pontos das coxas, e nádegas que pousão ſobre a ſella, ſervem de baſe á maquina, e formão por conſequencia o que ſe chama aſſento de ſella.

Tanta maior baſe tem hum corpo, tanta maior he a ſua firmeza: donde conclûo, que podemos dizer, que tanto maior aſſento tiver hum homem, tanta maior ſerá a ſua firmeza. Iſto confirma ainda o que acabo de dizer no Capitulo antecedente,

te, ſobre a frôxidão da parte immovel; porque quanto mais frôxos eſtiverem os muſculos deſta parte immovel, mais o pezo da máquina os fará chatos; e quanto mais chatos eſtiverem, tanto maior ſerá o número dos pontos, que pouſaráõ na ſella.

ARTIGO V.

Do corpo, e da ſua poſição.

DEpois de termos viſto em geral a poſição do homem, vamos ver outra vez cada huma das ſuas partes em particular: iſto he, cada huma das partes, que compõem as partes móveis; porque he ſufficiente o que temos dito a reſpeito da immovel.

Eu chamo corpo a parte do homem, que fórma o *tronco*, comprehendida da cabeça até os quadrís.

Já vimos no Artigo precedente, que pondo-o verticalmente, ſervia a firmar o aſſento de ſella: eſta he pois hu-

huma razão para tê-lo ſempre a prumo, e perpendicular ſobre as nádegas (1); porque eſta poſição lhe he natural. Todo o corpo de qualquer eſpecie que ſeja, que quizermos pôr firme, deve eſtar ſempre a prumo ſobre a ſua baſe; porque quando ſahe della, he preciſo forças eſtranhas para ſuſtentá-lo, e embaraçá-lo a cahir para a parte da ſua inclinação (*vid. Eſtampa* 2. *Figura* 1.) Se puzerem o corpo CD, perpendicular ſobre huma baſe horizontal AB, de ſorte que CD forme com AB dous angulos rectos, he evidente que o corpo CD eſtará em equilibrio. Ao contrario ſe ſobre a baſe AB, horizontal, ſe elevar obliquamente o corpo OD, de ſorte que OD forme com AB dous angulos deſiguaes, he evidente que o corpo OD ſeguirá a ſua inclinação,

(1) Bem entendido que he a vertical do corpo, que deve eſtar perpendicular; porque o corpo do homem não póde eſtar nunca em huma linha recta.

ção, e cahirá ſobre a extremidade B da baſe AB, a menos que não ſe lhe opponha hum arrimo P. 2., que eu compáro á força, que o Cavalleiro ſerá obrigado a empregar nos rins, ſe o ſeu corpo eſtiver na direcção OD.

Como já demonſtrâmos, e demonſtraremos ainda, que toda a força a cavallo não val nada; baſta iſto para deſtruir todo o principio, que não põem o corpo perpendicular. (1)

AR-

(1) He eſſencial para o alinhamento de huma Tropa ter huma poſição de corpo igual, e uniforme; os que dão o principio de inclinar para traz a parte ſuperior do corpo, devem pois determinar o angulo, que querem fazer-lhe formar com a linha horizontal; ſem iſto não ha regra ſegura, porque ha cem mil obliquas, e ſó huma perpendicular.

ARTIGO VI.

Das pertendidas ajudas do corpo.

PO'de ver-ſe no que acabo de dizer, que eu reputo má toda a ajuda, e movimento do corpo; julgo não ter neceſſidade de demonſtrar mais a falſidade dos principios, que as recommendão: porém defiro para a ſegunda Parte, no Capitulo dos paſſos de lado, a demonſtração da inutilidade deſtas pertendidas ajudas, ainda quando ellas não foſſem más.

Mr. Bourgelat eſcreveo com tudo: „ as ajudas do corpo contribuem, „ e ellas ſó baſtão a conduzir geo- „ metricamente á união das ajudas „ das mãos, e das pernas. „ Que quer dizer geometricamente neſta occaſião? Mr. Bourgelat não nos explicou o ſentido deſta fraſe burleſca, e enigmatica, e ninguem a explicará. (c)

AR-

(C) Com tudo eſtas ajudas do corpo, são

ARTIGO VII.

Da cabeça.

A Cabeça deve eſtar direita, porém ſem oppreſsão, nem affectação: defeito commum a muitos, que procurando trazer ſempre a cabeça para traz, adquirem huma teſura no peſcoço, cujo habito lhes cuſta a largar, e põem ſe aſſim o Cavalleiro em hum ar oppreſſivo; e por conſequencia má figura. Todas as recommendações, que lhe fizerem para terem todas as ſuas partes ſempre em liberdade, ſerão poucas; e ſem eſta, demonſtraremos, que não póde haver exactidão, e igualdade.

AR-

aquellas, que continuamente vemos praticar aos noſſos Picadores, para fazer ladear os cavallos, e outros manejos.

ARTIGO VIII.

Dos braços.

OS braços fazem parte da máquina, e devem por conſequencia eſtar em huma natural liberdade: a ſua differente poſição póde concorrer, ou offender ao equilibrio do corpo, fazendo o effeito de huma balança; pois aquelle que ſe apartar muito do corpo, neceſſariamente fará inclinálo para o outro lado: não deve tambem apertá los nunca; porque todas, e quantas vezes ſe tem intentado colá-los ao corpo, tem ſido contra a Natureza. Não ſómente devem eſtar livres, naturaes, e frôxos, como dependentes de hum corpo, de que todas as partes o devem eſtar, a fim de conſervar hum equilibrio perfeito; mas ainda he preciſo que eſtejão com toda a facilidade de executar as ſuas funções. Toda a acção, ou

ou exercicio que he opprimida, não póde produzir hum effeito certo, nem exacto: eis-aqui porque eu quero que os braços caião naturaes, e como por ſi meſmo. (d)

Ha Meſtres que tem feito trotar os principiantes até com varas debaixo dos braços, para acoſtumá los a ter os cotovêlos unidos, intentando dar-lhes por eſte modo mais gentileza: tudo o que poſſo dizer deſtes principios, he que os ſeus Authores não

(d) He incrivel o ridiculo modo, com que os Picadores põem os Diſcipulos a cavallo, e a triſte figura que lhe fazem adquirir. Dando-lhes hum cavallo novo, e fazendo-lhes pegar nas rédeas cada huma em diverſa mão, geralmente lhe põem a de fóra ſeparada do corpo quaſi eſtendida para diante, e muito levantada, com as unhas para baixo; e a de dentro baixa, e collada ao corpo até o cotovêlo, fazendo o antebraço hum angulo quaſi recto, com a parte que vai do hombro ao cotovêlo: outras vezes eſtendida puxando a rédea á côxa, e eſtá ſempre mais tomada do que a outra. Note-ſe como he poſſivel guardar aſſim o equilibrio, e fazer trotar direito hum cavallo; e hum cavallo novo!

não conhecem a ſignificação da palavra *grace*, e não attendem a que fazendo unir os cotovêlos, põem ligaduras em huma parte que devem fazer mover.

Outros não menos inſenſatos, fazem trotar os ſeus Diſcipulos com as mãos nas coſtas; porque aſſim intentão acoſtumá-los a recolher os hombros, e a não ſe firmarem com ellas. O fim he bom: he muito eſſencial que o principiante aprenda a andar direito, e não pegar-ſe ás redeas; porém pondo lhe as mãos nas coſtas enteſão-ſe, e voltão-ſe os hombros. Eſte defeito he grande, contrahe ſe facilmente, e cuſta a emendar: podem-ſe acoſtumar os principiantes a ter os hombros direitos, recommendando lho muitas vezes; e pódem ſe tambem acoſtumar a não pegar-ſe ás redeas, trazendo os braços para diante, antes do que nas coſtas, e até fazer-lhes abandonar de tempos em tempos, as meſmas redeas.

Fi-

Finalmente os braços são para manobrar, e trabalhar, e não podem fazê lo com igualdade, ſenão eſtão inteiramente livres; pois que para operar he preciſo trabalhar com todas as ſuas partes, tendo ſómente no hombro o ponto de apoio, ſem communicar-lhe a menor força, aſſim como a nenhuma parte do corpo.

ARTIGO IX.

Das mãos.

AS mãos tem muitas funções differentes, a cavallo. Nos Potros que não eſtão ainda enſinados, occupão-ſe ambas; porém no cavallo embòcado, e meſtre, occupa-ſe ſó a eſquerda no governo do freio, e a direita póde empregar-ſe em outro qualquer uſo; como pegar na eſpada, piſtola, &c. Nós veremos a poſição da mão com as redeas do freio: aqui ſupponho-as ambas pegando no

bri-

bridão, ou cabeções. Cada mão deve pegar em huma redea com as unhas para baixo, poſtos os dedos pollegares no chato dellas quaſi voltadas huma para a outra, baixas as munhecas, e braços meios eſtendidos; ſe o eſtiveſſem totalmente, eſtarião teſos, e o cavallo com hum golpe de cabeça hum pouco forte, puxaria pelo corpo do Cavalleiro para diante: ſe eſtão muito dobrados, quando o Cavalleiro tem neceſſidade de fazer tempos de parada, ficaráõ opprimidos na ſua acção, e ſerão obrigados a retirarem-ſe para traz do corpo.

ARTIGO X.

Do eſpinhaço, e rins.

OS Eſpinhaço he compoſto de muitas vértebras, poſtas humas ſobre as outras, e artificialmente encaixadas, ainda que dotádas de muita

ta flexibilidade. Eſta columna vertebral occupa todo o comprimento das coſtas do homem, e ſerve a ſuſtentar o ſeu corpo: eſte póde mover-ſe em todo o ſentido, e principalmente na extremidade inferior chamada *rins*, formados pelas vértebras chamadas *lombares*. Reduzâmos a quantidade dos movimentos de que he ſuſceptivel (e que são tão numeroſos, como os raios que podem tirar-ſe de hum centro a ſua circunferencia) a quatro principaes: que são, para diante, para traz, á direita, e á eſquerda; o que occaſiona quatro movimentos do corpo: que são, para diante, ou para traz, inclinado á direita, ou á eſquerda.

O homem a cavallo não deve pois conhecer mais do que eſtas quatro funcções dos rins: as ultimas duas não devem empregar-ſe ſenão nos movimentos circulares, ſe o cavallo ſe inclina: vejamos como o Cavalleiro póde empregar as duas primeiras.

O

O cavallo he ſuſceptivel de muitos movimentos, ſaltos, e contratempos, nos quaes vindo a mudar a poſição do ſeu corpo, e não ficando já parallélo ao horizonte, a ſua linha vertical acha-ſe mudada relativamente ao ſeu corpo: o Cavalleiro deve, por conſequencia, mudar a ſua, e pôr o corpo para diante, ou para traz, ſeguindo a poſição que tomar o cavallo, e buſcar ſempre huma, na qual a ſua linha vertical, e a do cavallo, formem huma ſó recta; porque ſem iſto (como farei ver) não haveria união entre os dous córpos.

Eſtes movimentos do corpo, ſeja para diante, ou para traz, devem operar-ſe pelo meio de huma grande flexibilidade nas ultimas vertebras lombares. A curva deſtas deve ſempre conſervar-ſe mais, ou menos; a fim de ter a cintura para diante, e ſervir de arcobotante contra alguns movimentos irregulares do cavallo, que farião lançar o corpo para diante,

te; tal como por exemplo, huma parada repentina: porém como já diſſemos eſta inclinação deve ſer muito pequena, e fazer-ſe ſó no fundo das eſpádoas; e quanto mais abaixo ſe fizer, melhor ſe conſeguirá o ſeu fim, ou objecto.

ARTIGO XI.

Das pernas.

As pernas formão a ſegunda parte movel: nós já vimos que eſtando frôxas, e cahidas naturalmente, o ſeu pezo ſerve a firmar a parte immovel na ſella. Eu vou demonſtrar que a ſua poſição eſtando frôxas, he a mais vantajoſa para as ſuas funções.

As pernas ſervem de ajudas, como veremos; e pelo toque que fazem na barriga do cavallo, he que lhe fazem conhecer a vontade do Cavalleiro: quanto mais perto eſtiverem

da parte em que fazem as ſuas funções, mais bem poſtas eſtaráõ; porque ha caſos aonde he preciſo que eſtejão promptas a ſoccorrer o cavallo, mas brandamente ſem pancada: eſtando frôxas cahem directamente junto ao ventre do cavallo, e defronte do ſeu centro de gravidade. Eſta pois he a poſição mais vantajoſa, tanto para a firmeza da parte immovel, como para as ſuas funções.

Póſtas aſſim entre a eſpádoa, e ventre do cavallo, ver-ſe-ha que he a poſição mais cómmoda para o Eſquadrão. Deve pois haver huma grande liberdade na curvação do joelho, a fim de que as pernas tomem de ſi meſmo a poſição da ſua vertical, que trabalhem brandamente, e que conſervem ſempre as ſuas funções, relativamente á parte immovel. (*)

AR-

(*) Geralmente na poſição das pernas, ha hum grande defeito nos noſſos Picadores, que mandáo deitar o calcanhar para fóra, e con-

ARTIGO XII.

Dos pés.

OS pés devem eſtar parallélos entre ſi, e ficaráõ aſſim naturalmente, ſe as coxas, e pernas eſtiverem ſobre o ſeu chato; porém não eſtando he inutil, e meſmo perigoſo, procurar voltar os pés; porque não póde fazer ſe ſem eſtropiar o tornozelo: aſſim ſe o voſſo Cavalleiro tiver os pés para fóra, vereis geralmente que as coxas, e pernas não eſtão como devem.

Com tudo ha peſſoas que tem os pés para fóra a cavallo, ainda que as coxas, e pernas eſtejão voltadas; mas não direi que iſto he defeito da configuração; porque he muito raro; ſem embargo do que diz Mr. Jaucourt, no Artigo *marcha* da Ency-

trafazer terrivelmente o pé no tornozêlo. Vide Theroux, Gueriniere, e Berenger.

clopedia: porém direi que he hum máo habito contrahido na infancia. Quando ſe enſinão os meninos a andar, ſuccede muitas vezes que fazem voltar lhe os pés para fóra, ſem attenção aos joelhos: daqui naſce eſte máo habito tão deſagradavel á viſta, e pernicioſo a cavallo; porque aſſim, por pouco que as pernas ſe unão a eſpora toca o cavallo, e hum homem com os pés para fóra, ſería muito incómmodo no Eſquadrão: he neceſſario tratar de reformar eſte habito, recommendando muitas vezes ao Cavalleiro que affrôxe o cóllo do pé, a fim que á força de tempo, os ligamentos, e muſculos, tornem a tomar a ſua acção natural; e eſtando o pé bem frôxo, a ponta deſte ſe achará hum pouco mais baixa que o calcanhar (conſidero ſempre o Cavalleiro ſem eſtribos.) *Vide nota* (a).

Da

Da ſegurança, ou firmeza a cavallo.

O Primeiro objecto que devemos ter na idéa quando ſe põem hum homem a cavallo, ou quando damos principios para os pôr, he de dar-lhe huma poſição, na qual tenha conſiſtencia, e firmeza; porque toda a poſtura em que não póde provar-ſe que elle terá ſegurança, deve reputar-ſe má. Eu diſtingo duas eſpecies de ſegurança; huma chamo verdadeira, a outra falſa.

Na poſição que acabo de deſcrever, já ſe vio o equilibrio do corpo do homem: eſte aprumo, e equilibrio, he que formão a verdadeira ſegurança; pois pela correſpondencia, e união de todas as partes do corpo, he que a máquina ſe conſerva neſta poſição: logo todas as vezes que qualquer dellas não tem funções, e não coopera para eſte equilibrio perde-ſe, e a verdadeira ſegu-

ran-

rança ceſſa de exiſtir: perdido o equilibrio, a máquina cahiria ao menor movimento, ſenão lhe ſubſtituiſſem forças de preſsão; e a eſtas forças, he que eu chamo falſa ſegurança. Digo falſa, não porque julgue impoſſivel que com ella ſe poſſa ficar a cavallo; mas porque nella, o Cavalleiro não he ſenhor de ſi, e todas as ſuas partes eſtão em contracção no inſtante em que as operações dos ſeus braços, e pernas, lhe são mais neceſſarias para governar o cavallo, e oppôr-ſe ás deſordens a que elle ſe abandona.

Conſidere-ſe hum homem neſte caſo, por pouco que ſalte o cavallo levantando-ſe, como o Cavalleiro tem as nozes dos rins extremamente tezas o corpo vai para traz; e logo que foge para traz apega-ſe ás redeas, aperta as côxas, e entéza as pernas. Se o cavallo ſaltando dá couces, como os rins não tem movimento, deita o corpo para diante, levan-

ta as nádegas, aperta os joelhos, e hindo o corpo para diante infallivelmente os calcanhares hão de chegarſe á barriga do cavallo. Tudo iſto infallivelmente ſuccede ao homem que emprega a força para ſegurar ſe; e he facil de comprehender o máo effeito que deve produzir a firmeza das mãos, e eſpóras na barriga do cavallo, no momento em que falta. Eisaqui porque muitas vezes o cavallo, em lugar de ſocegar-ſe depois do primeiro ſalto, ou couces, os repete, e ſe defende por muito tempo: caſtiga-ſe o cavallo, attribue-ſe-lhe a falta, ſem reparar-ſe que a ignorancia do Cavalleiro he a cauſa. (e)

Conſiderêmos a ſegurança a que eu

(e) Nós não conhecemos outra ſegurança mais que a da força, e as meſmas noſſas expreſsões o dizem. Eſta ſegurança he a que o noſſo A. juſtamente chama falſa, pois apertando ſe os joelhos, já mais póde haver galhardia, liberdade, aſſento, e meſmo equilibrio; e perdido eſte he muito difficil ganhar a ſella outra vez.

eu chamo verdadeira: conſiſtindo eſta ſó no equilibrio, os braços, e pernas que conſervão a liberdade, trabalhão o cavallo, e oppõem ſe as ſuas deſordens. Deſte modo o animal achando ſempre obſtaculos ás ſuas loucuras, e não tendo da parte do Cavalleiro cauſa que o excite, não póde duvidar-ſe que debaixo de hum tal homem póſſa corrigir ſe; em quanto ao contrario debaixo de outro, excitando o tudo, a livrar-ſe de hum pezo que o opprime pela ſua falſa poſição, ſó virá a ſer pacifico quando lhe faltarem as forças.

Não me perſuado porém que a verdadeira ſegurança he facil de adquirir, e que baſta affrôxar-ſe para eſtar firme: não he iſto o que quero dizer; porque em tudo he preciſo uſo; e a arte de montar a cavallo requer muito. Para ter a verdadeira firmeza he preciſo que o Cavalleiro eſteja perfeitamente bem poſto, ſem nenhum temor: eſta he a razão por

que

que toda a attenção com os principiantes nunca ſerá exceſſiva nas Eſcólas, para conduzí-los pouco a pouco; porque dando-lhes nos primeiros dias hum cavallo que ſalte, obrigá-los-hão, a ſeu pezar, a recorrer á falſa firmeza, e ſe abandonarem eſta, he indubitavel que cahiráõ no chão. Depois de adquirirem huma boa poſição a cavallo, então he que ſe exigirá delles, tenhão ſegurança, e firmeza.

Ninguem póde liſongear-ſe de chegar á perfeição: por conſequencia póde muito bem ſucceder, ſem eſperar-ſe, que hum excellente Cavalleiro ſeja deſcompoſto por hum ſalto ineſperado: huma vez perdido o equilibrio da máquina, he indiſpenſavel uſar da força: porém neſte caſo recommendo-lhe que a empregue ſó nas partes aonde he neceſſaria, e a quantidade que for preciſa para ſuſtentar-ſe; affrôxando logo que a borraſca acabar, e que ſe ſentir aprumo.

O grão de ſegurança he maior, e menor: o que tem mais he aquelle que ſe ſoccorre menos vezes da falſa. Finalmente ſegurança naſcida de força, he muito falſa; porque toda a gente que cahe de hum cavallo ſe ſerve della.

Quando ſe chega a eſtado de montar cavallos ſaltadores, he preciſo ter montado muito; porque aſſim he que ſe adquire ſegurança, reſolução, e liberdade.

ARTIGO XIII.

Da exacção, e deſembaraço.

CHama-ſe exacção, o perfeito equilibrio que faz ligar o homem a cavallo, pelo pezo, e contrapezo de todas as ſuas partes, ſem recorrer a forças eſtranhas que o cançaráõ muito, e das quaes não ſerá poſſivel fazer uſo muito tempo.

Sómente neſta exacção, he que pó-

póde achar-ſe a facilidade: iſto he, aquella liberdade em todas as partes do corpo, que permitte ao Cavalleiro fazer dellas o uſo que quer. Ha hum principio verdadeiro, e reconhecido por todos os Meſtres ſabios, de exercicio do corpo: o qual he, que a maior exacção produz a maior facilidade, e reciprocamente a maior facilidade, a maior exacção.

ARTIGO XIV.

Da graça, ou galhardia.

ESTes dous Artigos ſeguem-ſe, pela grande analogia que tem entre ſi: Chama-ſe graça, huma certa facilidade em todas as partes do corpo, que as faz obrar com hum concerto que liſongêa a viſta. Não ſei que poſſa definir-ſe debaixo de outro ponto de viſta, o que ſe chama graça.

Eſta não a póde conſeguir toda a gente: todos os dias ſe eſtá vendo

peſ-

ſoas muito bem feitas, a quem não póde achar ſe defeito, e que com tudo não liſongeão a viſta tanto como outras: eſta qualidade he dádiva da Natureza, que ſó póde ajudar ſe com a Arte. Eſta conſiſte em dar facilidade a todas as partes que compõem a máquina; porque toda a poſtura opprimida he deſagradavel á viſta.

ARTIGO XV.

Das diſpoſições.

EU pertendo provar que todos podem montar a cavallo; mas quando digo todos, exceptúo com tudo os que forem mal configurados; taes como hum homem que tiveſſe huma coxa, ou perna, maior que a outra, &c.

Quantas, e quantas vezes ſe abandonão Diſcipulos nas Eſcólas com o receio de não poder fazê-los Cavalleiros! verdade he que ha muitos homens,

mens, e meſmo a maior parte, que terão ſempre má figura, e montaráõ mal a cavallo em ſemelhantes Eſcólas: porém não ſe diga que he *por falta de diſpoſições*, diga-ſe antes que he *por falta de bons principios*: põem-ſe eſtes infelices em huma poſição na qual eſtão conſtrangidos, e opprimidos: como he poſſivel ſe conſervem nella, e tenhão graça? O pequeno número que a conſegue, he o que foi dotado pela Natureza, de huma flexibilidade, e liberdade, que lhe fazem toda a poſição facil, ou que tem adquirido eſta liberdade, ou pertendidas diſpoſições pelo grande uſo. Sabe-ſe que o número deſtes he pequeniſſimo, e ſería deſgraça que ſete partes dos que montão a cavallo, não a podeſſem conſeguir.

Na poſição que eu eſtabeleço, todos podem montar a cavallo, pois que todos tem hum corpo, coxas, e pernas; e que ſó o pezo, e contrapezo de todas eſtas partes, he que for-

formão o equilibrio. Todos podem affrôxar os muſculos: iſto he, diſpenſar-ſe de empregar a força, e por conſequencia todos os pezos concorreráõ, e cooperaráõ para a boa ſegurança. Como eſta frôxidão baſta para montar a cavallo, e todos podem conſegui-la; conclûo que todos podem ter firmeza: por eſte meio, o que tem as côxas redondas (1) póde pô-las chatas, e em lugar de rolarem ſobre a ſella, firmarem-ſe nella pelo ſeu proprio pezo; e como eſte augmenta quando ellas ſão mais groſſas, ſerá tambem maior a ſua ſegurança.

Não conheço outras diſpoſições mais, a não ſer a maior, ou menor li-

(1) Mr. du Paty na ſua ultima obra, diz ſerem incapazes para montarem a cavallo os que tem pequenas coxas: com tudo eſte A. ha de fazer huma excepção a ſeu favor, pois que tem pertenções a conhecer a Equitação, e que a Natureza o dotou de huma pequena figura.

liberdade natural, que he o que ſe chama graça.

ARTIGO XVI.

Das ajudas em geral.

CHamão-ſe ajudas, as advertencias de que ſe ſerve o Cavalleiro, para fazer conhecer ao cavallo as ſuas vontades. A imperfeição da Arte na ſua origem multiplicou-as ao infenito. (1) Nota (f)

O

(1) Mr. Bourgelat conhece huma infinidade de ajudas, que eu julgo não ſó inuteis, mas falſas, e contrarias aos principios da poſição, e firmeza do Cavalleiro. Taes são as dos jarretes; porque para apertar os joelhos perde-ſe o aſſento, e entesão-ſe as pernas. O apoio firme ſobre os eſtribos, não ſe póde ler ſem perder o apoio ſobre as nádegas, e por conſequencia mudar huma baſe que deve ſer invariavel.

(f) Eis-aqui o que enganou o A. do Tratado de Tactica, para fallar em multiplicidade de ajudas, que a Arte bem entendida deſconhece, e ſimplificou. Eſtas são as meſmas para o Picadeiro, que para o campo, e ſe

O cavallo enſinado, como direi ainda, não deve conhecer ſenão duas, a mão, e pernas do Cavalleiro. Eſtas são as unicas de que ſe tratará neſta primeira parte; porque o Cavalleiro que eu ſupponho inſtruido, não eſtará muito tempo no caſo de ſervir-ſe de outras ajudas a que nós recorrêmos para enſinar o cavallo, e que terão ſeu lugar na ſegunda parte: baſta ſómente explicar-lhe aqui, os meios que deve empregar, para formar (ſe poſſo explicar me aſſim) as ſuas perguntas ao cavallo; e obrigá-lo a reſponder a ellas, pelo caſtigo que deve ſeguir-ſe á renitencia das ajudas.

Sempre ſe tem conſiderado o corpo, côxas, e barriga das pernas como ajudas, eu nego que poſsão sê lo; porque depois da poſição que já

são ſimples devem ſer iguaes ao Picador, e ao ſoldado, para governar o ſeu cavallo. Tendo tido eſte Official o noſſo A., he de admirar que o não lêſſe, ou não entendeſſe; ſó ſenão tem praticado eſta Arte.

já deſcrevi, eſtas partes devem eſtar ſem forças.

Já demonſtrei no Artigo do corpo, a falſidade das ajudas que provém delle: demonſtrarei agora a ſua inutilidade.

Já fiz ver o perigo de apertar as côxas, e barrigas das pernas: ao contrario demonſtrarei a neceſſidade de ter eſtas partes frôxas, a fim de obter o ſeu pezo, e julgo eſtas razões ſufficientes para não reconhecer nenhuma eſpecie de ajuda que provenha do corpo, côxas, e jarretes: as unicas ajudas boas, e verdadeiras são as pernas, e freio.

Digo que as ajudas das pernas são boas; porque ſendo huma parte movel, podem trabalhar ſem deſtruir o equilibrio, com tanto que não empreguem nenhuma força nas ſuas operações: conſidero tambem o freio como ajuda; porque ſerve muitas vezes para advertir o cavallo, ſem caſtigá-lo nem obrigá-lo.

Modo de ſervir-ſe das pernas como ajuda, e caſtigo.

PElo toque das pernas no ventre do cavallo, he que ellas vem a ſer ajudas, ſegundo a poſição que temos dado a eſtas: eſtando frôxas entre a eſpadua, e o ventre do cavallo, os ſeus primeiros pontos; iſto he, a barriga dellas tocão o animal; e eſta poſição he favoravel, porque eſtão promptas a obrar ſem pancada, e em circunſtancias de operar ſobre o objecto que devem mover, que he o centro da gravidade do cavallo.

Para ſervir-ſe das pernas, he preciſo que a curva deſtas ſeja muito flexivel, a fim de podê-las aproximar por gráos, e não por pancada: ſem iſto os effeitos são como as cauſas: o cavallo reſponde como de repellão, fica ſurprendido, e aſſuſtado, e os ſeus movimentos são irregulares.

Sup-

Supponhamos a perna dividida em tres partes, que chamaremos gráos: o primeiro ſerá da articulação do joelho até ao meio, pouco mais ou menos, da barriga das pernas: o ſegundo daqui até o calcanhar; e eſte ſómente ſerá o terceiro, o qual ſervirá de caſtigo, mas empregando-ſe ſó ſucceſſivamente; iſto he; quando os primeiros dous gráos não produzirem effeito ſufficiente.

Dividiremos ainda o primeiro, e ſegundo gráo, em tres pontos: bem entendida eſta divisão, ſervir-ſe-hão das pernas do modo ſeguinte.

Quando quizerem fazê-las operar, principiaráõ dobrando o joelho com huma flexão branda, para fazer tocar o primeiro ponto do primeiro gráo; e ſe eſta ajuda faz obedecer o cavallo, ſuſpender-ſe-ha aqui; mas ſe eſta não fizer effeito, empregue-ſe o ſegundo; e ſe eſte augmento não baſta recorre-ſe ao terceiro ponto: o

lhas ſentir vigoroſamente de traz das cilhas, e deixar lhas eſtar algum tempo para que as ſinta; porém não ha de ſer tanto que o obrigue a defender ſe; e depois que tem produzido o effeito que ſe eſperava, as pernas devem retirar-ſe na progreſsão inverſa da que ſe ſeguio para as fechar. Ainda que no Artigo precedente não fallemos ſenão de huma perna, bem ſe vê que a meſma divisão he para as duas.

Quando tratarmos do modo de conduzir o cavallo, indicaremos as occaſiões em que devem trabalhar, e operar igual, ou deſigualmente.

O principiante não deve levar eſpóras; porque as ſuas côxas, e pernas pouco firmes, abalar-ſe-hião a cada pancada de trote, e trazendo aſſim eſpóras, picarião o cavallo, o que ſeria muito perigoſo: e conſtrangendo-ſe para o não fazer, enteſaria as pernas, e cahiria nos inconvenientes ditos.

He

He preciſo tambem dobrando o joelho, ter cuidado que os muſculos não ſe enteſem nada, e que ſe ſinta ſempre o pezo das pernas, por todos os pontos por onde paſsão. Como eſta acção dellas he huma advertencia ſómente ao cavallo, he preciſo não as apertar, e ſó fazer-lhes tocar a barriga levemente.

ARTIGO XVIII.

Modo de ſervir-ſe do freio como ajuda, e caſtigo.

O Freio ſerve igualmente como ajuda, e caſtigo: a mão eſquerda he deſtinada a pegar nas redeas delle, a fim de deixar livre a direita para outro qualquer uſo; tal como o de combater: razão, porque

He preciſo que o Cavalleiro ſaiba com eſta mão ſó fazer executar ao ſeu cavallo todo o movimento

to de que o freio he ſuſceptivel, para dar-lhe advertencia.

A poſição mais cómmoda da mão para o Cavalleiro, e para a igualdade das operações do freio, he geralmente a ſeis polgadas do corpo, e elevada a quatro ſobre o cóllo do cavallo: a mão deve eſtar mais baixa que o cotovêlo; fechada de modo que os nós dos dedos eſtejão directamente por cima do cóllo do cavallo, com as unhas voltadas para o corpo, e o dedo minimo mais perto delle que os outros: o pollegar ſobre o chato das rédeas, que devem eſtar ſeparadas pelo minimo paſſando por ſima a rédea direita. Eis-aqui a poſição que deve ter a mão eſquerda; a qual he a mais facil para ſentir as duas rédeas com igualdade, e a que deve ter hum homem que monta hum cavallo enſinado.

Quando ſe monta em particular hum cavallo novo, ao qual ſe enſina a conhecer as rédeas, ou hum

ca-

cavallo que ſe defende, não ſujeitarei nunca a huma poſtura fixa áquelle que eſtiver em eſtado de o montar; pois lhe deve ſer permittido tomar as licenças preciſas, e aquella poſição de mãos com que lhe ſeja mais facil operar.

Poſta a mão como acabo de dizer, o Cavalleiro deve ſentir a boca do ſeu cavallo; iſto he, ſentir o apoio do freio ſobre os queixos, ſem que com tudo o freio faça hum effeito, que conſtranja o animal; mas ſómente para eſtabelecer hum ſentimento contínuo, entre a mão do homem, e a boca do cavallo.

Já diſſe na definição das ajudas, que ſe chamava aſſim tudo o que advertia o cavallo, das intenções do Cavalleiro: por exemplo; quando ſe faz obrar ligeiramente a rédea direita para indireitar o cavallo para eſte lado, he huma advertencia para ir para a direita; e eſtas advertencias são ſufficientes para o cavallo bem

poſ-

posto: porém se repugna, então augmentando a força da rédea direita, e fazendo lhe sentir huma dôr sobre esta queixada, obrigá-lo-ha a responder ao que vós lhe pedís. Assim he que se faz do freio huma ajuda, ou hum castigo, segundo a força, que se emprega nelle.

Estabelecida a posição da mão do freio, vejâmos o modo, por que deve trabalhar. Como supponho sempre, que quando se péga no freio com a mão esquerda na posição que acabo de descrever, se trabalha hum cavallo ensinado, os movimentos da mão devem ser muito ligeiros; porém por mais ligeiro que seja o movimento da mão, o braço deve sentí-lo, e obrar em proporção: os que não querem trabalhar com o antebraço sempre estão opprimidos nos seus movimentos. He preciso para trabalhar com liberdade, que o braço tome o seu ponto de apoio no hombro, sem communicar-lhe nenhuma força.

Quan-

Quando ha neceſſidade de ſuſpender ou diminuir o movimento, ou marcha do cavallo, as duas rédeas devem operar igualmente, e a munheca trabalhar; não debaixo para ſima, nem horizontalmente, iſto he, direito ao corpo; mas bem na direcção da diagonal do quadrado, formado pela linha horizontal, e a perpendicular. (*Vede Fig.* 2. *Eſt.* 1.)

Demonſtração.

A Força ſuppoſta no ponto B, não deve obrar nas direcções BA, nem BC, mas na direcção BF. Se o cavallo levanta o bico, e neceſſita fazê-lo recolher, a mão deve aproximar-ſe de BC: ſe ao contrario encapóta, a mão deve aproximar-ſe de BA. Eu darei a razão diſto no Capitulo da embocadura.

Todos os tempos de paradas devem fazer-ſe por graduação (1) e pro-

por-

(1) Eſta brandura de mão he muito neceſ-

porcionar-ſe á ſenſibilidade do cavallo; porém augmentar a ſua força até á dôr da barra para ſervir de caſtigo no caſo de reſiſtir.

Quando depois de ter feito hum tempo de parada, o Cavalleiro abranda a mão, deve obſervar a meſma brandura, cedendo-a pouco a pouco, e á proporção que conhecer póde fazê-lo ſem que o cavallo ſe deſordene.

Ha muitos cavallos bem enſinados, que em lugar de parar, e obedecer a hum tempo de parada, ao contrario buſcão apoiar-ſe ſobre a mão do Cavalleiro, e partir: iſto procede commummente de que o Cavalleiro não conhece que a força que emprega nas mãos, ſe communica as ſuas côxas. (1) Eſte defeito he commum

---

ſaria; porque os movimentos della de facão he que arruinão os cavallos, lançando-lhe a maſſa ſobre os jarretes.

(1) Os cavallos que tem ſenſibilidade: o que tem quaſi todos os Potros ſufficiente para perceber a teſura, e força que os Caval-

mum a todos os principiantes : he preciſo pois acoſtumá-los, e recommendar-lhes muitas vezes, a acção da mão ſem communicar força á parte immovel; porque quando eſta recebe força, neceſſariamente ſe deſordena, e muitos cavallos sáo dotados de tanta ſenſibilidade, que eſta deſordem ſe lhes communica.

Poſta a munheca, como já diſſemos, ſe tenho neceſſidade de ſentir a rédea direita, arredondarei hum pouco o punho, voltando os nós dos dedos para dentro ſem o levantar: ſe quero ſentir a eſquerda, volto hum pouco as unhas para ſima. (h)

A'

leiros empregão na ſua parte immovel: faz-ſe ſentir nas pernas, e eſta dá incerteza, e ardor ao cavallo.

(h) Eis-aqui hum dos maiores defeitos dos noſſos Picadores, que enſinão (ainda que apoiados em alguns Authores antigos) neſta parte abſurdamente os ſoldados, a quem os cavallos ſó reſpondem pelo habito. Lembremo-nos que o cavallo volta para a direita quando ſe toma, ou enteza alguma couſa a rédea direita; porque ſentindo huma dôr no aſſento

Demonſtração mecanica da melhor poſição do homem a cavallo, por Mr. de Auvergne Tenente Coronel de Cavalleria, Commandante da Equitação da Eſcola Real Militar.

A União, o equilibrio, e o movimento, ſendo objecto da Mecanica, he evidente que a Arte de Cavalleria deve ſeguir as ſuas leis; ás quaes ſe tiveſſemos recorrido, ha mais tempo, teriamos evitado os erros a que hum caminho equivoco nos conduzio: porém tal he o eſpirito humano! humas vezes chega á demonſtração de verdades as mais abſtractas, outras erra junto ás mais ſimples.

Em todos os ſeculos os homens ſe applicárão á Arte de Cavalleria; tem havido práticos Meſtres; methodos, e volumes em folio. Mr. de Luberſac foi o primeiro que teve alguma idéa dos principios naturaes, e me-

e mecanicos deſta Arte : hum dos ſeus Diſcipulos , cuja reputação he ſuperior ao que poſſo dizer delle , juntando conhecimentos mathematicos á pratica mais ſeguida , fez em fim ha alguns annos a demonſtração ſeguinte.

Demonſtração.

O Centro da gravidade do homem eſtá em huma linha vertical , que vem do alto da cabeça terminar no oſſo-Pubis (1). O centro da gravidade do cavallo eſtá em huma linha vertical , que principía no meio do *Dorſo* do animal , e termina na ponta do *Sternum* (2).

He preciſo que o homem eſteja poſto a cavallo de modo , que a linha vertical em que eſtá o centro da

(1) O oſſo-Pubis faz parte dos oſſos *Ileons*, que formão a bacia do eſqueleto.

(2) O *Sternum* , he huma porção óſſea , e cartaliginoſa , ſituada na parte inferior do Thórax , ou do peito.

ſua gravidade ſe ache directamente oppoſta á linha vertical do cavallo, na qual ſe encontra tambem o centro de gravidade delle, confundindo-ſe ambas em huma ſó linha recta: por conſequencia os dous córpos eſtaráõ em equilibrio. Em todos os movimentos do cavallo, mudando eſte a ſua linha vertical, a do homem deve mudar tambem, para formarem ambas huma ſó recta: ſe ellas formaſſem hum angulo, os dous córpos chocarião a cada inſtante, e por conſequencia perderião parte da ſua força, e velocidade. (axioma)

O que acabâmos de dizer he pelo que reſpeita á poſição do corpo ſómente: ſe eſte não tiveſſe nada que o conſervaſſe em equilibrio, cahiria ao menor movimento do cavallo: as coxas, e pernas que abração o animal, ſervem lhe de contrapezo, e eſtas partes unidas com o corpo do cavallo, formão o equilibrio de toda a máquina.

As

As pernas, e coxas não pódem formar equilibrio, ſenão por meio do ſeu pezo: eſtas partes devem pois eſtar abſolutamente ſem força nem teſura, para terem todo o ſeu pezo.

Na eſtampa 1. Fig. 3. conſiderâmos o corpo como huma potencia P, que puxa verticalmente, e com o eſforço do pezo do corpo. Conſiderâmos as coxas como outra potencia Q, que puxa, ſeguindo huma vertical tirada do centro da coxa, e faz o eſforço do pezo deſta. Igualmente conſiderâmos as pernas como huma potencia R, que puxa verticalmente, e com o eſforço do ſeu pezo. Eſtas tres potencias são parallélas ſendo todas verticaes; ſerá facil achar-lhes huma reſultante.

Primeiro achar-ſe-ha huma, da potencia do corpo com a da coxa; depois outra, compoſta deſta reſultante com a potencia da perna; e eſta ultima reſultante attrahirá todo o corpo do homem para diante; o que

deve ſer para não o deixar cahir para traz, quando o cavallo vai para diante.

Sendo levada para diante a maſſa da máquina animal, e ſuſtentada por eſtas quatro columnas, o corpo do homem cahiria para traz, ſe não foſſe attrahida para diante pelo contrapezo das coxas, e das pernas; porém eſtes contrapezos, ou as ſuas potencias de que acabâmos de fallar, são levadas para diante com a maſſa do animal.

A reſultante que attrahe, ou leva o corpo do homem para diante, levá lo ha no momento em que o animal for para diante, e não o deixará cahir para traz: logo he o pezo das coxas, e pernas que ſuſtenta o corpo, e não o deixa fazer movimentos irregulares, que contrariarião o animal.

A linha vertical do homem, dividindo-o em duas partes iguaes; ſegue-ſe que a coxa, e perna direita, fa-

fazem equilibrio com a parte direita do corpo, e a coxa, e perna eſquerda, fazem equilibrio com a parte eſquerda: razão, por que he eſſencial, abraçar igualmente o cavallo com as duas coxas, para conſervar eſtes equilibrios. Se não ſe abraça igualmente, já não ha equilibrio, o que ſe conhece facilmente; porque havendo mais pezo em huma das partes, eſta puxa pela outra, e faz inclinar a máquina.

Pelo que acabâmos de dizer ſe vê, que o homem he dividido em tres partes, corpo, coxas, e pernas. O corpo, e as pernas, são duas partes que devem ſer moveis: as coxas devem ſer immoveis, e formar hum ſó, e meſmo corpo com o cavallo.

O corpo do homem deve ſer movel, para que a ſua linha vertical poſſa ſempre confundir-ſe em linha recta com a do animal, e mudar; aſſim como a d'elle muda a cada movimento.

A parte movel das pernas, he feita para levar o cavallo para diante, e fazer-lhe executar todos os movimentos de que he ſuſceptivel.

Nas ſuas operaçõés he preciſo que conſervem o ſeu pezo, para conſervarem a ſua função de equilibrio: deſte modo devem-ſe unir ſem teſura; ſe eſta ſe emprega, o corpo neceſſariamente ſe inclinará para traz quando ſe unirem as pernas.

Os braços que fazem o effeito de duas extremidades do braço de huma balança, devem cahir igualmente para não deſtruirem o equilibrio do corpo: ſe nos ſeus differentes movimentos he preciſo apartar-ſe hum mais do que o outro, ou empregar mais força em hum delles; he preciſo ter muito cuidado que o corpo não tenha parte nos ſeus differentes movimentos, pois perderia o equilibrio.

Se todas as partes do corpo do homem, eſtão na poſição indicada; to-

toda a máquina eſtará pois em equilibrio no eſtado de repouſo, e do movimento do cavallo.

O que era neceſſario demonſtrar.

JUlgo difficil eſtabelecer, e demonſtrar huma poſição ſobre o cavallo, mais ſimples, cómmoda, ſegura, e conforme á conſtrucção anatomica do homem. Termino aqui, todos os diſcurſos que ma fazem adoptar no eſtado de repouſo; e fallando dos differentes movimentos do cavallo, provarei a cada inſtante que eſta meſma poſição do homem he a unica que ſe deve tomar, e conſervar ſempre, para tirar o maior partido do cavallo, e conſeguir a ſua flexibilidade, graça, força, ligeireza, e reſiſtencia, de que he ſuſceptivel.

ARTIGO XIX.

Methodo, que deve ſeguir-ſe para inſtruir hum principiante na Arte de montar a cavallo.

DAs primeiras lições dadas, e conhecidas mal (torno a repetir) he que naſcem os defeitos de poſições forçadas, e violentas, que tanto cuſtão a emendar.

O zelo, e vontade de hum principiante, fazem no ordinariamente enteſar, e conſtranger, para endireitarſe, e eſtender-ſe, ſe o Meſtre não tem cuidado de demonſtrar-lhe que não póde exiſtir a graça, aonde ha conſtrangimento.

Deve haver toda a cautéla neceſſaria de conduzir o Cavalleiro gradualmente, principiando pelos movimentos mais lentos, brandos, regulares, e unidos, para paſſar; á medida que ſe confirmar na ſua poſi-

ção;

ção; aos movimentos mais rápidos, duros, e irregulares.

As primeiras lições devem ſer a hum paſſo uniforme em linha recta, como marcha mais branda, na qual he mais facil conſervar o equilibrio.

Deve-ſe abandonar o methodo, uſado em quaſi todas as Eſcólas, de principiar a fazer trotar Diſcipulos no circulo á guia, e muitas vezes ſobre cavallos novos, cujo trote irregular pede huma longa prática para que poſſa conſervar-ſe na ſella o Cavalleiro, o que ſó deve ſer em hum cavallo bem enſinado, e que trote regularmente: o corpo no movimento circular ſujeito ás forças centrifugas, e centriputas, tem a maior difficuldade para conſervar-ſe a prumo; cuja difficuldade he tal que não póde vencer hum principiante; pois neſtas lições cuida ſó em conſervar-ſe pelos meios da força: he preciſo pois eſperar que eſteja bem confirmado no movimento ſimples, e di-

rec-

recto, antes de fazê-lo paſſar ao movimento compoſto, e circular. (i)

Deve dar-ſe ſempre ao principiante hum cavallo bem enſinado, ou meſtre, a fim que poſſa praticar os preceitos que recebeo: então a obediencia, ou deſobediencia do cavallo ſervirá meſmo a advertí-lo dos ſeus erros, e receberá do animal huma lição continuada.

Para facilitar os meios de dar lição aos principiantes, e multiplicar as cautélas contra os accidentes que podem acontecer, pondo-os logo no campo. Imaginárão-ſe grandes eſpaços fechados (Picadeiros) capazes de trabalhar nelles os cavallos, em toda a qualidade de paſſos; porém não tão grandes que o Diſcipulo não poſſa ouvir todos os inſtantes

os

(i) Com tudo a prática uſual das Picarias, he de fazerem trotar os principiantes nos circulos meſmo em cavallos novos; e todos podem ter preſenciado a difficuldade, e tormento em que elles são.

os Meſtres: eſtes Picadeiros são álem diſſo cómmodos, para enſinar, e ſoltar os cavallos. (1)

Ha Picadeiros de duas qualidades, huns cobertos, e outros deſcobertos: os primeiros deſtinão-ſe a reſguardar do máo tempo, que ſería hum obſtaculo para a continuação effectiva das lições que exige o enſino dos cavallos: os ſegundos são eſpaços ſimplezmente limitados por muros.

Em toda a França ſe tem feito Picadeiros para inſtrucção da Cavalleria; e ſobre tudo deſde a paz de 1762, multiplicárão-ſe ao infinito eſres edificios; porém a forma que ſe lhes deo, ſervirá (em quanto exiſtirem) a provar a falſidade das noſſas idéas,

(1) Os Cavalleiros Romanos no Inverno, e Eſtio, exercitavão-ſe regularmente todos os dias; e quando o rigor da eſtação não deixava fazê-lo no campo, havia ſitios cubertos (aſſim como nós temos) deſtinados para iſto. Vide Mr. de Autheville na palavra *Exercice* da Encyclopedia.

idéas, e principios ſobre o methodo de formar a Cavalleria. As Eſtampas de Newcaſthe, e de Greniere ſervírão de plano aos Architectos, que em lugar de darem a eſtes Picadeiros o maior cumprimento poſſivel, derão-lho ſó neſta dimensão; tres vezes a ſua largura. Eſta foi a proporção dos de Verſalhes, e ninguem ſe oppôz a eſta imitação abſurda para a Cavalleria; porque ſó em eſpaços (K) cumpridos, he que ella póde decidir, e unir as ſuas marchas: qualidades que vem a ſer o principio da ordem, união, e força dos noſſos Eſ-

(K) He tal a noſſa falſidade de idéas a eſte reſpeito, que em hum dos noſſos Regimentos, fazendo-ſe pelo zelo do Chéfe á ſua cuſta, e dos Capitães, hum Picadeiro de 84 paſſos de cumprimento, e 49 de largura, foi geralmente criticado por iſto, reputando-ſe demaſiadamente grande; quando em viſta dos noſſos Eſquadrões não devia ſer de nenhum modo menor. Se eſtes ſe augmentarem pelas razões já ponderadas na I. Parte, todos os Regimentos neceſſitarião deſtes grandes Picadeiros, tão uteis, e neceſſarios para as ſuas Eſcólas.

Eſquadrões: além de outras razões, que militão ainda a favor dos grandes eſpaços, para fazer trabalhar a Cavalleria.

Para conter hum grande número de cavallos ao meſmo tempo, e para que eſtes ſe não arruinem promptamente; he preciſo que os cantos ſejão muito diſtantes, para que os movimentos directos não ſe reduzão a movimentos circulares: o erro que então ſe commetteo ainda exiſte hoje; o qual he de huma conſequencia tal, que merece a attenção do Miniſterio. Se approvarem os meus principios, e determinarem fazer novos Picadeiros, aconſelho que lhe dêm 80 pés de largura, e 300 de cumprimento. Em Luneville ha dous Picadeiros, nos quaes marchão juntos com facilidade 72 homens; e são os unicos que eu conheço, em que poſſa trabalhar Cavalleria vantajoſamente ſem arruinar-ſe: todos os das noſſas guarnições são proprios a exercitar

tar ſó huma duzia de Cavalleiros em fila, ao meſmo tempo.

Dirão talvez que os Picadeiros são inuteis, e que a Cavalleria deve inſtruir-ſe em campo aberto: reſpondo que quando a eſtação o permittir deve ſahir ao campo; porém que em França em ſinco mezes do anno, as chuvas, neves, gelos, e frios embaração ſahir; e que quando não tem picaria fica em huma inacção prejudicial ao homem, e perniciosa ao cavallo.

Quanto aos Picadeiros deſcubertos, tapados ſimplezmente por paredes, devem ter pouco mais, ou menos as meſmas proporções: eu prefiro eſtes últimos para inſtruir os homens, e os primeiros para enſinar os cavallos.

Porém voltemos ás lições do meu Cavalleiro: depois de ter demonſtrado a ſua poſição, falta-me a marcha que deve fazer-ſe lhe ſeguir para conſolidá-lo, e indicar a ſucceſsão das

lições que deve receber. Não entrarei ſe não nos detalhes das operações que ſervem a conduzir o cavallo perfeitamente enſinado; porque aqui trata-ſe ſómente da inſtrucção do homem: na ſegunda Parte deſta obra tratarei ſufficientemente da do cavallo.

Não póde negar-ſe que a exactidão da poſtura do homem a cavallo, influe infinitamente ſobre a obediencia deſte ultimo: he preciſo pois cuidar em conſervar-lha; e depois em que as operações das mãos, e pernas do Cavalleiro, ſejão ſimples, faceis, e independentes do reſto do corpo.

Primeira lição.

PRompto o Cavalleiro a principiar a andar no cavallo, ſerá poſto (aſſim como já diſſemos) ſobre hum, já enſinado, e docil: eſtará ſem eſtribos, porque as ſuas coxas

não

não podem ter ainda adquirido o gráo de extensão de que são ſuſceptiveis: as mãos pegaráõ (como já indiquei) cada huma em ſua rédea do bridão. De nenhum modo deve pegar nas do freio; porque tendo ainda pouca firmeza, póde ſegurar-ſe a ellas, e por conſequencia arruinar a boca do cavallo: além diſto he neceſſario fazer-lhe conhecer, e ſentir o effeito das rédeas, e o bridão he mais cómmodo para eſte objecto.

A fim de principiar pelo movimento mais ſimples, e facil, metter-ſe-ha o cavallo a paſſo, ſobre a linha recta AB. (Eſt. II. Fig. 4.)

Suppondo-o parado no ponto A para ir ao ponto B, os ſeus braços que eſtão ſó meios eſtendidos, ſe abaixaráõ igualmente, e o que baſte para dar inteira liberdade ao cavallo, de levar a ſua maſſa para diante; porém não tanto que deixe de haver hum ſentimento entre as mãos do Cavalleiro, e a boca do cavallo.

Por

Por huma ſimples flexão nos dous joelhos, o Cavalleiro fará ſentir as primeiras ajudas das ſuas pernas, ao cavallo; ſervindo-ſe dos meios que temos explicado fallando das ajudas: obſervando porém de curvar muito igualmente os joelhos, a fim que a direcção do movimento ſeja ſobre a recta AB. Como o meu cavallo eſtá enſinado (como depois ſe verá) a ir para a eſquerda ſe a perna direita do homem dá mais ajuda, e á direita ſe he a perna eſquerda que a dá, a linha recta he neſte caſo a reſultante das duas forças, iguaes em direcção oppoſta. (1)

He evidente que a poſição mais vantajoſa ao cavallo, he aquella em

(1) Eu prefiro os Picadeiros abertos, para inſtruir os homens; porque não tendo o ſoccorro do muro para conter os cavallos direitos, são obrigados a empregar as duas pernas com igualdade; em lugar que os Diſcipulos acoſtumados aos Picadeiros fechados, não trabalhão ordinariamente ſenão com a perna de dentro, e achão-ſe embaraçados quando lhe falta a parede.

que eſtiver parallélo á linha 1. 2., pois que he paralléla áquella que ſegue, e que não póde deixalla ſem alongar o ſeu caminho. Todo o cuidado do Cavalleiro deve, pois, eſtar em conſervar o cavallo neſta direcção, no que terá pouco trabalho; pois que com o meu cavallo enſinado, baſtará ſómente operar ſempre, em proporção do vagar, ou ligeireza que o cavallo puzer na marcha.

Já vimos que o corpo eſtabelecido a prumo ſobre a ſua baſe, eſtava poſto o mais ſólidamente poſſivel; porém que ſe eſta baſe, ou o corpo do cavallo vai para diante, o corpo do homem cahe neceſſariamente para traz, ſe alguma potencia o não ſuſtenta, e leva para diante. Nós temos demonſtrado que a reſultante do pezo das côxas, e pernas, levadas com o cavallo fazia hum esforço capaz de ſuſtentar eſte corpo, e não deixallo cahir para traz: porém ſe eſta lei he ſufficiente para o equi-

li-

librio quando o cavallo eſtá em eſtado de movimento uniforme, he inſufficienie no inſtante em que o animal paſſa do eſtado de repouſo, ao eſtado de movimento; porque a acção deſta mudança de eſtado, dá impulsão á parte ſuperior do homem, que tende a deixallo para traz; e quanto maior differença houver, entre o repouſo, e a velocidade, tanto mais conſideravel ſerá a acção de impulsão, e por conſequencia mais difficil ao homem conſervar o ſeu prumo. He pois muito eſſencial, primeiramente não empregar nenhuma força nas pernas; o que lhe faria perder o esforço que fazem pelo ſeu pezo, junto com as côxas, para levar o corpo para diante.

A parte immovel levada com o cavallo que ſe move directamente, leva neceſſariamente o corpo do homem a que ſerve de baſe: os pontos do corpo do homem, mais perto das nádegas, ſeraõ os mais attrahi-

dos ; e eſta força de attracção para diante, diminúe proporcionalmente, aproximando-ſe ao alto da cabeça do homem. Eis-aqui o que faz que ſe em hum momento inſperado, algum cavallo paſſa repentinamente do eſtado de repouſo ao movimento directo, os rins do homem cedem á impulsão curvando-ſe para diante ; e a parte ſuperior do corpo fica para traz: he pois neceſſario que o cavalleiro ſe acautele, não ſómente por huma reſiſtencia nos rins, mas tambem por huma leve impulsão que os muſculos lombares imprimão ao corpo para levallo parallélamente para diante no inſtante do movimento do animal. He com tudo ſufficiente (ſem explicar aſſim o principio quando ſe dá a lição) dizer ao principiante, com o methodo geral *todo o voſſo corpo vá para diante ao meſmo tempo que o do animal* : porque eſte movimento nos muſculos lombáres, he tão natural a cavallo, como a pé.

O

O cavallo, e o homem póſtos em movimento com eſtas cautélas, conſervaráõ o centro da gravidade na meſma vertical, e eſtando ſobre a direcção AB, o cavallo continuará a mover-ſe unifórmemente, ſe as ajudas forem continuadas gradualmente: continuando as meſmas cauſas, haverá os meſmos effeitos. Parecerá ſer eſte o momento de explicar aqui, como póde o cavallo ſahir da direcção que ſe lhe dá, e os meios de fazello entrar outra vez nella: porém ſeria confundir as duas partes da Arte de montar a cavallo; e neſtas primeiras lições trata-ſe ſómente da poſição do homem.

Correndo a linha AB, far-ſe ha ſentir ao principiante, o effeito dos pezos, e contrapezos de cada huma deſtas partes, que devem puxar todas, por aquella a que eſtão ligadas: os joelhos puxados, e unidos á ſella, pelo pezo das pernas; e as côxas puxadas, e unidas á ſella, pelo ſeu proprio pezo.

A carga igual ſobre as duas nadegas, o advertiráõ que o corpo não eſtá inclinado á direita, nem á eſquerda; porque a deſigualdade deſte meſmo pezo, o advertiria que o corpo eſtava inclinado para a parte de donde ſentia mais. Cada paſſo do animal produz hum pequeno abalo imperceptivel em todo o corpo do homem de alto a baixo, o que parece convidá-lo a ceder a elle, affrôxando cada vez mais: eſte pequeno abálo ajudará a eſtender, e eſpalmar as côxas, e a pôrem-ſe ás pernas mais tendentes, e proximas ao corpo do cavallo. Alguns Meſtres póde ſer ſejão tentados a negar eſta verdade, mas ſe quizerem convencer ſe interroguem os principiantes, e eſtes lhes certificarão, que ſe põe mais facilmente em hum cavallo em movimento, do que em hum parado.

O cavallo caminhando ſobre a recta AB, não he neceſſario que tenha o peſcoço voltado á direita, como ſe re-

recommenda em quaſi todas as Eſcólas : obſervarei pelo contrario , que eſta poſição da cabeça do cavallo á direita , lança neceſſariamente as eſpaduas do cavallo á eſquerda contraria á ſua marcha : em huma palavra põe-no atraveſſado , e fóra do ſeu prumo. Conheço que hum cavallo de lição em huma paſſaje viva , ou galópe curto , e levantado , adquire graça aos olhos dos eſpectadores , com eſta poſição de peſcoço ; porém não he de voltas nem galhardias , que pertendo fallar neſta inſtrucção ; mas ſim de principios certos , e demonſtrados , da Arte de montar , e enſinar os cavallos para a guerra : demonſtrarei ainda quanto he eſſencial , eſtarem os cavallos abſoluta , e rigoroſamente direitos , para a união , e marcha dos noſſos Eſquadrões ; e que aſſim não devem conhecer paſſaje , nem galópe levantado , mas ſómente hum trote ſolto , e galópe decidido.

Quando o Cavalleiro tem o muro do Picadeiro á eſquerda , e o peſ-

co-

coço delle á direita, diſſe que marcha á direita, e *vice-verſa* que marcha a eſquerda.

Chegado ao ponto B, tendo o cavallo a cabeça no canto, e não podendo caminhar mais em frente, he neceſſario voltallo á direita para o pôr ſobre a nova direcção BC: Para operar eſte á direita, o cavalleiro abrirá o braço direito á direita, augmentando a força da rédea da direita, para determinar as eſpáduas do cavallo a ganhar o terreno para eſte lado o braço eſquerdo ſuſtentando a cabeça, e o cóllo, impedirá que o cavallo ceda ao direito voltando ſó o peſcoço: augmentará ao meſmo tempo o effeito das pernas; para que as operações das mãos não diminuão o movimento da maſſa: a perna eſquerda ſobre tudo, embaraçará o cavallo lançar-ſe para a eſquerda, e ao contrario ajudará a levar a maſſa do animal á direita. (L) Neſte pequeno mo-

(L) Quando ſe pertende voltar hum caval-

movimento circular do animal, a parte eſquerda do homem tendo a deſcrever hum maior circulo que a direita, he preciſo tomar ſentido que aquella não fique para traz, para onde a força centrifuga tende ſempre a lança-la: porém não he (como enſinão muitos Meſtres) o hombro de fóra ſómente, que ſe deve avançar; he toda a parte eſquerda que deve ſeguir eſte movimento; o qual deve naſcer ſobre tudo do quadril, ſem eſte perder a ſua poſição.

Tendo o cavallo paſſado o canto, e achando ſe ſobre a recta BC; as linhas dos hombros, e quadriz do cavalleiro, devem eſtar perpendiculares ſobre o lado 23: o cavalleiro ca-

---

lo no Picadeiro, he hum erro grande fazer encoſtar ſó a perna de dentro: e muito maior quando ſe lhe diz que a encoſtem bem nas verilhas, ſem que a de fóra (que deve ſuſtentar a maſſa para não cahir para fóra, e determinar as eſpaduas nõ circulo, para ſeguirem a direcção dada á cabeça, e cóllo) entre na ſua contemplação. *Cæcus, Cæcum.*

caminhará ſobre eſta linha como ſobre a precedente; e chegado ao ponto C, empregará os meſmos meios para paſſar o canto, e tornar a tomar a direcção CD.

Tendo até aqui enunciado todos os principios da poſição do homem, quem dá a lição he que deve conhecer os erros que o Diſcipulo commette, reprehende-los, e ſervir-ſe dos melhores meios para os corrigir.

Quando o principiante tiver dado aſſim muitas voltas marchando á mão direita, mande-ſe-lhe fazer hum á direita no ponto M, ou qualquer outro que ſe quizer, tomado ſobre os lados 12, 23, 34, 41; e cortando o Picadeiro E perpendicularmente ao ſeu comprimento, ou largura, partindo, por exemplo do ponto M, pôr hum á direita; e chegando ao ponto M, fazendo hum á eſquerda, empregando os meios contrarios áquelles, de que ſe ſervio para fazer á direi-

reita, pôr-ſe-ha ſobre a direcção MB; na qual marchando, e voltando então á mão eſquerda, praticará os meios neceſſarios para conduzir o cavallo direito.

O á eſquerda que ſe faz para paſſar da linha MM, ſobre a linha MB, chama-ſe em termos de Picaria, paſſar de mão: póde executar-ſe tambem por meio á direita, ou eſquerda, cortando diagonalmente o Picadeiro.

Depois de huma lição de quarto de hora, mais ou menos, confórme parecer ao Meſtre, eſte lhe mandará fazer alto, ſuppondo-o chegado ao ponto E, a fim de deixar a liberdade das paredes aos que pódem trabalhar depois, mandar-ſe ha fazer alto; o que executará diminuindo o effeito das pernas, e formando huma parada com igualdade de força, e de direcção nos dous braços: Se a cabeça, peſcoço, e eſpaduas eſtão bem póſtas ſobre a meſma

ma direcção ; o cavallo obedecerá com exactidáo.

Já obſervámos na paſſage do repouſo ao movimento, no inſtante da partida, que o corpo do homem era ſujeito a fazer hum movimento para traz; pela razão contraria no inſtante de ceſſar o movimento, o corpo he ſujeito a fazer hum movimento para diante: Para evita-lo he preciſo que o Cavalleiro ſe acautele por huma reſiſtencia nos rins que detenha a continuação da impulsão, porque o corpo tende a caminhar. Eſtes movimentos nas marchas lentas, conhecem-ſe ſó muito ligeiramente; e por conſequencia pódem nega-los aquelles que não tem aprofundado as ſuas obſervações ſobre a equitação: para ſe convencêrem de que eſta impulsão exiſte, e he evidente no inſtante da parada, paſſem nos de huma marcha viva, á ſuſpensão total do movimento.

Não ſei, ſe he por ter conheci-

do

do eſta impulsão, e para remedia-la, que alguns Meſtres dão o principio de pôr o corpo para traz, quando ſe fórma a parada; princípio que tenho demonſtrado falſo, e que condemno ainda aqui como inutil; pois que baſta huma ligeira reſiſtencia nas vértebras lombares; falſo até pela razão de ſer vágo, e indeterminado.

Eſta lição ſerá repetida alternativamente ás duas mãos, até que o Meſtre julgue o Diſcipulo aſſaz firme, para que hum movimento mais vivo o não ponha em deſordem.

Segunda Lição.

A Segunda lição principiará como a primeira, por algumas voltas no Picadeiro á direita, e á eſquerda, e paſſagens de mão em linhas perpendiculares, e diagonaes, tomadas ſobre differentes pontos dos lados do rectangulo ABCD; porém o paſſo do cavallo ſerá hum pouco

mais

mais ſolto pelo meio das ajudas do Cavalleiro ; fazendo nas primeiras voltas repetidas paradas, e ſahidas; a fim de fameliariza-lo com os movimentos, até que ſe não abále com elles.

Apenas o Meſtre vir o Diſcipulo exactamente firme , e deſembaraçado , manda-lo-ha paſſar á marcha do trote; e para iſto fará augmentar-lhe as ajudas das duas pernas, igual e unifórmemente.

Neſta paſſagem repentina da marcha de paſſo á de trote, he preciſo ter a meſma cautéla para conſervar o corpo perpendicular , que na primitiva do deſcanço ao movimento ; e aſſim meſmo todas as vezes que as marchas augmentarem em ligeireza.

A marcha, em que he mais difficil ao Cavalleiro conſervar a união da ſua parte immovel, ao corpo do cavallo, he a de trote; porque (como veremos a diante) ſendo eſta acção operada pela mão, e pé contrario

rio que alternados óra ſe levantão, óra ſe aſſentão, a cada tempo de trote ſe ſente nas côxas huma impulsão que tende a levanta-las da ſella, aonde tornão a cahir nos intervallos deſtes tempos.

He evidente pois, que para cedêrem menos a eſta impulsão, he preciſo que as nádegas tenhão o maior pezo poſſivel; iſto he, que a linha vertical do corpo caia perpendicularmente ſobre o meio dellas: que a teſura não faça perder o pezo das côxas, e pernas; as quaes attrahindo tambem as nádegas pelo ſeu pezo, as farão tanto mais immoveis, quanto maior elle fôr. Eis-aqui, porque ſe obſerva que o homem com botas fórtes, ou de paſta, eſtá mais unido ao cavallo, do que aquelle que traz botas finas; o que prova evidentemente, que toda a força deſtruindo o effeito do pezo, ſe oppõe neceſſariamente á união da parte immovel. As forças de preſsão que ſe empregaſ-

gaſſem, virião a ſer hum obſtaculo a que o aſſento tiveſſe hum apoio continuado na ſella; porque a preſsão das côxas no choque das piſadas; mais o embaraçarião a cahir do que a levanta-lo nella infallivelmente: de fórte que a deſunião ſe augmenta a cada tempo de trote, na proporção da deſigualdade da reacção, e acção.

O unico princípio, que ſe póde dar de união, he o de deixar operar todo o pézo das côxas, e pernas, e cuidar em deſtruir todos os obſtaculos que ſe lhe oppozerem para tornar a cahir logo na ſella, depois do choque.

Neſta marcha de trote principalmente he que o principiante fará progreſſos rápidos; e tanto mais ſerão, quanto mais tarde principiar eſta lição; da qual ſe julgará capaz, quando ſe obſervar que o principiante ſe não entéſa ao partir o cavallo: então o faráõ andar as meſmas linhas que andou a paſſo, fazendo-o paſſar

de

de huma a outra marcha, e de mão, repetidas vezes; a fim de fazer-lhe conhecer, e ſentir o effeito das operações das pernas, e mãos, neſtas repentinas mudanças de marchas.

He muito eſſencial que no inſtante de fazer a direita, eſquerda, ou paradas, trabalhe com os braços tomando o ponto de apoio nos hombros, ſem communicar a menor força ao reſto do corpo, defeito muito ordinario nos principiantes.

Com o habito adquirirá o Diſcipulo firmeza, e deſembaraço; as côxas tomaráõ a ſua verdadeira extensão, firmando-ſe, e unindo-ſe á medida que eſtas ſe eſpalmarem, e affrouxarem os muſculos que as goarnecerem.

Não ſe póde determinar o tempo que ſe deve conſervar o Cavalleiro neſta lição: os ſeus progreſſos he que devem determina-lo, e o Meſtre deve julgar delles.

Farão deſcrever-lhe differentes linhas no Picadeiro, a fim de con-

firma-lo nas operações das mãos, e pernas; e fará tambem as paſſagens de mão por oitavos á direita, e eſquerda, ſeguindo as diagonaes GG.

Então he tempo de fazer mudar de cavallo ao Cavalleiro; o que he facil, ſe ſe enſinão ſempre muitos quaſi ao meſmo tempo: porém como já diſſe, ſerão ſempre deſtinados para eſta eſcóla cavallos enſinados; e a vantagem das mudanças deſtes he ſó fundada na variedade das ſuas marchas, mais, ou menos brandas.

Então he tambem que ſe deve exigir o trote livre, e ſolto; e, ſe o principiante conſervar huma certa immobilidade no aſſento de ſélla, conceder-ſe-lhe-ha dar algumas pancadas de galópe. Não he porém eſta a occaſião de explicar-lhe, ou fazer eſtudar ao Diſcipulo a harmonia que deve ter nos movimentos das mãos, e pernas, para fazer partir o cavallo unido; ſeja ſobre os pés direitos, ou eſquerdos: iſto são ope-

ra-

rações que não poderá comprehender, ſenão quando tiver adquirido huma certa força, e que muito unido, e ligado ao cavallo, eſtiver capaz de ſentir, o que ſe paſſa debaixo do ſeu aſſento, e côxas. Trataremos deſtes meios na ſegunda parte; porque agora o noſſo objecto, he a exacta união das ſuas maquinas.

No inſtante em que o Cavalleiro eſtiver mais ligado ao cavallo, e que hum, e outro eſtiverem mais a prumo, ſe mandará galopar. Para iſto, o cavalleiro fechará igualmente as duas pernas, tomando hum pouco mais a rédea de fóra que a de dentro; e ſe for neceſſario, o Meſtre ajudará, moſtrando o açoute ao cavallo, tocando-o, ſe for preciſo ligeiramente com elle de traz da bota.

Sendo o galópe huma ſucceſſiva repetição de ſaltos pequenos para diante, eſtá demonſtrado que a linha horizontal do corpo do cavallo muda a cada inſtante, e vem a

ſer obliqua a eſte meſmo horizonte, humas vezes elevando-ſe interiormente quando as mãos eſtão no ar, outras poſteriormente quando as pernas o eſtão tambem; de ſórte que em exactidão geometrica, o plano horizontal que ſerve de baſe ao homem no eſtado do repouſo do cavallo, vem a ſer hum plano inclinado no galope: porém he evidente que qualquer direcção que tome o corpo do animal, quando levanta as mãos, ou as pernas, a linha vertical por onde paſſa o ſeu centro de gravidade, fica ſempre prependicular ao horizonte; e nós já demonſtrámos que para ficar o corpo do homem em equilibrio ſobre o do animal, era neceſſario que as duas linhas verticaes deſtes dous córpos, ficaſſem ſempre confundidas em huma ſó, e meſma recta: ſegue-ſe pois, que he preciſo que o corpo do homem fique ſempre prependicular ao horiſonte. Se o corpo do homem foſ-

ſe

ſe como hum páo inflexivel AB (Eſt. 2.ª Fig. 2.ª) quando a direcção da ſua baſe CD vieſſe a mudar em CK; A. viria neceſſariamente a F, e então o centro de gravidade O cahiria em P, menos que huma força OG, ou qualquer outra, não deſtruiſſe o effeito do pezo.

A força OG, repreſenta aquella com que ſe pégão ás rédeas, ordinariamente todos aquelles que ſe deſcompõe a cavallo; iſto he, os que não conſervão o ſeu corpo na direcção AB: porém não ſendo inflexivel o corpo do homem, e tendo huma dobradiça nas *vertebras lombares*, que lhe facilita dobrarem-ſe para diante, ou para traz, eſta deve ſer muito flexivel, a fim de que o corpo mude a cada inſtante, relativamente á ſua baſe, e nunca ao horizonte.

A diviſão do homem em tres partes; duas moveis, e huma immovel; no galópe he que ſe deixa vêr mais; pois que a immovel, ligada,

e conduzida pelo cavallo, ſegue os ſeus movimentos, e novas direcções; em lugar que as funções das duas móveis são de variar ſem ceſſar, a fim de conſervar a máquina toda em equilibrio (m): eſtando perfeitamente frôxas as curvas das pernas, a poſição deſtas ſerá a cada momento aquella que tomarião por ſi meſmo os eſtribos ſuſpendidos por fios; iſto he, que a perna formará com a côxa hum angulo, tanto mais agudo, quanto a dianteira do cavallo for mais levantada.

He pois eſſencial recommendar ſem ceſſar ao Cavalleiro que tenha nef-

(m) No galope deve haver movimento como de hum Pèndulo: mas não poſſo deixar de notar aqui outro erro de alguns Meſtres, como he o de abandonarem-ſe inclinando-ſe para diante, e conſervando eſta poſtura em todos os tempos do galope; ou ſuſtentarem-ſe pela força, perpendiculares á ſua baſe. Igualmente o he, não fazerem que os Diſcipulos opérem as paſſagens a trote quando vão a galope; porque não ſabendo dar a tempo as verdadeiras ajudas para o cavallo paſſar, fazem-no entrar falſo: o Meſtre grita; manda eſporear o cavallo, irrita-o, e deſeſpera-o.

neſta marcha de galópe, brandas, e flexiveis as dobradiças dos rins, e joelhos; por que ſe eſtas duas partes ceſſar em hum inſtante as ſuas funções, perderá o equilibrio.

As primeiras vezes que o Cavalleiro galopar, metterá o cavallo a trote quando quizer paſſar de mão, tornando depois a partir ſobre a linha recta, pelos meſmos meios que apontámos já a traz.

Não deve exigir-ſe do principiante mais, que a regularidade da ſua poſtura em quanto durar eſta lição; a qual deve continuar-ſe até que ſe julgue que as ſuas c xas, e pernas, tem tomado o gráo de extensão, e frôxidão, que devem ter.

Terceira Lição.

HE tempo de permittir ao Cavalleiro o uſo dos eſtribos, eſpóra, e freio. Será facil eſtabelecer o cumprimento dos eſtribos, ou lóros, pois que ſe ſuppõe ter o Caval-

lei-

leiro adquirido o gráo de extensão de que são ſuſceptiveis as ſuas côxas : metterá o pé nelles de modo que a ſua maior groſſura pouſe ſobre a grade do eſtribo, para que o calcanhar, que ſe achava mais alto que a ponta do pé, venha a ficar mais baixo huma polgada, e a grade do eſtribo ſuſtente o pezo da perna.

Se nos lembrarmos do quanto he util, e neceſſario o pezo das pernas, para concorrer ao equilibrio da máquina, conhecer-ſe-ha quanto he eſſencial que os eſtribos não eſtejão muito curtos; porque he evidente, anniquilarião o effeito do pezo das pernas, em razão da ſua contracção ſobre os joelhos. O cóllo do pé demaſiadamente enverrugado, e o nimio abatimento dos calcanhares, moſtrará que eſtão curtos os eſtribos. (n)

O

(n) Toda a noſſa Cavalleria cahe no grande defeito de ter os eſtribos muito curtos, ou muito compridos; o que menos ſuccede, mas póde ver-ſe em alguns Regimentos. Que

O inconveniente dos eſtribos muito compridos não he menor que o de tellos muito curtos, pois que neſ-

---

ambos os extremos são hum erro para montar; e que contrarião a poſição do Cavalleiro, vê-ſe ſufficientemente no noſſo A.: mas como ainda podem fazer a objecção de que he neceſſario ter os eſtribos curtos, para com mais força, e melhor, aſſentar hum golpe de eſpada; que eſtendendo-ſe podem chegar mais facilmente a hum Infante, e meſmo a hum ſoldado de cavallo inimigo (por cujo motivo varias Ordenanças o determinão); como a Cavalleria antiga montava á gineta, como ainda a Mauritana, e Turca tem eſte uſo; e finalmente o A. do Tratado de Tactica o repete ſem conſideração; he neceſſario deſtruir eſte principio.

Se conſiderarmos bem attentamente as razões do noſſo A., ficaremos perſuadidos que, com eſtribos curtos, he impoſſivel ter ſegurança a cavallo; a qual ha de diminuir em razão de eſtarem mais, ou menos curtos. Como he pois poſſivel que o Cavalleiro não eſtando firme, poſſa aſſentar hum bom golpe de eſpada? Se a ſua poſição não he firme, como deixará de empregar a força para ſegurar-ſe, e aſſim ſer obrigado a dividir a ſua attenção, a uſar de hum meio máo, e meſmo a ter difficuldade de conſeguir o que pertende? A razão o eſtá dictando, e a prática confirma eſta obſervação: Se a Cavalleria mon-

neſſe caſo o Cavalleiro não póde pouſar os pés ſobre a grade do eſtribo, procurando-o apenas com as pon-

---

tou á gineta, era em hum tempo, em que uſava de lanças, e que os combates erão ſingulares: então a lança pedia que empregaſſem a força, para ſe ſegurarem com os joelhos no momento do choque; que foſſem deitados para diante nos cavallos, e iſto obrigava os a dobrar as pernas para traz, e ſervirem-ſe do apoio dos eſtribos: nos Tornêos, como era deſcompoſtura perdê-los, talvez que eſte receio foſſe a cauſa de fazê-los encurtar; e varias outras são as que ainda hoje fazem montar os Mouros aſſim.

Os Romanos, Perſas, Scythas, e todos eſſes póvos da antiguidade, deſconhecêrão os eſtribos, aſſim como as ſéllas; de que ſó ouvimos fallar no anno de 340 de Noſſo S. J. Chriſto; por que ainda que entre os Gregos ha a palavra αναβολευς, e o termo Latino *Strator*, Euſtahio, Suidas, e Plutarcho, mencionão-o como huma corrêa, ou corda que os ajudava a montar aonde não havia Pilares *Suppedâneum* para ſubirem ao cavallo; os quaes os Romanos tinhão em todas as eſtradas: os ſoldados para montar no cavallo ſaltavão, uſavão da lança, ou fazião-no ajoelhar: confirma iſto as doenças de que os accuſão Hippocrates, e Galeno, que lhe vinhão ás pernas por eſtes uſos.

Se pois a Cavalleria deſtas Nações (a dos

pontas, que mal apoia, levanta os calcanhares, entéza as pernas, e eſtá apto a perde-lo ao menor contratempo que fizer o cavallo.

Os

Scythas particularmente) de que os combates erão ſingulares, muitas vezes não neceſſitavão de levantar-ſe nos eſtribos para atirar a lança, e cortar com a eſpada; para que o neceſſitaremos nós? Em hum combate ſingular póde proteſtar-ſe ſer eſta vantagem imaginaria; porém no Eſquadrão confeſſâmos não entender eſta cauſa: porque ſe a força da Cavalleria conſiſte no ſeu choque; ſe eſte depende da velocidade, e união, e eſta do alinhamento; ſe eſte ha de conſervar-ſe menos, não eſtando os ſoldados bem firmes, e perpendiculares ao horizonte; ſe ſe dá o tal choque (coup de poi trail), e eſte he o que derrota aquelle corpo que menos o ſupportou; ou (negado que o haja) hum delles fluctúa, e deſordena-ſe antes de chegar a eſſe ponto: para que, ou de que ſerve o levantar-ſe nos eſtribos para aſſinar o golpe, a riſco de cahir o que aſſim fizer, ou deſviarem facilmente eſte meſmo? Se as filas ſe miſturão, eſtamos perto dos adverſarios, e ſe não, he neceſſario que ſeja a eſpada bem longa para poder vencer os dous cóllos dos cavallos, e alcançar o inimigo para feri-lo: Se atacão de ponta, cada vez vemos menor neceſſidade. Leamos os melhores AA. de Picaria, e veremos que todos concordão niſto meſmo; todos querem que

Os eſtribos muito compridos, ou muito curtos são pois duas faltas eſſenciaes, que contrarião a poſição,

---

o principiante trabalhe muito tempo ſem eſtribos, para aſſentarem melhor as coxas, e as pernas cahirem pelo ſeu pezo. Newcaſtle o diz, e Greviniere o affirma. „ Le talon doit être un peu plus bás, mais pas trop, parce que cela tiendroit la jambe roide (Guerniere). *Mais adiante*, la fermeté doit venir de l'équilibre & non de ces jarrets de fer qu'il faut laiſſer aux caſſe-cous. Les genoux (diz Dupary) ſeront etendus enſorte qui les muſcles employés á l' articulation ayent le moins d'action poſſible. Le genoux étant trop plié... contrediráit un des premiers principes de poſition... La contraction de ces muſcles donneroit de la dureté à la cuiſſe qui devenant plus elaſtique ſeroit plus portée á ſe detacher du corps de l' animal. La jambe doit tomber par ſon propre pois, & ſes muſcles doivent être fort relachés. *Mr. de Thiroux, explica ſe* c'eſt par la grande extenſion du bas corps qu'il reçoit ſon dernier degré de fermeté. Il n'y a jamais aucun cas oú l'on doive s'appeſantir ſur l'etrier. *Se pois concordão niſto todos os A. A.* (*porque não quizemos cançar os noſſos Leitores citando mais*) *que he hum erro perniciоſo*; *para que ſe ha de uſar na Tropa*, *quando de nenhum modo he util para combate*, *antes pelo contrario*? *O Author da Monarquia Pruſſiana diz* la Cavalleria Pruſſiene n' attaque jamais autrement qu

ção, e deſtróem o equilibrio, a graça, e firmeza do Cavalleiro. He mais commum tellos muito compridos, que muito curtos, e iſto he huma conſequencia dos principios que dão certos Meſtres, ſem terem meditado nunca a ſua arte, pertendem que o corpo, côxas, e pernas, devem eſtar ſobre a meſma, e unica linha.

O Cavalleiro armará os ſeus calcanhares de eſporas, ſeguras no ſalto da bota; a púa ſobre a coſtura direitamente; a rozeta horizontal á terra, e não perpendicular como nós uſamos; porque poſtas aſſim, quando ſe ſervem dellas, raſgão, e não picão.

As eſporas devem eſtar baixas, porque o cavalleiro aſſim ſerá certamente mais Senhor dellas, e ha occaſiões (por exemplo no eſquadrão) em que eſtando apertadas as pernas val-

le ſabre leve & le corps droit, ſeule methodi ſuivante laquelle un Eſcadron puiſſe conſerver ſon ordre, et ſon alignement, & de cavalier reſter maitre de ſon cheval au milieu de la plus forte carriere. „

ſe as eſporas eſtiverem altas picaráõ involuntariamente.

Já diſſemos o modo de ſervirſe das eſporas; mas na ſegunda parte trataremos outra vez dellas como de hum proprio a dar aos cavallos novos o conhecimento das ajudas.

O Diſcipulo por meio deſtas lições, póde ter comprehendido as differentes operações das ſuas mãos para o governo do cavallo, e conhecido o effeito das rédeas em que pegava ſeparadamente; tendo ſe-lhe já explidado a poſição da mão eſquerda pegando nas do freio, aſſim como o uſo da direita pegando na do bridão, ſobre o cavallo immovel. Por ora baſta conhecer que as operações indicadas produzem os effeitos deſejados, e ſó na ſegunda parte he que poderemos provar mechanicamente a ſua certeza, fallando dos movimentos do animal.

O Diſcipulo trabalhará no Picadeiro deſcuberto ſobre a direita, e eſ-

eſquerda, em todas as direcções, a paſſo, a trote, e a galópe; e praticará as operações de mãos, e pernas como temos tratado, para conſervar o cavallo direito, e em hum paſſo igual: devendo ter por principal objecto do ſeu cuidado, a firmeza com a exactidão da mão eſquerda; e o pezo das pernas que deve conſervar ſobre os eſtribos, ainda meſmo quando as fechar.

Os eſtribos vem a ſer huma eſpecie de balança, que ſerve de advertir ao Cavalleiro que tem perdido o ſeu aſſento, ou que eſtá fóra de ſeu lugar o corpo, ou que não tem frôxas algumas das ſuas partes; e paſſados alguns dias dão lhe o ſentimento de huma igualdade, que ainda não tinha conhecido.

Acabo aqui tudo o que poſſo dizer ſobre a poſição, e funções de cada parte do corpo do homem a cavallo: conſervando eſta poſtura, e trabalhando com as partes móveis ſegun-

gundo as Leis indicadas, he que chegará a ſubjugar, e governar o cavallo mais ardente, tirando delle ſerviços incriveis, que não pódem nunca obter aquelles que ignorão a Arte.

CAPITULO II.

Segunda Parte.

ARTIGO I.

Do Cavallo.

ANtes de paſſar ás lições deſſa ſegunda parte, lancemos hum golpe de viſta ſobre a eſpecie, e qualidade de cavallos que apparecem nas Eſcólas, e que são deſtinados ao ſerviço. Não são já aquelles poldros ſoberbos, alegres, e vigoroſos filhos da natureza; mas huns animaes fracos, triſtes, mólles, e desfigurados, trazendo comſigo todos os ſignaes de domeſticos, e pela maior parte mutilados pela cruel ignorancia dos ſeus donos.

Eſquecemo-nos que a creação das

das noſſas caudelarias deve ſer á imitação da Natureza: as leis deſta tão ſimples, e ſeguras, deſprezão-ſe para correr a methodos dictados, e confirmados, por huma antiga ignorancia, ou (o que he maior infelicidade) pelos frivolos diſcurſos da Arte conjéctural da Alveitaria. Aſſim ſahem deſtes eſtabelecimentos potros creados a grandes deſpezas, cheios de defeitos, e meſmo arruinados (1). O diſcurſo dos homens em vão pertenderá emendar a Natureza; ſe a não attenderem, ſeguirem, e ajudarem, erraráõ ſempre. Deſviando-nos das ſuas Leis, principião os noſſos erros ainda antes da creação, pela má eſcolha que fazemos dos pais, e mãis, cuja raça pertendemos. A figura, e talhe do cavallo de lançamento, são os dous unicos objectos que nos occupão: da idade não ſe faz caſo: baſ-

(1) A caudelaria do Rei da muito poucos cavallos para as ſuas cavalharices, não ſe tem viſto déz cavallos bons da da Lorena.

ta que poſſa ſervir para não ſe cogitar de mais nada (1): as ſuas qualidades, vigor, ou frôxidão não são couſas para que ſe olhe, e com tudo são mais eſſenciaes do que a figura; porque a cada paſſo eſtamos vendo formoſos, e máos cavallos; porém eu quero que o pai ſeja bem eſcolhido, que tenha todo o vigor, e as qualidades que ſe requerem, em ſerviço da caudelaria far ſe-ha em dous annos hum muito máo cavallo, indubitavelmente, e produzirá ſó rocins, e ſendeiros. Para conſervar eſte vigor que ſe deve tranſmittir á raça, he preciſo que o cavallo ſeja tratado de hum modo que o conſerve; particularmente hum exercicio muito neceſſario para a ſua conſervação: com tudo em todas as noſſas caudelarias não fazem nenhum, porque não ſe póde dar eſte nome a algumas voltas

(1) Agora meſmo ha hum cavallo na caudelaria do Rei, que cuſtou 5000 libras 800$; he cégo, e tem mais de vinte annos.

tas que lhe fazem dar á guia, huma vez, ou duas na ſemana, ſem ſer montado: o cavallo aſſim governado, ou tratado, he ſim o que chamâmos Pai; mas perde todas as qualidades de bom cavallo; de fórma que a ſua eſtimação he proporcionada á quantidade de egoas que póde cubrir cada ſemana, e á promptidão com que o faz quando ſe lhe apreſentão eſquentado pelos alimentos, provocado pelas egoas que lhe põe ao pé, parece adquirir cada dia mais qualidades para a geração: porém eſtes errados artificios são vãos; porque a natureza he ſempre a meſma, e o que por eſtes meios ſe ganha em quantidade, perde-ſe indubitavelmente na qualidade.

Os Inglezes que são mais curioſos, e verdadeiros conhecedores de cavallos do que nós, dão-nos hum exemplo a eſte reſpeito que devia perſuadir-nos: procurão com grande cuidado para cavallo Pai, o que nas carreiras tem corrido melhor; com-

prão por preços extraordinarios, a licença de fazer cobrir boas egoas por eſtes cavallos; e raras vezes eſte methodo engana as ſuas eſperanças; e ſe o potro chega á idade de ſinco annos, ſem accidente infeliz, paga-lhe extraordinariamente a deſpeza que fez. Sendo, pois, indubitavel que as qualidades ſe tranſmittem de pais a filhos, porque não hão de ſer ellas as que determinem a eſcolha dos pais? (1) --O-- A reſpeito das mãis he me-

(1) O goſto dos curioſos de cavallos, que ſe multiplicão em França, deve-ſe ao exercicio das carreiras; aſſim como os conhecimentos que adquirem todos os dias os noſſos Principes, e ricos particulares que pódem ter o delicioſo prazer de criarem o melhor, e mais util dos animaes. A pequena quantidade de ſoberbos, e formoſos cavallos pais que temos, deve-ſe aos deſvélos de MMr. de Voyer, Conflans - Brige, &c. &c.

(O) Sem embargo de que poſſa parecer faſtidioſo inſiſtirmos aqui outra vez, ſobre a urgente neceſſidade que temos de attender ás noſſas caudelarias; a utilidade do objecto, e o noſſo zelo nos diſculpará. Todos ſabem que vergonhoſo trafico he aquelle, porque os Caudeis Mores fazem comprar ao lavrador, ca-

menor o eſcrupulo : em tendo bom ventre, não importa que ſejão viciosas, velhas, frôxas, molles, e meſmo

vallos para pais, pertencentes aos ſeus amigos, por hum preço exorbitante, que elles não só não valem, mas que muitas vezes são arruinados, velhos, e mal configurados. Todos ſabem que ſe eſte lavrador, ou outro, ſabe grangear-lhe a affeição ; eſte cavallo pai, máo por natureza, canſado, velho, eſtorpiado, ou arruinado, he conſervado aſſim por largos annos, quando meſmo já não póde montar, nem dar os miſeraveis cavallos que dava ao principio. Ninguem ignora que nas Provincias Septentrionaes, ha hum dos maiores contrabandos de vender egoas para Heſpanha, as quaes publica, e claramente os Heſpanhoes vem comprar ás feiras, e Póvos ; e que por conſequencia o lavrador pagando-lhe eſtas melhor, antes quer que lhe ſaia huma egoa, do que hum cavallo. (Não digão que iſto he hum ſignal da ſua bondade, porque eſſas meſmo já hoje não ha ; nem elles as levão para Andaluzia : mas para as terras altas (Leão, Aſturias, &c.) como elles lhe chamão) : Que reſulta, e tem reſultado diſto ? Caudelarias excellentes arruidas ; os Regimentos quaſi impoſſibilitados de acharem Remontas, porque os cavallos que ſe lhe appreſentão são pela maior parte ſem alturas, fracos, mal conformados, ſendeiros, em fim que nada preſtão ; e ultimamente huma tal falta delles que quaſi he impoſſivel poderem re-

mo eſtropiadas ; porque em tendo aquella unica qualidade que ſe procura, deſtinão-ſe para as caudelarias: af-

montar-ſe a cavallaria no Reino : eis-aqui o ſeu vicio maior , vicio que ataca no ſeu principio .

Todas as Nações tem cuidado muito particularmente , neſte importantiſſimo objecto , ſem o qual he impoſſivel ter boa cavallaria : A grande utilidade deſte animal , principalmente para a guerra , he , e foi ſempre conhecida por todas ellas. ,, La plus noble conquete , ,, diz Mr. de Buffon , que L'homme ait ja- ,, mais faite eſt celle de ce fier & fougueux ani- ,, mal , que partage avec lui les fatigues de ,, la guerre , & la gloire des combats. ,,

Aſſim todas tem cuidado mais , ou menos, melhor , ou peior , em conſervarem , e melhorarem a bondade das ſuas raças. Os Arabes , cujos cavallos são os melhores , que ſe conhecem são tambem os que mais tem procurado conſervar eſta bella eſpecie. O ſeu cuidado , neſta parte he extremo , o que podemos ver pela diſtincta ſeparação em que conſervão as tres claſſes em que os dividem. A primeira chamada nobre he a mais antiga , e pura , que não tem recebido mancha da parte do macho , nem da femea. A 2. he antiga , mas que elles ſabem ter alguma meſcla da 3. , a qual he a dos cavallos communs , e ordinarios. Para a certeza diſto meſmo (ſem o que perderião os grandes preços por que os vendem) conſervão a ſua ge-

aſſim he raro achar nellas egoas, que foſſem para lá ſem algumas das referidas cauſas : eſtas fazem-ſe cubrir por

neologia como ſe foſſe de familias ; e quando os vendem atteſtão a meſma com teſtemunhas ; como ſe póde ver na Pologia de Pennant ; e no certificado que tem o Duque de Northumberland de Channing que lho communicou. A primeira raça, e a mais antiga (a que elles chamão Monaki Shaduki) dizem deſcender dos cavallos bravos da Arabia Deſerta : e eſta he a que elles cuidão em conſervar extremamente pura ; porque logo vendem os que não ſahem tão bons para pais : e todas as vezes que tem huma egoa nobre, que querem coberta, procurão hum cavallo da meſma qualidade com o maior exame ; porque todos tem, e adquirem o mais exacto conhecimento dos cavallos dos ſeus viſinhos, aſſim como dos ſeus : para o que todas as raças, ou familias delles tem nomes que todos ſabem ; aſſim como quando naſcêrão, ſignaes, idades, e qualidades dos ditos. Procurão pois eſte cavallo, por dinheiro que dão, para cobrir a ſua egoa, e chamão teſtemunhas para eſtarem preſentes, e darem huma atteſtação ſolemne deſte acto, aſſignada por elles em preſença do Magiſtrado (Emir.)

Quando a egoa pare, novamente chamão teſtemunhas, que aſſignão outra atteſtação dos pais, dia em que naſcêrão, e todas as particularidades dos naſcimentos ; e eſtes papeis

por hum cavallo novo, ou cançado, e como ellas concebão he o que ſe quer. No tempo da geſtão não ſe cuida

dão-nos como titulos quando os vendem, ou moſtrão-nos quando he neceſſario produzi-los.

As egoas de raça nobre, cuſtão 50, 100, até 400 moedas, e mais; e os cavallos da meſma tambem hum exorbitante preço.

Eſtes são os meios (além de huma ſubſiſtencia apropriada, e de huma educação dura) porque tem conſeguido preſervar ſem degeneração, os mais bellos cavallos do Univerſo, cuidando nos bons pais, e mãis, ſem neceſſitarem cruſar as raças; porque os ſeus são os melhores.

Depois deſtes ſeguem ſe os Barbos filhos dellas que já não são tão bons; não ſó porque não tem as meſmas cautelas, mas porque o deſpotiſmo dos Beys os obriga até a arruinallos, para mandar para Conſtantinopla: porém ainda entre eſtes ſe achão excellentes cavallos, que eſtimão muito.

Hiremos logo tratar dos Andaluzes, e Inglezes, e dos meios, porque tem ſido conſervados, pois ſe ſeguem a eſtes em qualidades: porém diremos de paſſagem, que os Dinamarquezes erão muito eſtimados, mas hoje cuidando menos nas ſuas caudelarias eſtão arruinados de fórma, que ſó o deſtricto de Guiverland ainda os produz bons.

Os Francezes ſe bem na Provincia de Normandia, e de Champagne, tem procurado ter

da no exercicio da egoa: humas vezes prendem-na á manjadoura tres mezes ſucceſſivos, outras atormentão-

nas

---

boas raças; ſe bem o Rei, e o Conde d'Artois tem dado cavallos pais, comprados por hum grande preço; ſe vários grandes Fidalgos tem cuidado nas ſuas caudelarias: com tudo pelo que vemos do noſſo A., pelo que lemos em outros ainda ha defeitos neſtes eſtabelecimentos porque não proſperão ſegundo as eſperanças que ſe podião conceber. Frederico 2., a quem hum objecto tão intereſſante não podia eſcapar, eſtabeleceo em Pruſſia muitas aldêas deſtinadas a Caudelarias, aonde as unio todas. Trahehnen he a cabeça, aonde reſide hum ſuperintendente, e aonde habita o Rei quando alli vai. Alli ha eſtabelecimentos para os pais, e para as egoas; divididos nas Aldeias pelas côres, e generos do ſeu ſerviço. Eſtas Caudelarias são de huma grande belleza, mas maior utilidade; e vendem ſe alli cavallos do maior preço (particularmente para pais) que chegão a 300 moedas. Alem deſta Caudelaria Real ha diverſas particulares (como póde ver-ſe Mr. Bocha e ſem embargo de tudo iſto, he tal a neceſſidade, que ainda o Rei compra cavallos no Holſtein, Dinamarca, em OOſt-friſia, e outras diverſas partes, para a bagagem, trens, e meſmo para a ſua Cavallaria.

Os Ruſſos tambem tem applicado as ſuas diligencias a terem boas Caudelarias, e junto ao Rio Rudûia, ha huma Imperial, que tem 400

nas com hum trabalho que as eſquenta; e muitas ſuſtentão-as mal: finalmente páre, e dá quaſi ſempre hum po-

egoas, e 50 cavallos paîs: geralmente Dinamarquezes, e Turcos que comprão por grandes preços.

O Inglezes deſde ha muito tempo tem ſempre attendido igualmente a terem boas raças. As ſuas melhores hoje provêm de pais Arabes, e Barbos, e aſſemelhão ſe a elles ſendo com tudo maiores, e mais fórtes: porém deſde tempos muito antigos tomárão os ſeus Reis niſto o mais particular intereſſe. Athelſtan promulgou huma lei, prohibindo a ſua exportação; o que he hum ſignal delles já ſerem eſtimados; e póde julgar-ſe pelo ſeu Teſtamento, em que léga vários cavallos eſtrangeiros que lhe tinhão dado, com os quaes aperfeiçoou as ſuas raças. Guilherme de Normandia trouxe muitos que forão celebrados naquelles tempos, e que ſe julgárão muito proprios para a guerra. Eduardo II. e III., mandarão tambem a França buſcallos. Em outro Reinado determinárão que as egoas de cobrição não tiveſſem menos de ſete quartas grandes. Nos Jornaes da Camera dos Pares em 1540 Lê-ſe = Hódie tandem lecta eſt billa educationi equorum procerioris ſtaturæ & nemine diſcrepante expedita. = Por outro Acto do Parlamento no meſmo tempo, mandou-ſe que cada Fidalgo, á proporção das ſuas rendas, e qualidade, tiveſſe tantos potros de 3 annos, e ſete quartas; e os particulares que tiveſſem,

potro que até degenera da figura do pai. Apenas naſcem eſtes animaes, termina-ſe-lhes logo hum terreno; cujos

tanto de renda, hum. Finalmente para não amontoar mais exemplos diremos, que as carreiras eſtabelecidas pelos Reis com premios, fomentadas pelos particulares com grandes apoſtas ſobre os melhores corredores, e o muito que as primeiras peſſoas tem cuidado nas raças; tudo tem concorrido á conſervação, e melhoramento dellas: para o que as cruzão com cavallos melhores; e igualmente como os Arabes vão conſervando hoje a ſua Genealogia, e tirando hum grande lucro pelo commercio que delles fazem; principalmente para a França.

Os Heſpanhoes cujas raças hoje vão fazendo-ſe baſtardas; não tem tido até aqui menor cuidado, ſendo as primeiras peſſoas da Andaluzia, ſenhores das melhores: cuidando muito na eſcolha dos pais, e egoas; ſeparação, e criação dos potros; que todos marcão com diverſos ſignaes, para diſtinguirem as ſuas.

O noſſo Portugal já póde vangloriar-ſe de ter belliſſimas raças: os antigos eſtimavão-nas; e póde ver-ſe em Duarte Nunes de Leão, o que diz, e cita das noſſas egoas, e cavallos. Quaſi todo o Paiz he proprio para elles, e para a producção de huma raça activa, vigoroſa, e cheia de eſpirito; pois que o clima, e terreno muito concorrem para iſto. Na união de Heſpanha foi que ſe arruinou mais, e depois pelos vicios que já expuzemos. He tambem di-

jos eſtreitos limites não lhes permitte exercitar, e deſenvolver os ſeus membros, e ordinariamente he circunſ-

gno de Nota, que algum dia nas Provincias, não havia peſſoa nobre que não tiveſſe hum formoſo cavallo: era coſtume compralo quando caſavão, ou ſahião do poder Paterno ao Mundo. As cavalhadas, e Juſtas, feſtas daquelle tempo os obrigavão a attender á equitação: a tomarem goſto de apparecer bem neſtes divertimentos nobres: hoje ao contrario apenas ſe acha hum curioſo: he raro o cavallo bom; e todos cuidão ſó em ter huma parelha de machos. Os baixos preços por que ſe tirárão em tempo de neceſſidade; o diſcredito deſtes divertimentos, huma maior ocioſidade; a ruina das Candelarias tem ſido a cauſa da raridade, e do deſcuido que ha. Não ha Regimento das Provincias do Nórte aonde ſenão falle de muitos cavallos que houve de grande belleza, forças, e fina raça: hoje he raro achar hum que una eſtas qualidades; e do meſmo ouvimos queixarem-ſe em Lisboa os melhores curioſos. Finalmente como diz o Diſcipulo do célebre Sir Sidnei Medous, os cavallos Portuguezes não tem a menor reputação; e differem tanto dos Heſpanhoes, como vai deſtas maçans bravas, ás boas, e doces.

Em Du-Hamel, e Mr. de Buffon, la Foſſe, Mr. Boch, Eſſai ſur les Haras, e no Regulamento dado em França em 1717, póde ver-ſe o melhor methodo de reſtaurar as Cau-

cunſcripto , e abſolutamente neceſſario para o ſuſtento da mãi ; o qual muitas vezes he pouco ſadio por ſer encerrado em hum pequeniſſimo eſpaço, ſem poder eſcolher.

Eſte o regimen de vida em que ſe cria o potro , até que deixando de mammar o ſepárão da mãi, e o prendem na cavalharice; ou ſe o deixão no campo ligão-lhe as pernas com cordas, e meſmo com cadeas, no receio de que lhe dê exercicio : mas como ſe foſſe nada oppôrem-ſe aſſim ao deſenvolvimento da Natureza, ſoffocão-na, além diſto, pela mais cruel ope-

---

delarias. Nós já tocamos os principios geraes, e eſtes he que devem procurar accommodar-ſe ao Pai ; porque cada hum requer os ſeus Regulamentos conſórmes a elle , que não pódem totalmente adoptar-ſe dos outros. Quanto ao entretenimento , educação , e conſervação ha hoje eſcripto muito , e achar-ſe-hão nos meſmos AA. as melhores régras : aqui apontaremos, em conſequencia novamente a neceſſidade que ha em Portugal de Eſcolas Veterinarias, de que depende tambem tanto a conſervação da eſpecie, e ſeu conhecimento.

operação. (p) Aos 18 mezes cápa-ſe o potro ; o que he, para aſſim dizer, deſtrui-ſo antes de naſcer ; e a conſe-

(p) Lamentamos igualmente a neceſſidade em que nos vemos nos noſſos Regimentos, de capar muitos cavallos ; neceſſidade digo, porque ha alguns de tal cio, que he impoſſivel conſervallos aſſim ſem riſco evidente do ſoldado, e ſem a continuada, e certa deſordem que causão nos quarteis, e meſmo no eſquadrão. Eſte cio naſce da groſſaria da ſua raça, da má criação que o lavrador lhe dá, e do pouco exercicio com que depois que vem para o Regimento he criado, (ſem embargo de que ha alguns que nem o maior trabalho os amanſa) porém particularmente provem das duas primeiras cauſas ; porque he certiſſimo que os meſmos Heſpanhoes que ſe comprão nas Provincias, e que não são Andaluzes, mas de Leão, e outras viſinhanças de Portugal, quaſi nunca tem cio, e algum que he ſinto já mais. O meſmo podia ſucceder-nos ſe cuidaſſemos em remover as cauſas deſte vicio ; e aſſim não arruinariamos huma parte dos noſſos cavallos: porque he certo não ſó ficarem com os defeitos que o noſſo A. diz, mas no noſſo Reino accreſce-lhes hum muito peior, que he a falta de viſta, que todos depois tem ; ou ſeja uſual conſequencia daquella operação, ou pela fazermos mais tarde, ou effeito do noſſo clima, ou de alguma outra cauſa ; pois que nos cavallos Inglezes ſe não obſerva tanto. Se tiveſſemos boas Caudela-

ſequencia he, que des de eſte inſtante moſtra todos os ſignaes de fraqueza que conſervará toda a vida: o peſcoço deixa de engroſſar; os muſculos não tomão aquella fórma quadrada, e demonſtradora do vigor do cavallo inteiro; o pélo he cumprido, e muito nas pernas; as crinas em lugar de ſerem lizas, luzidias, e ondulantes, imitão á eſtopa; finalmente chega a idade de vende-los, e

---

rias; ſe os noſſos cavallos como os Inglezes tiveſſem tantas forças, que a caſtração lhe não tiraſſe o ſerviço; quando a pezar de termos removido as cauſas que apontamos, elles pelo ſeu cio a neceſſitaſſem (o que duvidamos, porque ſabemos remediarem-ſe cavallos cioſos, deixando-os cubrir huma, ou duas vezes) fizeſſe-ſe eſſa operação, mas ſó aos defeituoſos, e antes de ſahirem das Caudelarias; porque aſſim não teriamos neceſſidade de caſtrallos nos Regimentos, aonde conſervarião todo o ſeu vigor, ſem prejuizo algum.

O Lavrador tendo aſſim certeza de tirar hum lucro á proporção da bondade do ſeu cavallo, não iria procurar hum ſendeiro para cubrir a ſua egoa, e faria deſneceſſario eſte remedio por eſte meio; e neſta intelligencia o apontamos na primeira Parte.

e trazem-nos para recutar eſtes ſendeiros. Não deſterrarêmos nunca eſte antigo, e ridiculo methodo Europêo de capar os cavallos, e deſtruir aſſim a metade das ſuas forças, e valor? Contra a experiencia diaria, que nos moſtra ſerem ſó capazes os cavallos inteiros, de fazerem os exercicios exceſſivos das poſtas, Rios, &c.; para o officio da guerra, que não pede menos força, e duração, he que havemos de ſervir-nos de capados, porque antigos uſos nos fazem ſeguir os ſeus prejuizos! Quantos accidentes ſuccederião? dizem elles. Porém da Perſia, e Arabia, aonde eſte barbaro uſo he deſconhecido, e (mais perto de nós ainda) a cavallaria Heſpanhola; como fazem? Os cavallos são de outra qualidade que os noſſos, ou menos proprios para a geração? Com tudo enſinão-ſe, governão ſe, e não ha em Heſpanha mais accidentes infelizes nem pernas quebradas, do que em França. Porém

pa-

para provar que ha ſobre eſte objecto tantos prejuizos como razões, baſta-nos vêr que ha vinte annos ninguem ſe atreveria em París, a trazer em huma ſeje dous cavallos inteiros, porque tambem ſe dizia que era expôr-ſe a grande riſco ſe encontraſſem egoas: hoje não ha mulher que não monte com atrevimanto em huma carruagem; e nenhum cocheiro que com o meſmo ſe não metta em qualquer pateo particular, ou da opera, ſem embaraçar ſe que a carruagem viſinha ſeja ou não tirada por egoas. Não ſe vê na Caſa Real, e em todas as Academias eſtes cavallos hnns ao pé dos outros, ſocegados nas fileiras, ou filas das picarias, meſmo quando a maior parte do tempo são montados por crianças, ou principiantes que não tem nenhum uſo de cavallos? Que objecção porão ainda? As trópas viajão, e pódem encontrar egoas. Reſpondo, ſervindo-vos de cavallos inteiros multiplica-

reis logo a eſpecie, e o conſumo virá a ſer menor, porque reſiſtiráõ mais á fadiga; e as egoas não ſahiráõ, pois, quaſi nunca das caſas dos criadores, ou dos campos das caudelarias: além diſto, os Heſpanhoes não viajão! Os Arrieiros não paſsão a ſua vida pelas eſtradas, nas eſtalagens, e não encontrão muitas vezes egoas?

Tal he o imperio do coſtume; que as reformas, ou projects os mais ſimples, e uteis são deſprezados, ou ridiculiſados! Antes do Marechal de Saxe julgava ſe impoſſivel fazer marchar a Infanteria unida, e alinhada; as marchas que ſe tocavão, ſervião ſó de fazer ruido, e azoinar: elle foi o primeiro que diſſe era neceſſario fazer marchar em cadencia; e iſto era tão novo, que antevello pareceria extravagancia, fazendo ſemelhante propoſição: eu o parecerei igualmente agora; porém opinarei para que a cavallaria ande monta-

tada em cavallos inteiros ; que ſe exercite todos os dias ; que intente marchas , a que hoje chamão forçadas ; que ſe acoſtume a paſſar os mais máos paſſos , e meſmo a ſaltar , e vencer obſtaculos que actualmente a embaração.

Porém voltemos ás cauſas ſegundas da fraqueza da noſſa cavallaria: o cavallo entregue ao Picador, cahe muitas vezes em mãos barbaras que acabão de arruina-lo. Não ha couſa tão perigoſa como hum Meſtre ignorante; érra por methodo, e perde-ſe por preoccupação. Tal he a maior parte daquelles , que chamão Picadores, quaſi ſempre incapazes de dar definições ſimples da Arte , que pertendem profeſſar !

Abrão-ſe os noſſos Tratados de Equitação , e vêr-ſe-ha que os ſeus principios forção , e contradizem a natureza em toda a parte. Quantos milhares de cavallos ſe tem arruinado, e envelhecido nas Picarias , antes de

hum capaz de executar as habilidades, ou macaquices qee Mrs. de Newcaſtle, e Gueriniere nos juntárão debaixo dos nomes rudes de *paſſades*, ou voltas ſobre o meſmo terreno, em 1, 2, 3, e 5 tempos; terra a terra, *peſades*, ou primeiro tempo da curveta em que o cavallo ſe levanta por diante; *meſair*, ou meia curveta; balotadas; *pas et ſaut* que ſe executa em tres tempos, 1. terra a terra, 2. curveta, 3. cabriola; *falcades*, ou pequenas curvetas; repelões, &c. (1) (q) Eſta linguagem faſtidioſa, he que eu pertendo evitar na minha Eſcóla, aonde os cavallos não conheceráõ paſſos artificiaes,

(1) Vede cada huma deſtas palavras na Encyclopedia aſſim como a de *Air*, ou alto; manejo; por Mr. Eidous.

(q) Eſtes ſão os manejos que devem deſterrar-ſe totalmente dos Picadeiros da Cavallaria; porque ſirvirião ſó de arruina-la: as outras liçõeſ commuas em todos os Picadeiros, requerem as meſmas ajudas, e não he neceſſario fazer differença nellas como pertende o A. do Tratado de Tactica, &c.

ciaes, e applicarei ſómente todos os recurſos da Arte, a aperfeiçôar os que lhe deo a natureza.

Para não omittir couſa alguma, e ſeguirmos a meſma ordem na ſegunda parte, como na primeira; ſupporemos hum cavallo que haja de ſer enſinado por hum cavalleiro; ao qual dictaremos o modo de conduzir-ſe, para conſeguir o fim que ſe propõe.

Arte de enſinar os cavallos.

JA' diſſemos que ſe chama cavallo enſinado, ou *unido* áquelle que conhece as intenções do cavalleiro ao ſeu menor movimento, obedecendo lhe logo com exactidão, ligeireza, e força.

A acção mecanica dos braços, e pernas do Picador ſobre hum cavallo, não he ſufficiente para enſina-lo, e dar-lhe ligeireza, docilidade, e força. Para obter eſte fim, he preci-

ciſo muito cuidado ſoccorrido do diſcurſo. Supponhamos hum cavallo inteiro, ſádio, fórte, e vigoroſo, tal como ainda ſahem da Andaluzia, ou das brenhas dos Pyrenêos; ao qual habituaremos gradualmente, ao novo genero de vida a que he deſtinado. Acoſtumado até á idade de quatro annos e meio, e ſinco á liberdade dos prados, ou campos, quaſi ſempre ſe vê com deſeſperação, preſo a huma manjedoura: á inacção em que ſe acha, e a mudança repentina dos ſeus alimentos, devem operar huma revolução na ſua natureza, humor, e forças: he preciſo pois evitar os inconvenientes que naturalmente devem ſeguir-ſe diſto. Do criado a quem ſe confia, deve receber as primeiras lições de docilidade, e brandura; preparando-ſe na eſtrebaria para as lições do Picadeiro, ſem que ſeja indifferente confiar-ſe ao cuidado de hum homem docil, ou brutal. Tudo o que póde con-

conſervar a ſaude, e vigor do cavallo, aſſim como o curativo, e mantimento regulado, &c. deve praticarſe com huma exactidão eſcrupuloſa: não baſta que quem cuida dos cavallos lhes tenha amor, he preciſo que ſeja fórte, deſembaraçado, e acoſtumado a tratar d'elles ſem os temer; porque ſe fazem muitas vezes vicioſos, tanto por brutalidade, como por temor, e inhabilidade dos criados. Demóro-me tanto ſobre todas eſtas recommendações, que pódem parecer demaſiadamente eſcrupuloſas, porque a experiencia me tem moſtrado quanto são eſſenciaes; pois que indagando as cauſas dos vicios que commummente ſe encontrão no cavallo, tenho achado que provém pela maior parte de hum trato mal entendido, ou mal applicado: eis-aqui a razão, por que nunca deve dar-ſe a huma recruta, hum cavallo novo.

Ha tantos principios differentes

tes para pôr hum homem a cavallo, como methodos para enſina-los, porém hum ſó he o melhor; e eſte ſerá aquelle, cujos principios ſe apartarem menos da natureza, ſendo os mais ſimples. A' viſta deſtes methodos, quaſi tão multiplicados como os Meſtres, não deve admirar vêr hum cavallo bem conduzido por hum Picador, e muito mal por outro que algumas vezes he mais ſábio. He certo, por exemplo, que acoſtumando hum cavallo a voltar á direita pela redea eſquerda, e á eſquerda pela direita (como quer Mr. Bourgelat); e que outro Picador exija deſte meſmo cavallo voltar á direita, e á eſquerda pelas rédeas deſtes meſmos lados; eſte ultimo achará o animal rebelde. e ſuſtentará que o cavallo não ſabe nada, ainda que eſteja muito inſtruido a obedecer ao outro ſignal. (1)

O

(1) Os cavallos habituão-ſe á lição que ſe lhes dá: hum cavalleiro faz partir o cavallo com

O cavallo habitua-ſe ao cavalleiro que o monta, e acoſtuma-ſe meſmo á ſua falſa poſtura: eis-aqui de que naſce muitas vezes vêr-ſe hum homem mal a cavallo, e conduzindo-o bem.

Todo o homem que ſe puzer direito a cavallo, e que ſaiba ſervir-ſe das ſuas mãos, e pernas, governará, e conduzirá ſempre o cavallo bem enſinado.

Vamos moſtrar que aquella poſição mais commoda, que dêmos ao cavalleiro, tem além diſſo a vantagem de ſer a mais favoravel ao animal; iſto he, aquella em que o pezo do homem he menos incommodo para elle, deixando lhe por conſequencia a maior liberdade, e uſo das ſuas forças para trabalhar.

Ponhamos hum cavallo em liberdade, examinemos os ſeus movimen-

as ſuas pernas, com as mãos fa-lo parar, e hum poſtilhão faz partir o cavallo com as mãos.

mentos, e paſſos; e conhecida huma vez a natureza ſervir-nos-ha de lei.

Do movimento, e marcha do cavallo.

COmo a noſſa Arte ſe limita a fazer mover com igualdade as differentes partes, que concorrem ao movimento em hum cavallo; he neceſſario não ſó que conheçamos os ſeus differentes movimentos, mas que examinemos no jogo delles, ainda o mais ſimples, as leis mais exactas da Mecanica.

Póde conſiderar-ſe o corpo do cavallo, como huma máquina ſuſtentada por quatro columnas; cujo centro de gravidade cahe ſempre no ſeu meio proporcional. No eſtado de repouſo, o pezo do corpo do animal deve eſtar repartido igualmente ſobre as columnas; e he tambem o que eu chamo cavallo unido. No eſtado de movimento o pezo do animal, he ſuſtentado pelas columnas

que

que ſe achão poſtas no chão: he pois eſſencial, que o centro de gravidade do cavalleiro, ſe ache perpendicularmente ſobre o do cavallo; porque formando aſſim eſtes dous pezos, hum ſó, reparte-ſe proporcionalmente ſobre as pernas do cavallo, e opprime-o o menos que he poſſivel.

Sempre ſe conſiderárão as quatro columnas deſta máquina (ou as quatro pernas do cavallo) como o principio do movimento: aſſim como na marcha do homem alguns pertendêrão, que as pernas principiando a andar para diante, o corpo as ſeguia depois: para deſcançar em cima dellas quando eſtavão no chão. Felizmente conſultada (ainda que muito tarde) a Mecanica, fez vêr-nos demonſtrativamente o noſſo erro. Hoje todos eſtão convencidos, que hum pezo pequeno não póde attrahir outro maior, antes pelo contrario o grande attrahe naturalmente o pequeno. Analyſando-ſe mais eſte principio de movi-

vimento do corpo, conhece-ſe que exiſte no centro da gravidade.

He com tudo digno de admiração, que não ſe tiveſſe conhecido o movimento natural da marcha, ſem a Mecanica: baſta vêr marchar, ou correr hum homem com velocidade, (1) para conhecer-ſe que o ſeu corpo principía a marcha, e ſe anticipa muito ás pernas, que parece não fazem mais, do que ſeguilo: e com effeito não fazem mais que ſuſtentar o corpo em quanto caminha. Porque ſe vê algumas vezes cahir hum homem correndo? He porque as pernas não tem baſtante velocidade para virem ſuſtentar o corpo que parte ſempre primeiro.

Examinai bem o cavallo em repouſo, e a prumo; incitai o brandamente a mover-ſe em frente; fixai a viſta nas ſuas eſpaduas, e ante-braços,

(1) Iſto ſuccede tanto nos movimentos vagarosos como nos rápidos; porém mais imperceptivelmente.

ços, vereis move-los primeiro; e depois como ſe arraſtaſſe as pernas, ve-las-heis vir ſuſtentar o cavallo; e o caminho mais, ou menos conſideravel que tiver feito o corpo, ſerá o que determine a perna a ir mais, ou menos adiante. Eis-aqui o verdadeiro principio do movimento (2); que por mais extraordinario que pareça áquelles que eſtão acoſtumados a crer que são as pernas as que primitivamente o fazem marchar, e pôr em movimento o corpo; por pouco que diſcorrão, e reparem, no que a experiencia lhe demonſtra ſem ceſſar, conheceráõ logo o ſeu erro.

Todo o movimento deve ter hum objecto: ſe o cavallo caminha, he para tranſportar-ſe de huma a outra parte; e ſe o homem o incita a iſto, he para conſeguir delle o que de-

(2) Os córpos movem-ſe ſempre pelo centro da gravidade; e quando ſe quer mover hum corpo, devem applicar-ſe as forças no dito centro.

deſeja. O movimento que o cavallo faz para tranſportar-ſe de hum lugar a outro, chama-ſe *Marcha.*

Conforme o objecto da marcha, facilmente ſe vê o modo de executa-la: Sabemos que o mais curto caminho de hum a outro ponto, he a linha récta; e que o movimento mais natural a hum corpo que recebeo impulsão, he mover-ſe unifórmemente, e na direcção da força que lha deo.

O corpo do animal deve pois mover-ſe na marcha directamente; iſto he, ſempre em linha recta; e o que marchar melhor, ſerá aquelle que menos apartar as pernas deſta direcção.

Conſideremos ſómente em todos os movimentos o ponto tomado por centro da gravidade: eſte poſto em movimento, não póde mover-ſe ſenão até huma certa diſtancia na meſma altura, ſem abaixarſe; e quando chega a ella, he o termo

mo do apoio que pódem dar-lhe as pernas ſem mover-ſe : mas alli são eſtas obrigadas a mover-ſe, ou a mudar de lugar, e tornar a tomar debaixo delle a meſma poſição que tinhão antes; a fim de tornar-lhe a dar a facilidade de principiar outra vez o ſeu movimento. Aſſim he que ſe move, e continúa a mover-ſe o animal, cujos movimentos são de tal modo ſeguidos huns dos outros, que a viſta mais applicada, não os diſtingue ſem difficuldade. Eſtes movimentos ſucceſſivos do centro da gravidade, e das pernas, devem ter huma união, e ſucceſsão perfeita, ſem a qual o cavallo nunca eſtaria a prumo, e correria riſco de cahir.

He neceſſario, ſobre tudo, que as pernas não affroxem; que tenhão ſempre o meſmo gráo de ligeireza, que tem o corpo, ou centro de gravidade; e que trabalhem ſempre pelo caminho mais curto.

O Cavalleiro habil he que de-

ve

ve compaſſar os movimentos da ſua mão, que devem diminuir a maſſa; e a quantidade das ajudas que devem accelerar a acção das pernas: porque ſe não tem o ſentimento deſta exacta compenſação que ſe chama *harmonia de mãos, e pernas*, he impoſſivel que ponha hum cavallo a prumo, e que o una. (1)

Reconhecido eſte principio de movimento; continuemos em conſequencia, a conſiderar o cavallo como huma maſſa, cujo centro da gravidade deve cahir ſempre no meio proporcional das pernas que eſtão no chão; e todas as noſſas operações ſe executaráõ ſempre ſobre eſte centro de gravidade; que procuraremos mover com exactidão, e ſegurança.

O cavallo tem differentes modos de mover-ſe, com nais, ou menos celeridade, que o faz ſuſceptivel de

(1) Iſto he pôr o pezo do corpo do cavallo, ſobre o meio proporcional das pernas póſtas no chão.

de differentes marchas : deſtas ha tres chamadas naturaes ; que são o paſſo, o trote, e o galópe. Chamo naturaes eſtas marchas, para diſtingui las de outras que os cavallos nunca tem naturalmente ; porém que tomão algumas vezes, pelo modo com que ſe conduzem : taes como o *furta-paſſo*, *a andadura*, *&c.* Neſtas marchas artificiaes, o cavallo conſerva-ſe menos a prumo, e não eſtá em eſtado de força ; por cuja razão ſe arruina infinitamente mais depreſſa. Ha com tudo muitos cavallinhos na Bretanha, e Normándia, chamados *cavallos andaderes*, que andão aſſim muito caminho : porém eſtes são raros, e he preciſo que ſejão excellentes para conſervarem eſta marcha, de que não fallaremos mais ; pois que ſenão conhece mais que em cavallos de paizanos ; que não mudaráõ certamente o ſeu uſo, e que meſmo terião prejuizo em muda lo ; porque eſtes cavallos são muito eſtimados entre elles.

Do paſſo.

O Paſſo he a mais vagaroſa de todas as marchas do cavallo, e a que eſte póde conſervar mais tempo ſucceſſiva: neſta marcha não tem ſenão huma perna no ar ao meſmo tempo, e o ſeu movimento ſuccede diagonalmente. Explico-me melhor: poſta huma vez em movimento a maſſa do cavallo, não poderia ſuſtentar-ſe ſe não foſſe ſoccorrida: huma mão (a direita por exemplo) levanta-ſe, e vai pôr-ſe adiante perpendicularmente por baixo da eſpadua direita: ao meſmo tempo que a mão direita aſſenta no chão, levanta-ſe o pé eſquêrdo, o qual ſe acha totalmente levantado no momento que a dita mão eſtá totalmente pouſada: o pé eſquerdo huma vez levantado vai pôr-ſe adiante mais, ou menos, de modo que poſſa dar hum juſto apoio, ao centro de gravidade do cavallo;

e

e ao meſmo tempo que eſte ſe põe no chão, a mão eſquerda ſe levanta; de modo que eſta ſe acha totalmente no ar, quando a outra eſtá totalmente no chão, e vai do meſmo modo pôr-ſe adiante, e perpendicularmente debaixo da eſpadua: depois que eſtá no chão, levanta-ſe o pé direito, e vai pôr-ſe como o eſquerdo, bem adiante para ſuſtentar o centro da gravidade; logo depois que o põe levanta-ſe a mão direita; e aſſim ſe perpetúão ſem ceſſar eſtes quatro movimentos, que são muito ſeguidos, e devem ſer muito iguaes entre ſi, caminhando ſempre a maſſa.

Por eſte detalhe ſe vê que no paſſo, a maſſa do animal, ou ſeu centro de gravidade, he ſempre ſuſtentado por tres pernas ſómente: ſobre as quaes ſe move continuamente; que as ſuas pernas ſe levantão, e mudão entre ſi, em proporção da velocidade da maſſa; que o movimento das pernas ſe ſuccede diagonal-

mente, ſendo o unico modo de conſervar o cavallo a ſua ſegurança, pois que huma perna deve eſtar deſcarregada antes que a que eſtá no ar eſteja totalmente no chão, e os dous pontos que ficão, como eſtão em diagonal achão-ſe na poſição mais fórte, e favoravel para ſuſtentar a maſſa.

O paſſo tem differentes gráos de apoio, e velocidade, e he mais, ou menos largo, e cadenceado: nós teremos occaſião de tornar a fallar delle nas noſſas lições, aonde eſta marcha ſerá conſiderada como a mais vantajoſa; e da qual hum habil Meſtre deve ſervir-ſe, para acabar de aperfeiçôar hum cavallo (1); que-

(1) O famoſo Mr. de Luberſac ſervia-ſe ſó do paſſo para enſinar os ſeus cavallos: tomava conta delles, logo que eſtavão desbaſtados; montava-os 18 mezes, ou dous annos, ſempre a paſſo; e no fim deſte tempo deixava-os montar pelos ſeus melhores diſcipulos; os quaes ficavão admirados de achar-lhes a maior cadencia nas paſſagens, e o galópe mais igual, e de melhor toada.

quero dizer ; para dar-lhe a delicadeza de boca, e pernas.

Do Tróte.

A Marcha de tróte he muito mais viva que a de paſſo, e tira deſta a ſua origem: apreſſando ſe o cavallo a paſſo, diſtinctamente ſe vêm os muſculos dorſaes, e lombares encurtar-ſe ; os angulos das eſpaduas abrir-ſe com força; a maſſa ir adiante com muita mais celeridade; e as pernas do cavallo tambem ſe levantão com muita mais acção, para virem ao ſoccorro deſta maſſa, e ſuſtenta-la. Aſſim nos moſtra a experiencia, que muitos cavallos preguiçoſos tropeção a paſſo, e ſuſtentão-ſe muito bem a tróte.

O movimento ſucceſſivo das quatro pernas não poderia ſer aſſás prompto para o ſuſtento da maſſa : aſſim o cavallo tem duas pernas no ar, e duas no chão ; porque eſtas eſtando

póſ-

póſtas diagonalmente, baſtão para ſuſtentar a máquina em equilibrio, em quanto as outras duas caminhão, e ſe ſoccorrem mutuamente (1). Eſtas quatro pernas fórmão dous bipedes: que são; a mão direita, e perna eſquerda hum; e a mão eſquerda, e perna direita outro.

Sobre eſtes dous bipedes he que

(1) Na andadura, as duas pernas do meſmo lado, fórmão hum bipede em quanto hum eſtá no ar, a máquina eſtá em evidente riſco de cahir; porque he preciſo para poder marchar o cavallo, que no inſtante, por exemplo, em que o bipede direito eſtiver no ar, todo o peſo do corpo faça hum movimento á eſquerda, para ſe pôr em equilibrio ſobre eſte bipede; aſſim como quando o bipede eſquerdo ſe levanta, he preciſo que o peſo do corpo ſe lance ſobre o direito. O balanço neſta marcha he contrario ao primeiro principio do movimento, que eſtabelece que eſtando o corpo direito, deve mover-ſe em linha recta, e uniforme á impulsão que recebeo: porque ſe algum corpo eſtranho vier encontrar as pernas, e cauſar hum balanço alguma couſa maior, o cavallo cahe para a parte de fóra, aonde não ha nada que o ſuſtente. Eſta marcha, pois, deve rejeitar-ſe, e ſer conſiderada como falſa, e perniciosa.

que ſe move contínuamente o centro de gravidade, que caminha ſempre em linha recta.

Eſta marcha he muito viva, e ganha muito terreno: quando he ſolta, todos os muſculos ſe achão nella, em huma acção fórte; e por iſto he que ſe conſidéra muito propria para ſoltar, e fortificar os cavallos novos. Pela poſição dos bipedes, o corpo do animal conſerva nella o ſeu prumo, e he o que a faz ſer de menor fadiga para elles. Faltão-me muitas couſas a dizer ſobre eſta marcha; porém terei occaſião de voltar a ella nas lições ſeguintes, e então poderei explicar-me melhor.

Do Galópe.

O Cavallo a paſſo tem ſó huma perna no ar, a trote duas, e a galópe ha hum inſtante em que eſtão todas no ar: por iſto, eſta marcha

cha póde conſiderar-ſe como huma repetição de ſaltos em frente, que ſe opéra não ſómente pela acção dos muſculos dorſaes, e lombares; mas ainda pela abertura dos angulos que fórmão as eſpaduas, ou pela expulsão das partes poſteriores, que a cada tempo de galópe ſe aproximão mais, ou menos da linha vertical do centro de gravidade, e que arraſtão deſte meſmo modo a maſſa. Eſta marcha he muito penoſa para o cavallo, e o ſeu frequente uſo arruina toda a máquina: os jarretes, ſobre tudo, padecem infinitamente, ſe o Cavalleiro não tem aquelle tacto que fórma a harmonia das mãos, e pernas. Por exemplo; he evidente que ſe no inſtante em que os angulos do quarto trazeiro ſe abrem para impellir a maſſa, o Cavalleiro fórma hum tempo de parada, lança o peſo do corpo do cavallo ſobre partes que não pódem conte-lo, e que fórça, e arruina indubitavelmente os jarretes do

ca-

cavallo. Reconhecido iſto, facilmente ſe vê quanto pernicioſo he o galópe a huma Trópa; pois que no Eſquadrão he obrigado o Cavalleiro a regular o trabalho da ſua mão pelos mandamentos que lhe fazem, ou para conſervar o alinhamento; e que eſtes tempos de parada não pódem concordar-ſe quaſi nunca com a marcha do cavallo.

Quando o cavallo marcha á direita, deve galopar ſobre as pernas direitas, e ſe marcha á eſquerda ſobre as pernas deſte meſmo lado: e quando ſe leva hum cavallo direito em frente em planice, ou outra parte, deve ſer alternativa igualmente ſobre as pernas ambas.

O cavallo galópa ſobre os pés, ou pernas direitas, quando a mão, e perna direita vão adiante das outras correſpondentes pernas. *Eſt.* 3. *Fig.* 4.: e quando galópa á eſquerda, ſuccede o meſmo em ordem inverſa. *Eſt.* 3. *Fig.* 5.

O

O cavallo galópa falſo, quando marchando á direita galópa ſobre os pés eſquerdos, ou quando á eſquerda galópa ſobre os pés contrarios.

O cavallo eſtá deſunido quando galópa ſobre a mão direita, e pé eſquerdo, ou inverſamente: neſte caſo o cavallo não eſtá a prumo, e corre hum evidente riſco de cahir.

He eſſencial que o Cavalleiro conheça perfeitamente todas eſtas acções, nas differentes marchas do cavallo; e depois de te-lo viſto, he preciſo montar em pêlo, para procurar ſentir debaixo da ſua parte immovel, tudo o que a viſta nos tem feito perceber: ſem eſte tacto, nunca póde haver delicadeza.

Qualidades que deve ter hum Cavalleiro.

INtelligencia, paciencia, e doçura, são as qualidades primitivas, e abſolutamente neceſſarias a hum Cavalleiro, as quaes devem ſer ajudadas pelo talento: porém eſte nunca póde ſubſtitui-las.

Para inſtruir hum cavallo, e trabalhar com fruto o ſeu inſtincto, e memoria, he preciſo diſcernir o ſeu caracter; porque os meios varião ſegundo as obſervações deſtas differenças. Ha cavallos colericos, e teimoſos, e outros medroſos: o que os trata igualmente he hum desbaſtador, ou quebra-cabeça, que nunca póde conſeguir ſe não ſucceſſos do acaſo: por iſto he tão commum vêr debaixo de ſemelhantes gentes, cavallos rebolões. A falta de paciencia faz muitas vezes apreſſar hum trabalho que deve ſer vagaroſo. Muitos mortifi-

cão

cão, e fórção os cavallos nas primeiras lições; ſobre tudo os que moſtrão alegria galópão-nos em terras lavradas, extenuão, e arruinão hum cavallo; o qual quando já não póde marchar, paſſa aos olhos do ignorante, por eſtar vencido, e dominado; e eſte he o termo.

ARTIGO II.

Primeiras lições dadas ao cavallo.

Dos Cabeções, e da Guia.

QUerendo o homem ſujeitar o cavallo á ſua vontade, governa-lo, e conſeguir delle os ſerviços de que he ſuſceptivel; ſervioſe da ſuà intelligencia, a qual produzio a Arte de ſubjuga-lo, e fazelo obediente.

Sem eſta Arte ſerião inſufficientes as noſſas forças, para fazer-nos ſenhor de hum animal livre, e fogoſo; e infelizes aquelles que intentaſ-

taſſem ainda vence-lo, por huma reſiſtencia igual á ſua força. Deſta nunca deve uſar-ſe com o cavallo, ſobre tudo nos principios, ſenão quizerem faze-lo para ſempre inimigo da eſcóla, e obediencia.

Seja-me licito ſuppôr para objecto das minhas liçóes, hum deſſes cavallos fádios, vigoroſos, ardentes, e inteiros ſobre tudo: por exemplo hum Andaluz, ou Inglez, conduzido ao Picadeiro naquelle momento em que deixa o nome de potro para tomar o de cavallo (porque quando ſe quer dar hum modelo, deve eſcolher-ſe ſempre a bella natureza; e eu não conheço raça mais ſoberba, guerreira, e agradavel do que a Heſpanhola, nem mais esbelta, e incanſavel do que a Ingleza); em huma palavra, hum cavallo qualquer que ſeja deſtinado a levar hum Cavalleiro, e a obedecer ás ſuas vontades, deve ſer conduzido a eſtes fins, por huma graduação de jugo,

que

que não lhe permitta defender-ſe delle. Suppõe-ſe que houve com elle todo o cuidado na cavalharice; iſto he, que não tem adquirido nella ſéſtro algum, mas que todos ſe pódem chegar a elle, ſella-lo, e enfrea-lo, deixando-ſe conduzir á mão, montar, e apear á direita, e á eſquerda, com todo o ſocego. Como para conſeguir todas eſtas couſas baſta a doçura, não me demorarei mais ſobre os meios de conſegui-las, pois que são conhecidas de todos.

Deve conduzir-ſe o cavallo á picaria, enfreado com hum bridãoſinho, (r) e outro grande de cavalha-

ri-

(r) He preciſo não confundir eſte bridão grande com o bridãoſinho que tem a noſſa cavallaria: aquelle he hum freio brando ſem cambas, que ſe firma bem na boca ſem moleſta-la, e pelo qual pódem muito bem governar-ſe, cuja conſtrucção póde vêr-ſe na Encyclopedia Artigo Epéronier Eſt. 3. He o que os antigos conhecião debaixo do nome do freio brando: he o *Snaffle* de que uſão os Inglezes, e com que o célebre Sir Sidneij Medowr, enſina todos os ſeus cavallos. O noſſo porém devia ſer-

rice, havendo o maior cuidado que as faceiras delle ſejão ſufficientes a que fique no ſeu lugar o bocado, ſem que por apertadas, ou curtas franzão os beiços; a ſujugóla larga, a félla poſta de modo que não lhe comprima as eſpaduas, e que os ſuadouros eſtejão aſſentados por todo o ſeu cumprimento, ſem que ſejão altos para que eſta ſe cinja o mais que for poſſivel ao cavallo: o aſſento deve ſer horizontal, e não levantado poſ-

vir ſó com o freio, ou para o tirar da cavalharice; porque o cavallo quaſi não tem governo com elle, por não ſer firme, e paſſar de hum lado para o outro, até entrar meſmo a rédea na bocca, frazindo-lhe os beiços, amortecendo-lhe os aſſentos, e dando-lhe o máo habito de fazer teſoura. Aſſim o uſo daquelle para governo, e enſino dos cavallos novos, he tão util, quanto prejudicial eſte para o meſmo deſtino. Julgo não dever ſubſtituir-ſe-lhe, ou uſar-ſe do cabeção fóra da picaria; porque he hum inſtrumento perigoſo nas mãos de hum homem inhabil: deve ſó ſervir para enſinar potros; e como eſtes cavallos não devem entrar no Eſquadrão ſem eſtarem enſinados, vem a ſer alli inutil.

poſteriormente; porque póe o Cavalleiro ſobre o forquilha, carrega deſigualmente o cavallo, e occaſiona muitas deſordens, porque lhe impede os ſeus movimentos infinitamente: a ſella pois deve ſer póſta de modo que o centro de gravidade do homem eſteja na meſma linha vertical com o do cavallo; e neſta poſição deve ſegurar-ſe pelas ilhas, rabicho, e peitoral.

Tendo havido todo eſte cuidado; o Cavalleiro montará, e apeará muitas vezes do cavallo ſem que ninguem lhe pegue; porém ainda não he tempo de faze-lo andar. Para prevenir, e remediar as deſordens a que poderia abandonar ſe, he preciſo dar lhe antecipadamente conhecimento do açoute, fazendo-o trotar alguns dias pelo cabeção, e guia. O uſo do cabeção conhecido ha muito tempo he, com razão, reputado muito util; porque obrigando o cavallo a dobrar-ſe ſobre os circulos,

póe

põe todos os muſculos em acção, fazendo-os flexiveis promptamente: eſte deve eſtar apertado ao focinho do cavallo, de modo que não chocalhe; e diſpoſto aſſim tudo para faze-lo andar, ponha-ſe hum homem no centro do circulo; que ſe propõe fazer correr ao cavallo; pegando na guia; outro pegando no cavallo pelo bridão leva-lo-ha ſobre a circumferencia do circulo, e hindo ao pé da eſpadua de dentro, paſſeará com elle ſobre eſta meſma circumferencia; cujo raio não deve ter menos de vinte pés. Depois de ter dado duas, ou tres voltas; mais, ou menos ſegundo a neceſſidade; o homem que o leva pelo bridão ſe retirará pouco a pouco: ſe o cavallo quizer parar, o Picador (que deve eſtar pouco a traz do cavallo, e perto do homem que eſtá no centro) moſtrará o açoute de vagar entre a eſpadua, e o ventre do cavallo, applicando-o meſmo ligeiramente ſe houver neceſſidade: o ca-

vallo partirá a trote, e póde ſer que a galópe, então o Picador tendo como deve, a mão eſquerda na guia, ſacudirá brandamente o cabeção de cima para baixo, augmentando eſta acção ſegundo a neceſſidade, até o cavallo tornar a entrar a trote: ſe der couces, ou ſaltar caſtiga-ſe tambem com o cabeção; porém ſe o cavallo couceando, ou ſaltando diminue a marcha, entra a paſſo, ou pára, então deve obrigá lo o açoute a ir para diante, atacando-o do modo ſeguinte: ſe cabrita na garupa; ſe ſalta entre a eſpadua, e ventre; e ſe dá couces na eſpadua.

O cabeção, e o açoute não devem operar nunca ao meſmo tempo: eſtas duas acções contrariando-ſe porião o cavallo em grandes deſordens: o primeiro deſtes inſtrumentos ſerve quando elle fazendo deſconcertos, augmenta o ſeu movimento mais, do que ſe requer, ou foge; o ſegundo ſerve para accelera-lo quando elle diminue a marcha.

Nos

Nos momentos em que o cavallo trota bem unido (1) deve haver cuidado em que o açoute não tenha effeito, conſervando-o porém em huma poſição, em que o cavallo veja os ſeus menores movimentos.

Se o cavallo ſe lançar para o centro do circulo, o que traz o açoute deve moſtrar-lho na eſpadua, e quando eſte principiar a conte-lo na ponta do raio do circulo caminhando directamente; então ſerá occaſião de operar, fallando-lhe, e affagando-o com vozes (2), e ſacudindo brandamente a guia: muitas vezes eſtes pequenos movimentos em lugar de deter o cavallo animão-o, e neſte ca-

(1) Iſto he, quando dobrando o corpo ſobre a circumferencia, eſtá na direcção do arco de circulo que corta: o que pega na guia nunca deve puxa-la para dentro, com o projecto de lançar a garupa para fóra da circumferencia, como aconſelha falſamente Mr. Bourgelat no ſeu novo Newcaſtle.

(2) Com hum cavallo novo póde recorrer-ſe a todos eſtes meios, que ſerião ridiculos com hum enſinado, e bem poſto no circulo.

ſo não devem continuar-ſe nem augmenta los (1) porque não esforce os jarretes, ou ſe eſquente: com eſta qualidede de cavallos he preciſo gaſtar muito tempo em faze-los parar, diminuindo pouco a pouco o circulo que correm: igualmente deve fugir-ſe de dar-lhes os meſmos toques de cabeção, quando elles ſe abandonão, e encolerizão ao partir ſobre os circulos; porque ordinariamente fazem ainda partidas mais fórtes; ao contrario he preciſo alargar o circulo, deixa-los ir, e recorrer ſó aos affagos, e vozes para ſocega-los; porque não ſucceda alguma deſgraça.

He eſſencial neſtas primeiras lições empregar a maior doçura, e prevenir tudo o que póde eſpantar o cavallo, ou dar-lhe demaſiada ardencia.

Nun-

(1) Ainda que ſeja eſſencial não ceder nunca ao cavallo, não ſe deve com tudo arriſcar o obriga-lo a defender-ſe.

Nunca ſe deve atar a guia a hum pilão em lugar de hum homem pegar nellá ; como aconſelha Mr. Eidoux no diccionario da Encyclopedia, Artigo *commencer un cheval* : eſte principio he perigoſo, e ſó póde da-lo a ignorancia : aconſelharei ao contrario (quando for indiſpenſavel ſervir-ſe de hum homem que não ſeja inſtruido) enſinar-lhe continuamente o que deve fazer : porém nos Regimentos a claſſe dos cavallos novos, deve ſer ſempre conduzida pelos que forem mais inſtruidos , ou ſcientes ; porque he o meio de augmentar os progreſſos, e abbreviar a inſtrucção.

Depois de parado o cavallo, e em repouſo, he preciſo deixa-lo deſcançar hum pouco, affaga-lo, e mette-lo no circulo ſobre a outra mão, obſervando as meſmas régras que na precedente. Eſta lição deve ſer muito curta, porém as voltas repetidas duas, e tres vezes ; deve tambem ſer continuada muitos dias ſucceſſivos. Ha

mui-

muitos cavallos que na eſcola tem diſpoſições de flexíbilidade ; e que promettem tomar em pouco tempo eſta lição , ha outros que são ardentes, aos quaes ſeria mais offenſiva que util , e outros a que deve continuar-ſe muito tempo ; taes como os preguiçoſos , pezados , prezos das eſpaduas , baixos da agulha , e aos que difficilmente ſe dobrão : poſſo dizer que he o melhor , e póde ſer o unico meio de dar alguma ſoltura , e ligeireza , a eſtas maſſas deſagradaveis. Os cavallos deſta ultima eſpecie , marchão com difficuldade no circulo , são ſujeitos a defender-ſe por cauſa da ſua prizão , e por conſequencia he preciſo proporcionar as lições á ſua força , ſenão quizerem arruina-los ; e ſobre tudo não exigir delles celeridade , ſenão á medida que adquirem ſoltura. Deixaráõ galopar aquelles que tomão eſta marcha , e ſó quando ſe abandonarem muito em frente , ſe deverá trabalhar a guia ſobre o cabeção ,

ſacudindo-a de cima para baixo ; e paſſando-os muitas vezes de mão.

Quanto menos diſpoſição tiver o cavallo para trabalhar em circulos, mais tendencia tem a ſeparar-ſe do centro ; o que tambem ſe experimenta nos cavallos duros , que puchão continuamente pela guia, e com tanta força que muitas vezes arraſtão quem pega nella ; porque quanto maior reſiſtencia achão, mais puchão, e tomão hum ponto de apoio contínuo, ſenão ſe evita.

Para eſtes cavallos he preciſo que quem os lança á guia ſeja huma peſſoa intelligente , e que pegue nella com as mãos ambas ; de modo que poſſa reſiſtir, e ceder alternativamente, puchando de tempos em tempos, pela cabeça , e peſcoço do cavallo para ſi , e affrôxando-a logo , ſobre tudo no momento em que o cavallo pucha, mais he preciſo abandonar lha toda , por eſte methodo paſſando o muitas de mão , fará progreſſos ſenſi-

ſiveis, firmando-ſe, e ſoltando-ſe. Quando ſe faz parar o cavallo, he preciſo enſina-lo a recuar; para o que ſe deve pôr hum homem em frente delle, e pegando em cada redea com ſua mão, levando para diante de ſi os braços, fará ſentir igualmente o effeito das redeas ſobre a embocadura, até que o cavallo recue, ſe reſiſtir, o meſmo homem pegando com a mão eſquerda ſómente em ambas as redeas, dará com a direita brandos toques com o cabeção no focinho do cavallo: porém preciſa-ſe muita doçura, e paciencia neſtes principios, e fazer recuar ſómente muito poucos paſſos, e muito de vagar. No tempo em que ſe dá a hum cavallo a lição da guia, não deve montar-ſe, muito principalmente ſe o ſeu defeito he apoiar-ſe na mão; porque ſe deſtruiria com eſta lição o fruto da primeira. Já vi cavallos que depois de quinze dias deſte exercicio, eſtavão como no principio; e tenho o em-

empregado com ſucceſſo para emendar outros cavallos excellentes, que ſe fizerão pezados das eſpaduas, e pouco ſeguros de pernas, por terem ſido mal montados. (S)

Eſtas lições devem continuar-ſe, até que o cavallo ágil, e ſolto, trote

(S) Lêa ſe com attenção o que diz o noſſo A. a reſpeito das lições da guia; que eſta, e o açoute devem eſtar ſó em mãos habeis, e não entregue eſte a hum ſoldado, ou diſcipulo, como geralmente vêmos. Note-ſe o defeito que elle reprova em Mr. Bourgelat, e que he tão uſual nos noſſos Picadeiros; a brevidade que elle exige em ſemelhantes lições, o cuidado de não pertenderem vencer logo as eſpaduas do cavallo em pequenos circulos, mas antes trotarem-nos nelles muito ao largo; e em fim aprendão-ſe as bellas régras que elle dá ſobre iſto, e de que nós tanto nos deſviamos. Pódem vêr-ſe diariamente os cavallos deitados ſobre os circulos, arruinados meſmo dalli muitas vezes; e particularmente pelos golpes de cabeção que lhes dão debaixo para cima, com que os fazem ás vezes cahir ſobre a garupa; em lugar dos brandos toques dados ao contrario, como determina juſtamente o noſſo A. Note-ſe finalmente o genio de brandura, e paciencia que ſe requer no Meſtre, alem da Theoria, e Prática.

te á guia ſem apoiar-ſe nella, nem tocar caſtanholas com os pés; e que ao aceno do açoute entre facilmente unido, e certo no galope: nos ultimos dias pódem acabar-ſe, fazendo-os montar ſem guia, e marchar a hum paſſo ſolto: para o que darei régras mais adiante.

Os cavallos Dinamarquezes, Heſpanhoes, de Holſtein, e Napolitanos, em França os Limuzinos, Auvernhezes, do Delfinado, e Poitou, geralmente tem menos neceſſidade deſta lição, que os Inglezes, Barbarinos, e Normandos: o Meſtre, ou Cavalleiro he que deve julgar os que a neceſſitão.

Julgando o cavallo flexivel, e obediente ao açoute, deve tirar ſe-lhe o cabeção (1), e montado o Cavalleiro com as cautélas ordinarias.

Ar-

(1) Eſte methodo de pôr no meſmo inſtante em liberdade hum cavallo novo, póde ſer pareça ridiculo a muita gente: ſobre tudo aos partidiſtas das eſcolas, aonde ſe eſtá no uſo de

ARTIGO III.

Segunda Lição.

Cavallo montado em liberdade.

HE eſſencial não metter nunca cavallos novos, em mãos de ignorantes; porque não ſe póde duvidar, que he neceſſaria grande arte para fazer obedecer eſte animal; que atemoriſado do pezo que traz, muitas vezes ſe abandona a reſiſtencias infinitas, muito principalmente ſe o corpo do Cavalleiro vacillante ſem ceſſar, contraria os ſeus movimentos. Principiar por hum cavallo novo he a pedra do toque de todos eſtes Picadores imaginarios, cuja ſciencia he a da força, inutilmente luctaráõ

trazerem deſoito mezes cavallos á guia; porém moſtra-nos a experiencia, que os cavallos montados ſobre os circulos, ſe arruinão logo pela violencia deſte exercicio; quando he indiſpenſavel recorrer a eſta lição he preciſo que não eſtejão montados.

nar o ſeu centro de gravidade á eſquerda ; porém como elle não póde ter o conhecimento deſta ajuda, ſupprir-ſe-ha com huma pequena pancada de vára no meſmo lugar em que a perna ſe une.

Se o cavallo em lugar de obedecer a eſtas ajudas, continúa a deixar cahir a eſpadua á direita, então a vára deve repetir os ſoccorros com mais força ſobre eſta eſpadua ; e ao meſmo tempo deve operar a réa eſquerda com mais força, para endireitar o cavallo.

Poſto huma vez em movimento, e determinado ao longo do muro, o Cavalleiro deve cuidar em leva-lo a paſſo, e ſocega-lo affrôxando-ſe a ſi meſmo (1), e dando ao cavallo toda

(1) A força, e teſura do Cavalleiro, incita o cavallo a ardor, pela preſsão que experimenta das coxas, ou curvas das pernas, e as operações deſtas enteſadas, produzem effeitos de teſura, e pancadas, em lugar que quando ellas eſtão frôxas, toma o cavallo niſto huma con-

da a liberdade poſſivel; iſto he, ſervindo ſe das mãos ſó com a força neceſſaria para conſerva-lo direito, e parallelo ao muro quanto puder ſer. O cavallo parallelo ao muro he o ponto da perfeição do ſeu enſino, e ſeria abſurdo exigir eſta de hum cavallo novo na primeira lição; pois he quaſi ſempre a cauſa de ſe defenderem, o muito que querem elles fação.

Quando hum cavallo diminúe o paſſo, o Cavalleiro deve fechar brandamente as pernas fallando-lhe, e eſta ultima ajuda fará conhecer a primeira; porém deve obſervar que as mãos ſe abaixem, primeiro que as ajudas, a fim de não oppôr-ſe ao ſeu effeito; eſta contrariedade nas mãos, e pernas, he muitas vezes a origem das deſordens a que ſe abandonão os cavallos novos.

Caminhando aſſim o Cavalleiro, e chegando ao fim do Picadeiro, de-

ve

---

fiança, que o faz reſponder brandamente a eſtas ſem ſobreſalto.

ve endireitar o cavallo até ao exito, com a rédea eſquerda, e perna direita, ſem força-lo a entrar perfeitamente nelle, e chegado alli, tratase de faze-lo ſahir delle por hum á diteita: o Cavalleiro deve aproveitar-ſe da neceſſidade em que eſtá o cavallo, de voltar para fazer-lhe conhecer a rédea direita, a qual deve abrir-ſe para eſte lado, e dicedi-lo: (1) a rédea eſquerda deve ao meſmo tempo diminuir o ſeu effeito; e não fazer mais que ajudar á direita, detendo a cabeça, e o peſcoço, ſe eſtiveſſem diſpoſtos a ir muito para a direita deixando a eſpadua á eſquerda á medida que o cavallo acaba o ſeu á direita, eſta rédea deve diminuir o ſeu effeito, e a eſquerda augmentar o ſeu, para conter o cavallo direito; iſ-

(1) Sobre hum cavallo perfeitamente enſinado as operações das máos, e pernas devem ſer imperceptiveis; porque o animal reſponde ás primeiras ajudas: porém em hum novo (ao qual ſe querem fazer conhecer) he preciſo que os movimentos ſejão grandes, e feitos livremente,

iſto he, parallélo ao muro. Tornado a pôr ſobre a linha réćta, as duas mãos devem variar as ſuas operações ſegundo a neceſſidade, conſervando a acção das pernas como em hum cavallo enſinado, e obſervando ſómente acompanha-las com as ajudas de vozes, e vára. Como o objecto he ter o cavallo direito, por eſta cauſa as pernas dèvem trabalhar ſeparadas, aſſim como as rédeas: porém todas as vezes que ſe trata de apreſſar, ou diminuir a marcha, ambas as pernas, e rédea trabalhão ao meſmo tempo. Deve rejeitar-ſe o preceito de todos os AA. que fallando ſó da perna de dentro pertendem ſubſtituir a de fóra, com a parede: ſemelhantes preceitos annuncião que o ſeu A. não tinha nenhuma idéa da precisão, exacção, e movimento dos córpos. A perna de fóra he tão neceſſaria como a de dentro, e algumas vezes que trabalhe mais; pois que ha cavallos que dei-

xão cahir a ſua máſſa para fóra: perſuadão-ſe pois de huma vez, que o Picadeiro, ou o campo, não admittem hum methodo, e Arte differentes de montar a cavallo. No campo governar-ſe-hia hum cavallo com huma ſó perna? Não: Logo ſervi-vos das duas quando trabalhardes no Picadeiro, aſſim como fóra delle.

Já vimos pelas operações das rédeas, que cada huma dellas tem hum effeito differente, e oppoſto; iſto he, abrindo-ſe a rédea direita, determina o cavallo para a direita, e a eſquerda para eſte meſmo lado: porém tambem vimos que he muito poſſivel ſubtrahir-ſe o cavallo a eſta obediencia voltando o peſcoço para o lado da acção da rédea. Para prevenir eſte inconveniente, he preciſo recorrer ao trabalho de ambas ao meſmo tempo, com a proporção ſeguinte: A rédea do lado para onde quereis voltar, he aquella que de-

ve

ve fazer o principal, e primeiro effeito ; porém a rédea de fóra deve ajuda-la, e fazer o ſegundo effeito; iſto he, empregar ſómente a força ſufficiente para embaraçar que o peſcoço ceda ſó á rédea que deve dirigir a maſſa: do meſmo modo quando o cavallo caminha ao longo de alguma parede do Picadeiro, a rédea de fóra deve fazer ſempre o primeiro effeito, e a de dentro fazer ſó o ſegundo : aſſim he que ſe conſervará o cavallo direito. Chama-ſe vulgarmente cavallo direito, aquelle que tem as eſpáduas ſobre a linha que deve correr ; porém eſta definição não he exacta ; porque as eſpáduas pódem muito bem ſeguir o muro á eſquerda, e a maſſa, ou o centro de gravidade eſtar cahido á direita; em cujo caſo he falſo dizer que o cavallo eſtá direito, pois que eſſencialmente eſtá atraveſſado.

O cavallo deixa cahir a ſua maſſa á direita, ou entorta-ſe, quando

dobrando-ſe, põe as extremidades para hum lado, e a maſſa para o outro; (o que perceberá facilmente o cavalleiro, pela deſordem da marcha do cavallo, e pela pequena incommodidade que ha de ſentir na ſua poſição, para o pôr direito) claro eſtá que deve fazer-lhe mudar as extremidades para o lado oppoſto, ſervindo-ſe da ajuda da perna, e vára, daquella parte que ſobreſahe; mas o melhor meio de emenda lo he voltando-o em circulo ſobre aquelle lado para onde a maſſa cahe, fazendo-o dobrar muito.

Depois que o cavallo tiver dado a paſſo algumas voltas ao Picadeiro, ſeguindo exactamente os ſeus muros, o cavalleiro o fará paſſar de mão, a fim de que faça outro tanto á eſquerda; neſtas primeiras paſſagens de mão, não he neceſſario exigir muita exactidão; baſta ſimplesmente procurar conſeguir o fim propoſto, que he paſſar o cavallo á eſquerda.

Pa-

Para iſto eſcolha-ſe o momento em que eſteja ſocegado, e depois de ter paſſado o canto 2. *Eſt.* 2. *Fig.* 4. chegado ao ponto G, o Cavalleiro lhe fará fazer hum oitavo á direita, ſervindo-ſe dos meios que empregou para faze-lo voltar inteiramente á direita, (1) e determina-lo ha com as ſuas pernas, ſobre a diagonal GG: chegando á ſua extremidade, o Cavalleiro por hum oitavo á eſquerda, tornará a metter o cavallo ſobre a direcção G, 3; obſervando neſte oitavo á eſquerda, que a rédea eſquerda deve fazer o primeiro effeito, e a direita o ſegundo.

Outra régra geral he, que á proporção que trabalhão as mãos para voltar hum cavallo, as pernas devem augmentar as ſuas ajudas; porque todo o movimento da mão ten-

(1) Obſervando, que os meios devem ſer menores para hum oitavo, que para hum quarto.

tende a diminuir a maſſa ; e a fim que a ſua impulsão ſeja ſempre igual, he preciſo augmentar com as pernas a velocidade que diminuio com as mãos.

Em todos eſtes quartos, e oitavos á direita, as duas pernas devem trabalhar igualmente, excepto quando o cavallo voltando, deixaſſe cahir a ſua maſſa á direita, ou á eſquerda ; porque neſte caſo a perna deſte meſmo lado, deve operar mais que a outra, que não deve fazer quaſi nada.

Temos já viſto o Cavalleiro paſſeando o cavallo a paſſo ſobre a mão direita ; para paſſea-lo á mão eſquerda deve empregar os meſmos meios inverſamente; e no fim de duas, ou tres voltas, quando tiver reconhecido o eſpaço que ſe pertende fazerlhe correr, metter-ſe-ha a trote, que he o paſſo, ou marcha em que devem exercitar-ſe os cavallos novos, até que eſtejão, como ſe diz, desbaſtados.

Pa-

Para paſſar á marcha de trote (ſuppondo o Cavalleiro outra vez ſobre a direita, e que o cavallo eſtá direito) baixará ambas as mãos, e fechando as pernas excita lo-ha a augmentar o paſſo, ajudando-o com a vára; ou fallando-lhe ſe for neceſſario: e huma vez mettido no trote, o conſervará no meſmo gráo de velocidade, fazendo-lhe correr o Picadeiro, aſſim como o caminhou a paſſo.

Se tiveſſe a deſcrever ſó as operações de hum homem Cavalleiro em hum cavallo novo, guardaria ſilencio em toda a eſpecie de defenſas, e ſaltos que coſtumão fazer os cavallos novos; porque o homem verdadeiramente inſtruido, ſabe acautela las, e evita-las (1): porém o meu fim he fazer conhecer ao Leitor as operações

(1) Os erros, e vicios dos cavallos, são quaſi ſempre cauſados pelos Cavalleiros: os ignorantes caſtigão-nos pelos erros que commettem, e de que elles meſmos forão cauſa.

ções que a Arte emprega ; não ſómente para evitar, e acautelar as faltas do cavallo , mas ainda para remedia-las , e corregi-lo das que póde fazer , quando hum Cavalleiro pouco habil as tem deixado converter em vicio , ſeſtro, ou manha.

Nas primeiras lições he que ſe deſcobrem as qualidades , e caracter dos cavallos ; e he neceſſario diſcerni-las bem , para dar-lhe huma educação vantajoſa.

A infinita variedade que a natureza offerece nos individuos da meſma eſpecie , faz com que nos ſeja impoſſivel claſſifica-los exactamente ; porque todos são deſemelhantes : aſſim ſomos obrigados a contentarnos de achar-lhes certas analogias , e por eſſas comprehende-los em algumas claſſes : Principiaremos dividindo-os em duas : a primeira comprehenderá os cavallos bem configurados , fórtes , e nervoſos : a ſegunda , molles , fracos , ainda que algumas ve-

vezes bem proporcionados. Os da primeira são quaſi ſempre obedientes, e faceis de enſinar, porque a ſua força permitte lhes obedecer com facilidade a tudo que o Cavalleiro quer: com tudo encontrão-ſe alguns que tendo ſido caſtigados, e atemoriſados por quem os cria, são colericos, e rebeldes, porém a Arte corrigi-os facilmente. Ha outros da ſegunda claſſe tambem, nos quaes a fraqueza he cauſa de todos os ſeus vicios: he verdade que facilmente pódem remediar-ſe, não exigindo delles mais do que pódem; porém ſe hum ſemelhante cavallo cahio infelizmente em mãos ignorantes, he preciſo muito tempo, e arte, para corrigir os defeitos que tiverem contrahido, e eſta Arte ſó póde ſer o fructo de huma theoria ajudada do diſcurſo, e hum longo habito.

Voltemos á primeira claſſe: vejamos a eſpecie de vicios, a que eſtes cavallos são mais inclinados, e

os

os meios de corrigi-los. Commummente as unicas deſordens a que ſe abandonão, são ſaltos, quando querem conſtrange-los, ou lhes tomão muito o freio apertando-os; ou quando á força os querem fazer paſſar, ou voltar aonde já algum objecto os atemoriſou. então defendem-ſe com todas as ſuas forças; e geralmente por ſaltos a que chamão corcóvos, ou cabriolas. (1)

Quan-

(1) Nos corcóvos, o cavallo levanta-ſe com as quatro pernas quaſi ao meſmo tempo, e lança-ſe ſem dar couces, arredondando as cóſtas como no ſalto de truta; o que faz muito difficil a firmeza, ſobre tudo quando eſtes ſaltos são ſucceſſivos. A cabrióla he o mais brilhante ſalto de todos os que faz o cavallo, o mais levantado, e o que annuncia mais força, e vigor: eſtes ſaltos, são os que ordinariamente ſe enſinão aos cavallos no Picadeiro: o cavallo levantando ſe por diante, e lançando-ſe com força, abraça hum terreno conſideravel; e no inſtante em que tem os quatro pés na meſma altura, e vai por diante a cahir, deſtaca vigoroſamente os couces. Eſte ſalto ainda que he forte, e brilhante, não he com tudo perigoſo; geralmente não deſcompõe o Cavalleiro.

Quando o cavallo ſe diſpõe a ſaltar (ſe for direito para diante) he preciſo ſoltá-lo livremente, apertando as pernas no inſtante em que elle quer ajuntar as ſuas forças: eſte he o meio quaſi ſeguro de embaraçar-lhe o ſalto; porque hum cavallo para ſaltar he obrigado a diminuir a velocidade da maſſa, e juntar as pernas perto do ſeu centro de gravidade, a fim de poder tomar o impulſo neceſſario para eſta acção: hum diſcipulo por pouco que principie a conhecer os cavallos, percebe facilmente o inſtante em que o cavallo projecta eſte deſpropoſito; e ſe neſte momento o Cavalleiro o occupa, e ataca vigoroſamente em frente, eſtá demonſtrado que o previne.

Porém he raro ſaltarem os cavallos para diante; quaſi ſempre embaraçados pelo Cavalleiro, eſcapão-ſe ordinariamente, lançando a maſſa para a direita, ou eſquerda: eſtes ſaltos atraveſſados são hum pouco

mais

mais difficeis de prevenir, porque o acto preparatorio do cavallo he mais prompto, e preciſa-ſe mais tacto para conhecer eſte inſtante; porém quando he poſſivel dar-lhe a correcção, eſta deve ſer endireitando-os pela rédea a que elles querião fugir, leva los em frente com a perna oppoſta, e caſtigando-os meſmo com a vára por traz da bota, ou chegando-lhe a eſpora, ſe principia a entender as pernas: por eſtes meios logo ſe corrigirá.

Paſſemos á ſegunda claſſe, infelizmente a mais numeroſa, e vejamos os meios de tirar partido della.

Quaſi ſempre a má conſtrucção dos cavallos he a cauſa da ſua fraqueza (1); refiro-me aos Livros da Anatomia que tratão amplamente eſta materia; e limitar-me-hei a dar al-

(1) Não ha regra ſem excepção: já vi cavallos, cujas bellas proporções atrahião a attenção dos conhecedores, ſerem molles, e incapazes de nenhum ſerviço.

algumas idéas abſolutamente neceſſarias. Duas cauſas primeiras ſe oppõe á bondade do cavallo: a deſproporção na ſua oſſada; iſto he, na *Oſteologia*, 2ª. a deſproporção dos muſculos; iſto he, na *Miologia*. Eu me explico, os cavallos que tem a queixada inferior groſſa, a agulha baixa, as eſpaduas eſtreitas, o ſelladouro comprido, as ancas altas, que he muito comprido, ou muito curto, &c.; o ſeu defeito he da oſſada. Aquelles que são bem proporcionados, e ſe põe perfeitamente a prumo ſobre os quatro pés, mas que não tem os oſſos guarnecidos de muſculos ſufficientemente groſſos, ou que a ſua contextura he muito fraca, &c. o ſeu defeito he da *Miologia*. Eſtes defeitos são outros tantos obſtaculos que ſe oppõe á bondade do animal, e não ſe póde exigir deſtes cavallos o meſmo genero de trabalho, como do que he perfeitamente proporcionado, e ſoccorrido de

muſ-

muſculos compactos , e tendinoſos.

Nós deixamos o cavallo a trote ſobre a mão direita , e caminhando ao longo da parede do Picadeiro , que eu ſupponho AB. Depois de ter andado aſſim algum tempo, algumas vezes pára de repente lançando as eſpaduas para o muro , e a garupa para dentro ſem querer ſahir nem recuar : a cauſa deſta deſobediencia pódem ſer muitas couſas: a 1. eſtar o cavallo aſſuſtado por algum objecto ; a 2. porque o Cavalleiro exige muita velocidade , e extensão na marcha , e o cavallo não podendo vencê-la , ſeja porque eſtá muito abandonado ſobre as eſpáduas (1) , ou por-

(1) Algumas peſſoas poderáõ contradizer as reflexões que faço , e julgar que hum cavallo abandonado ſobre as eſpáduas , deve abraçar mais terreno do que aquelle que eſtiver a prumo ; o que parece tanto mais plauſivel , quanto (póde dizer-ſe) mais unido eſtiver , mais diminuirá a ſua ligeireza : porém repare-ſe que o cavallo eſtando ſobre as eſpáduas , a ſua maſſa , ou centro de gravidade paſſando adiante

porque tem a agulha baixa, e as ancas muito altas, revolta-ſe contra as ajudas, e defende-ſe dellas parando de repente: muitas vezes continúa neſte deſconcerto pela falta que o Cavalleiro ſurprendido commette, lançando o corpo para diante, ou vacillando, e variando na ſua primeira parte movel. He preciſo, pois, que o Cavalleiro tenha grande cuidado de fixar o ſeu corpo neſta parada repentina (o que conſeguirá por hum pequeno eſforço nos rins affrôxando perfeitamente da cintura para baixo) deve ſervir-ſe dos meios indicados para fazer ſahir o cavallo; obſervando não alonga lo ſenão proporcionalmente á ſua eſtructura, e fle-

das mãos, toma huma direcção obliqua ao terreno, e não paralléla ao horizonte, e que por conſequencia as mãos padecem muito para levantar continuamente eſta maſſa, que as carrega demaſiadamente, e opprime nos ſeus movimentos; em lugar que o cavallo a prumo; iſto he, ſuſtentando pelas pernas que eſtão no chão, póde caminhar com muita mais celeridade, pela liberdade que gozão as pernas que ſe movem.

flexibilidade. Se o cavallo ſe atemoriſou por medo de algum objecto, he preciſo com muita doçura conduzi-lo ſobre o que lhe cauſou medo: ſe repete muitas vezes eſte deſpropoſito, que pára a cada paſſo ſem poder ſuſpeitar-ſe outra cauſa mais que a da cólera, he preciſo que o Cavalleiro trate de prevenir eſtes inſtantes em que o cavallo diminue a marcha, caſtigando-o vigoroſamente com a vára, ou eſpóras: neſtes cavallos não deve ter a mão nenhum effeito, viſto que ella ſerve para deter a maſſa; e o que tem o açoute na mão deve ajudar os movimentos do Cavalleiro: eſte genero de defenſa, he hum dos ſignaes mais evidentes de fraqueza nos cavallos, e commua nos que ſe trabalhão muito novos: eis-aqui porque recommendo ainda muito a doçura, e as lições pequenas.

Ha cavallos que depois de terem parado de repente, levantão-ſe pon-

pondo todo o pêzo do ſeu corpo ſobre as pernas : eſte deſpropoſito he perigoſo, e muitas vezes cauſado pela grande ſenſibilidade da boca : inquietos pelas mãos do Cavalleiro (que trabalhando com muita força faz deitar ao cavallo todo o pêzo do quarto dianteiro ſobre o trazeiro) os cavallos coléricos, que ſe querem obrigar, ou endireitar a huma rédea, são ſujeitos a levantar-ſe, para procurarem ſubtrahir-ſe a eſta força. He preciſo pois ter cuidado de prevenir eſtes inſtantes, o que he muito poſſivel, porque o cavallo não póde levantar-ſe andando; infallivelmente he forçoſo que páre, e que as pernas venhão tomar hum ponto de apoio debaixo do centro de gravidade : neſtes inſtantes he que deve obrigar-ſe vigoroſamente para diante, e caſtiga-lo com a vára de traz da bota : porém ſe foi tão prompto que o não podeſtes prevenir, ou ſe (a pezar das voſſas ajudas, e caſtigo) reſiſte a ſahir, he pre-

cilo no inſtante em que ſe levanta abrandar lhe inteiramente a mão, e (fazendo bem flexivel a charneira dos rins) deixar inclinar o corpo para diante, como eſtá demonſtrado. *Eſt.* 2. *Fig.* 2.

Eſtando o corpo do cavallo na direcção CD, e o corpo do homem na perpendicular AB, quando o cavallo levanta por diante, e muda a direcção CD em CK, ſe a do homem AB ſeguiſſe o movimento do cavallo, achar-ſe-hia ſempre perpendicular ao cavallo, e na direcção FOH: porém como nós demonſtrámos antecedentemente, que o corpo do homem não deve eſtar perpendicular ſobre o cavallo, mas ſim ao horiz nte, he preciſo que, á medida que o cavallo ſe levanta, a charneira dos rins do homem ſe dobre, e deixe ficar o corpo na direcção AB, a fim que a ſua vertical fórme ſempre huma ſó, e meſma linha recta com a do cavallo.

A ſumma flexibilidade nas cur-

vas

vas dos joelhos he eſſencial neſte momento, a fim de que as pernas eſtejão perto do cavallo ſem aperta-lo, e que pelo ſeu pezo ajudem a conter as nadegas na ſella : as pernas bem frôxas no ſeu ligamento, tomaráõ de ſi meſmo a poſição que lhe der o ſeu pêzo.

O menor toque de mão, ou perna, poderia deitar o cavallo para traz : he preciſo pois a ſuſpensão total de movimento da parte do homem, e que eſpere que, acabada a elevação, ou ponta, o cavallo eſteja perto de tornar a aſſentar-ſe no chão; e então as duas eſpóras devem pica-lo vigoroſamente; porque não lhe ſerá poſſivel deitar-ſe para traz, pois para tornar a levantar-ſe he neceſſario que tome hum novo ponto de apoio no chão, e as eſpóras fazendo antes deſte tempo o ſeu effeito, ſerá elle obrigado a obedecer.

O que tem o açoute na mão deve fazer uſo delle, e ajudar o Cavalleiro caſtigando o cavallo na garupa,

ſobre tudo ſe ha receio que ſe defenda ás eſpóras.

Os cavallos, que principião a ter forças nos rins, levantão-ſe por brinco: alguns ſó a huma pequena altura: eſtes não são de nenhum modo perigoſos; porém ſempre he prudencia não deixar-lhes contrahir eſte habito; porque depreſſa ſe arruinarião dos jarretes: os cavallos coſtumados a eſtes ſaltos, ordinariamente são ligeiros.

Ha cavallos acoſtumados a defeitos oppoſtos ao de que acabo de fallar: iſto he, que em lugar de levantar-ſe por diante, tomão hum ponto de apoio ſobre eſta parte, levantão a garupa, e deſtacando as pernas por huma rápida extensão, opérão o que nós chamâmos couce.

Quando fazem iſto, o Cavalleiro deve, ſem perder a ſua poſição da ſua parte immovel, affrôxar a parte inferior dos rins, deitando o corpo para traz, a fim que a direcção do cavalo-

vallo BA *Eſt.* 2. *Fig.* 3., vindo a mudar em BC, a ſua não ſiga o movimento em HOK, mas fique em DON, para achar-ſe ſempre perpendicular ao horizonte; de modo que a ſua linha vertical, e a do cavallo eſtejão ſempre confundidas em huma ſó linha recta. O Cavalleiro, dobrando os joelhos, deve tambem levar o cavallo para diante, ſuſtendo hum pouco as mãos ſe elle ſe enterra muito. (1)

Ha cavallos com congôxa, que aos menores movimentos do Cavalleiro dão couces; he preciſo pois monta-los pouco tempo, e muitas vezes (2). Outros dão couces por fraqueza

(1) Coſtuma-ſe dizer que hum cavallo ſe enterra, quando procurando hum ponto de apoio na mão do Cavalleiro, baixa a cabeça, e ſe abandona ſobre as eſpáduas (o que vulgarmente dizemos metter a cabeça entre as mãos.)

(2) A educação que nós damos aos cavallos, contribue muito, como já diſſe, a formar lhes o temperamento, e muitas vezes a faze-los mais, ou menos vigoroſos: ſe os cavallos novos ſe montaſſem mais vezes, ſerião de muito maior recurſo, particularmente para a guerra; acoſtumado o

za de rins ; e outros porque tem as ancas altas, e a agulha baixa.

Nos cavallos, que dão couces, particularmente he neceſſario dar lhes as ajudas de pernas muito adiante, e occupar-lhes, e carregar-lhes muito a garupa, ou ancas: mas, como por cauſa da debilidade do cavallo, eſtas lições são ainda mais penoſas, devem ſer muito curtas. Como a obſervação nos moſtra que os cavallos não dão commummente couces por direito, mas ſim atreveſſando as ancas para hum lado para os dar, he evidente que as operações das mãos devem ter por objecto oppôr-lhe as eſpaduas ás ancas: por exemplo, ſe o cavallo eſtá na

---

ſeu corpo ao trabalho, ſoffreria menos com elle: além diſto he contra a natureza de hum animal tão fórte eſtar 24 horas prezo na meſma poſição; porque os ſeus muſculos na inacção não tomão nenhum vigor. Eu quizera que não ſe poupaſſem os cavallos novos, ſenão no modo do trabalho; iſto he, que ſe proporcionaſſe a qualidade da marcha com a ſua força; porém que fizeſſem trabalha-los ao menos duas horas por dia, na idade de ſinco para ſeis annos.

na direcção 1. 2. , e dá couces para dentro , atraveſſando a garupa para aquella parte , he neceſſario não ſómente unir as pernas, mas com as rédeas indireita-la para a direita fazendo-lhe ir para alli as eſpaduas (1); porque o cavallo por eſte meio he forçado a deitar a garupa para fóra á eſquerda ; e quando obedece ás ajudas , a rédea eſquerda com a perna direita , endireitão toda a maſſa.

Eis-aqui em geral a que ſe limitão as deſordens , e defenſas dos cavallos em linha réćta: parar , fugir para o lado , fazer corcovos , e dar couces. Pelos meios que acabâmos de indicar, e ſobre tudo acautelando as paradas repentinas , corrigir-ſe-ha o cavallo em pouco tempo. Régra geral ,

(1) Eſte meio de oppôr as eſpaduas á anca ſervindo-ſe das rédeas , he contrario aos principios que temos eſtabelecido ; e ſó póde conſiderar-ſe como huma licença , concedida ſómente nos caſos em que as pernas do Cavalleiro não forem ſufficientes , ou que o cavallo ſe defenda a ellas.

ral, quanto menos ſe recorrer ás mãos, melhor ſe operará.

Fazer correr o Picadeiro a hum cavallo, não he tudo, porque poderião coſtumar-ſe a huma rotina (1) ſem inſtruir-ſe, e o Cavalleiro eſtaria talvez no caſo de dar lhe ainda a conhecer a mão, e rédeas: além diſto o animal movendo-ſe ſempre na meſma direcção ficaria prezo, e o noſſo objecto he faze-lo flexivel: para iſto he preciſo que o Cavalleiro o paſſe muitas vezes de mão, da direita á eſquerda, e deſta para a direita (2), e dobrar algumas vezes do D ao D; obſervando fazer correr ao cavallo eſta linha DD, como correo a linha 1, 2: iſto he, direito, e com a anca bem defronte das eſpaduas; contido tudo pe-

(1) Vêem-ſe nos Picadeiros cavallos tão acoſtumados á regularidade de huma repetição, que elles meſmos conduzem os Cavalleiros.

(2) Trotando deſte modo cavallos novos, he preciſo principiar as paſſagens de mão, indifferentemente nas duas extremidades do Picadeiro, a fim de que não fação nada por coſtume.

pelas duas pernas, e a igualdade das rédeas. Chegando á extremidade D voltará, do meſmo modo que fez nos cantos; de fórma que a anca paſſe bem por onde paſſárão as eſpaduas, ſem lançar-ſe para fóra, nem deſcrever hum circulo maior.

ARTIGO IV.

Terceira Lição.

Dos movimentos circulares.

COM razão todos os curioſos deſta Arte, e Picadores, fizerão ſempre grande caſo da lição do circulo; pois na verdade he muito propria a fazer flexivel o cavallo quando he dada por Meſtre habil: porém todas as eſcólas tem abuſado della, fazendo principiar os diſcipulos, e cavallos novos, pelos circulos: eſte methodo he hum obſtaculo aos progreſſos dos primeiros, e á ruina dos ſegundos. Depois de explicar a exactidão neceſ-

ſa-

ſaria da lição do circulo, a ſua difficuldade demonſtrará o abſurdo de principiar por ella.

Não percâmos de viſta, que o principal objecto a que devemos aſpirar, e o unico da Arte da Equitação, he pôr o homem, e cavallo a prumo, e conſerva-lo nelle o mais tempo que for poſſivel. O movimento rectilinêo he aquelle menos difficil de conſervar-ſe, tanto ao homem, como ao cavallo; porque achando-ſe as quatro columnas no ſeu lugar natural, defronte humas das outras, tem hum ſimples, e unico movimento a operar. O Cavalleiro não deve pois ter outro cuidado mais que embaraçar a variação do quarto dianteiro, ou trazeiro, e conter o centro de gravidade na exacta balança das ſuas pernas: ſe o cavallo ſahe della hum inſtante, o Cavalleiro conheceo-o promptamente pela irregularidade dos movimentos; e ſó os que não tem nenhum tacto he que o não percebem:

não

não he aſſim no movimento circular, no qual para eſtar o cavallo a prumo deve eſtar dobrado, e o corpo tomar a direcção de hum arco de circulo; iſto he, que todos os pontos do ſeu lado de dentro eſtejão igualmente apartados do centro do circulo. Neſta poſtura circular, como o Cavalleiro não póde tomar o ſeu aſſento com a meſma facilidade, he preciſo neceſſariamente que ponha o corpo na direcção do cavallo; iſto he, que ſe o cavallo ſahe á direita he neceſſario que a parte eſquerda do Cavalleiro vá mais avançada que a direita, a fim que os ſeus quadriz ſe achem na direcção de hum raio de circulo.

Eſta poſição ainda que mais difficil que a réfta, conſervar-ſe hia facilmente ſe o cavallo não ſe agitaſſe, ou moveſſe nunca; porém logo que caminha no circulo, os dous córpos eſtão ſujeitos ás forças centraes, em razão da ſua velocidade (1): o corpo do

(1) Vêde em Mechanica, forças centraes divididas em centrifugas, e centripetas.

do homem, pela força centrifuga, tende contínuamente a apartar-ſe do centro, como huma pedra na funda, e eis-aqui porque todos os diſcipulos cahem para fóra (1), e que para reſiſtir a eſta força que os lança ſe enteſão, ſenão tem ainda adquirido hum certo gráo de equilibrio, e de firmeza, que os faz perder o medo de cahir. He evidente que hum tal methodo he contrario aos progreſſos de hum principiante, que ſe occupa ſó dos meios de agarrar-ſe.

Se o homem tiveſſe ſó que reſiſtir á força centrifuga, e embaraçar o ſeu cor-

(1) A pezar da evidencia das forças centrifugas, que tendem a lançar o Cavalleiro para fóra, ha Meſtres que dão por principio fazer aſſentar o Cavalleiro não no meio da ſélla; como já diſſe em todos os caſos poſſiveis; mas que ao contrario querem que o aſſento ſeja mais para fóra, do que para dentro: felizmente o diſcipulo, na impoſſibilidade de tomar eſta poſição, não faz caſo nenhum deſte preceito: deixa gritar o Meſtre, e conſerva a poſição que a Natureza lhe indica mais ſólida. Eſte principio acha-ſe na inſtrucção da Equitação para a Cavalleria da Caſa Real de França.

corpo a apartar-ſe do centro, conſeguilo hia aſſentando-ſe, ou inclinando-ſe para a parte de dentro: porém então o ſeu pêzo, carregando ſó para a parte de dentro, opprimiria o movimento do cavallo, fa-lo-hia neceſſariamente ſahir do ſeu prumo, ou equilibrio, e expo-lo-hia a cahir.

O unico meio de conſervar o equilibrio no movimento circular, he ter a parte de fóra muito avançada, e exactamente na direcção de hum raio de circulo, e ſeguir o movimento do cavallo; de modo que o quadril de fóra vá contínuamente, e ao meſmo tempo que elle: eu me explico.

Querendo o Cavalleiro fazer andar o cavallo em circulo, eſtando (ſupponhâmos) com a mão direita em D, deve com eſta meſma rédea deſviar-lhe as eſpaduas da parede; e fazendo ſahir o cavallo na direcção DK, conter-lhe com as pernas a anca ſobre o raſto que as eſpaduas deſcrevêrão. A perna de dentro deve ſervir

vir de apoio á maſſa, para não cahir á direita; e a perna eſquerda conter a anca para não ir para a eſquerda: as rédeas devem trabalhar contínuamente para conſervar o cavallo na linha circular; porque eſtando ſujeito ás duas forças de que já fallámos, centrifuga, e centripeta, das quaes huma tende a ſepara-lo, a outra a attrahi-lo para elle, o cavallo obedece indeciſo alternativamente a huma, e outra: he preciſo pois que as rédeas ſirvão a pôllo na linha circular, e que igualmente as pernas o conſervem nella. Eſta obrigação de uſar, ou ſervirſe mais da ſenſação das rédeas nos movimentos circulares, ou nos circulos, he favoravel para enſinar aos cavallos a conhece-las.

Obſervaremos tambem a eſte reſpeito, que as rédeas trabalhando muito em circulo, a ſua acção tende ſempre a diminuir a ligeireza da maſſa, e aſſim para conſervá-la em hum movimento unifórme, o Cavalleiro de-

ve

ve augmentar as ajudas das pernas. Já diſſe que, ſem eſta compenſação de forças aos obſtaculos, não haveria uniformidade; e outra razão pela qual devem augmentar-ſe as ajudas nos circulos, he que os cavallos eſtando em huma poſição oppreſſiva, são mais ſujeitos a deixar-ſe hir, e ſahir do equilibrio, e o unico meio de levanta-los, e impedir-lhes abandonarem-ſe ſobre as eſpaduas, he ſervir-ſe das ajudas das pernas.

He facil comprehender que o movimento circular he mais penoſo para o cavallo do que o rectilineo, pela neceſſidade em que eſtão as pernas de paſſarem contínuamente humas ſobre as outras: deſta difficuldade maior, ou menor em cada individuo, reſultão algumas vezes defenſas que ſó naſcem da pouca ſoltura dos cavallos: ha muito poucos que obedeção perfeitamente ás primeiras lições circulares; e eis-aqui porque he preciſo conduzi-los nellas pouco a pouco, e con-

ten-

tentar-ſe nas primeiras vezes de alternar, com as lições rectilineas, algumas voltas em circulo; e nunca dar-lhe mais de duas, ou tres ſucceſſivas ſobre cada mão.

O cavallo reſiſte algumas vezes ao movimento das rédeas, que querem determina-lo ſobre o circulo: por exemplo, quanto mais a direita ſe abre, tanto mais cahe a maſſa á eſquerda, e ſe aparta do centro: eſta reſiſtencia da parte do cavallo, he cauſada quaſi ſempre por culpa do Cavalleiro; porque eſtá muito para traz a parte eſquerda, ou porque eſta meſma perna não faz effeito, ou finalmente porque o cavallo eſtá muito torcido. 1. Se o Cavalleiro deixa a parte eſquerda para traz, e quer que o cavallo volte á direita, he fyſicamente impoſſivel que o poſſa fazer; pelo contrario a maſſa do cavallo irá cada vez mais á eſquerda, para oppôr as ſuas forças ás do homem: porém logo que o Cavalleiro avançar á parte

te eſquerda, os obſtaculos ceſſaráõ, e o cavallo obedecerá. 2. Se o Cavalleiro, em lugar de ſervir-ſe das duas pernas, emprega a direita, e ſepára inteiramente a eſquerda, então, não contrabalançando eſta o effeito da direita; o cavallo fugirá a ella, e não achando nada que o detenha da eſquerda, deixará cahir a ſua maſſa para eſta parte: aſſim dobrando-ſe muito á direita terá impoſſibilidade fyſica de voltar. Para remediar eſte inconveniente he preciſo pois diminuir o effeito da perna direita, e fazer operar a eſquerda defronte do centro de gravidade, até que o tenha voltado á direita.

He neceſſario obſervar, que os cavallos tem ordinariamente mais difficuldade de voltar a huma mão do que á outra (*t*); ſeja por Natureza,

(*t*) Eſte defeito he quaſi geral nos cavallos, e qualquer o póde ter notado: he pois eſſencialmente neceſſario, que os noſſos Picadores evitem o coſtume em que eſtão de pertender

ou por força de coſtume, que aſſim (como no homem) o faz direito, ou eſquerdo. Não indagarei a cauſa diſto,

---

força-los em geral para aquella mão; o que he reſabia-los; porque he evidente a docilidade com que ſe devem fazer voltar, e vencer ſobre a dita mão, muito tempo antes de os trotar á guia. O faze-los trotar muitas vezes com hum homem em cima, outras com rédeas, e inſtrumentos que os põe em tortura quando encapotão, ou baixão a cabeça; o galópe que os deixão tomar, ou em que os mettem, e a celeração de enſino; são defeitos contínuos das noſſas Picarias, de que todos pódem ſer teſtemunhas; e dahi naſce a juſta repugnancia de os fazer enſinar por elles. Nós vimos hum cavallo difficil a voltar ſobre huma mão, ao qual puzérão huma cruzeta alta de ferro, ſobre o cepilho da ſélla; e aos braços della prendêrão as rédeas á Newcaſtle mais apertada á daquelle lado, fazendo-o trotar aſſim em circulo ſobre aquella mão. Que reſultou? O cavallo que por frôxo ſe reſiſtia, e fazia deſpropoſitos até alli (o que claramente ſe via) deſeſperou-ſe a ponto de levantar-ſe, deitar-ſe, e mil outros acabando de arruinar-ſe poucos tempos depois: nós poderamos citar ſeu dono, e muitas teſtemunhas, aſſim como outros vários caſos deſtes, em que a falta de conhecimentos do genio dos cavallos, ignorancia, e nimia precipitação de os enſinar, tem arruinado, e reſabiádo infinitos.

to, baſta que o facto exiſta; pois que os cavallos ordinariamente ſe dobrão com mais difficuldade á direita, do que á eſquerda. O Cavalleiro deve pois eſperar já ter mais difficuldades a vencer a huma mão do que á outra: porém diſto não ſe ſegue que deva trabalhar mais ſobre a mão em que ſente maior difficuldade; porque em lugar de augmentar mais os ſeus progreſſos com eſtas lições, ſeria retarda-los: he preciſo ſim, que quando trabalhar, ou ſahir á eſquerda, que faça flexivel a mão direita, fazendo ſempre as ſuas acções analogas ao objecto principal: por exemplo.

Supponhâmos hum cavallo ſolto da mão eſquerda, e prezo da direita: quando o Cavalleiro marchar á eſquerda, não deve obrigar o cavallo quaſi nada para eſta parte; porém ao contrario fazer trabalhar a ſua perna direita, muito perto do centro da gravidade, a fim de lança-lo para a eſquerda; e quando marchar á direita,

abrir muito eſta rédea , tendo bem adiante a perna direita , para embaraçar que a maſſa cáia ; e enſinar-lhe a endireitar-ſe com a rédea eſquerda , a qual deve trabalhar juntamente com a perna oppoſta. (*u*) Os progreſſos deſtas lições viráõ a ſer ſenſiveis , e depois de te las praticado alguns dias , o cavallo trabalhará com muita mais liberdade , ſoltura , e galhardia , ſobre as linhas rectas.

Então he que o cavallo procura.

(*u*) Eſta lição do circulo , que o noſſo A. trata com tanto conhecimento , e tão claros , e juſtos principios ; parece devia ſer a de que tiveſſemos mais conhecimentos , por ſer a que praticâmos mais vezes ; já principiando com ella o enſino dos cavallos novos , já dando as primeiras lições aos diſcipulos : com tudo comparando os principios ſeguidos nas noſſas Eſcolas , veremos que ainda diſtão muito dos verdadeiros. Neſtas lições o grande effeito das pernas de dentro , ſem ajuda das de fóra , são os mais conſideraveis defeitos ; e juntamente a pouca direcção , e avanço em que ſe cuida da parte movel exterior do homem , e mil outros que cada hum póde notar reflectindo.

rará naturalmente ſahir a galópe, o qual ſe lhe póde deixar tomar por algum tempo conſervando-o direito, ſem querer-lho diminuir pela operação da mão; mas ſómente ſocegá-lo, affrôxando-ſe, e abrandando as pernas.

Se o cavallo partir falſo a galópe (vide galópe), o Cavalleiro no meſmo inſtante deve mette-lo a trote, e faze-lo principiar outra vez, ſervindo-ſe das pernas ambas, e da rédea de fóra, para conter as eſpaduas perfeitamente direitas, ſem o que continuaria ſempre no meſmo erro.

O conhecimento do inſtante em que deve fazer-ſe partir o cavallo igual, ſó o dá a flexibilidade, e o uſo. Eſte inſtante he (á direita) aquelle em que a mão eſquerda, e a perna direita eſtão no ar, e vão a pôr-ſe no chão: ſe o Cavalleiro então abranda a mão, e augmenta as ajudas, o cavallo neceſſariamente partirá ſobre o pé direito.

Devem evitar-ſe todos os meios

a

ſe levanta o cavallo; o que ſuccederia ſe formaſſem com os joelhos huma meſma peça, em lugar de que ſendo eſta divisão flexivel, a linha vertical das pernas fica perpendicular ao horizonte, perto do centro de gravidade do cavallo; e por conſequencia em melhor eſtado de o acompanhar, e ſoſter.

Tendo o cavallo dado huma, ou duas voltas ao Picadeiro, a galópe ſobre a mão direita, ſe paſſará ſobre a eſquerda, a fim de fazer-lhe (1) outro tanto.

A paſſagem ſe fará como a trote, obſervando empregar mais a rédea de fóra do que a de dentro, a fim de evitar que o cavallo faça a paſ-

(1) Póde entender ſe, que por eſte termo *Laiſſer faire* quero geralmente que ſe entenda, que ſe deixe galopar naturalmente os cavallos novos, antes de exercita-los a eſta marcha; mas iſto he no caſo de reconhecer nelles o ſerem lerdos, tendo evidentemente ſufficientes forças.

paſſagem fóra de tempo, por ſe não achar já contido pelo muro.

O cavallo á extremidade da linha GG, deve marchar ſempre á direita, e por conſequencia chegar ao ponto G ſobre o pé direito; porém tendo actualmente a correr a linha GC, he evidente que vai a marchar á eſquerda, e galoparia falſo, ſe não mudaſſe de mão no inſtante da paſſagem da direita para a eſquerda. Qual he o inſtante deſta paſſagem? He o oitavo que opera o cavallo á eſquerda, para paſſar da linha GG á linha GC. Eſte oitavo á eſquerda he pois o movimento que deve tomar-ſe, para fazer-lhe executar a paſſagem. He preciſo que no inſtante que precede á ultima pégada, quando nelle exactamente tem poſto o pé direito, que o Cavalleiro lhe ſignale hum tempo de parada, tomando hum pouco mais a rédea direita do que a eſquerda: por eſte meio conterá a parte direita do cavallo, apertará ao meſmo tempo

po as pernas, e a direita mais do que a eſquerda; porque ſe trata de lançar a maſſa ſobre a mão eſquerda, e o cavallo vendo-ſe forçado a iſſo fará a paſſagem infallivelmente. (1)

Se ſuccede que em lugar de paſſar bem, o cavallo pára a trote, he huma próva de que as mãos do Cavalleiro fizerão muito effeito, e as ajudas pouco. He preciſo, pois, fechar a perna direita, até tocar com a eſpóra, e carregá-lo meſmo vigoroſamente com ella, ſe o cavallo duvidar. Caſtigado aſſim huma, ou duas vezes, paſſará á menor advertencia do Cavalleiro.

Ha cavallos que chegando ao ponto da paſſagem de mão, fogem de tal modo á perna direita do Cavalleiro, que ſe lanção á eſquerda, e fogem do muro ſem paſſar de mão: pa-

(1) O cavallo pela ſua conſtrucção, he obrigado a partir ſobre a mão direita, ſe a maſſa de repente ſe lança á direita; e a partir ſobre a eſquerda, ſe a maſſa ſe lança para eſte lado.

para ſemelhantes cavallos he preciſo que ambas as mãos dirigindo-ſe ao muro obriguem para elle as eſpaduas, e que a perna eſquerda ſirva de apoio á maſſa, ſem com tudo deſtruir o effeito da perna direita.

Outros cavallos, lembrando-ſe de terem ſido caſtigados no ponto G, apreſsão-ſe a paſſar de mão antes de lá chegar, e forção a mão do Cavalleiro, procurando fugir do caſtigo: eſtes he preciſo corrigi-los por hum modo contrario; iſto he, ſocega-los, e deixá-los metter a trote, antes do que conſentir ſe eſquentem.

Ainda que eſtas differentes operações ſejão muito ſimples, e faceis de conceber, he neceſſario que hum Meſtre as demonſtre pela prática, ao ſeu diſcipulo; e he indiſpenſavel (antes que eſte poſſa pô las em uſo) que tenha adquirido hum certo tacto que lhe enſine o momento deſtes, ou aquelles pés eſtarem no chão, para operar exactamente.

AR-

ARTIGO IV.

Das qualidades do cavallo.

A Succeſsão das lições que acabo de deſcrever, he o unico methodo confórme á Arte, e de que pódem eſperar-ſe verdadeiros reſultados: he aquelle que deve ſeguir-ſe geralmente para toda a qualidade de cavallos de cavalgadura qualquer que ſeja o uſo a que ſe deſtinem; e deſtas primeiras lições depende a docilidade, e algumas vezes a força do animal para toda a ſua vida: porém chegado ao ponto em que acabo de deixa lo na ultima lição, ainda eſtá ſó ao que vulgarmente chamamos *cavallo desbaſtado.* Então he que o Picador póde fazer hum juizo certo do ſeu genio, forças, e qualidades; e decidir o genero de ſerviço a que he proprio, para continuar-lhe huma educação relativa.

Os cavallos de lição, ou meſtres, de

de guerra, caſſa, ou carreira, (*) devem ſer ſádios, dóceis, e fórtes: porém differentes pelas qualidades particulares relativas ao ſerviço que ſe exige delles. Não me demorarei ſobre a totalidade dos conhecimentos que ſe requerem para diſtinguir eſtes cavallos: ſeria preciſo fazer hum tratado das raças, e caudelarias: fallarei ſó da Equitação, e debaixo deſte ponto de viſta, he que as conſiderarei.

O cavallo deſtinado á Picaria, ou de lição, deve ter huma acção nos movimentos das pernas, que faça as ſuas marchas vivas, cadentes, e brilhantes; e tambem fogoſo: ſem eſtas qualidades he ordinario.

O de guerra deve ſer menos ardente, e ter as marchas menos levantadas, mas livres, e extenſas; e de

(*) Em Inglaterra ha cavallos de raça, deſtinados ſómente a correr, e pelos quaes ſe fazem grandes apoſtas em diverſos ſitios deſtinados a correrem, e verem qual excede em velocidade.

de hum talhe (*), e forças que lhe permittão reſiſtir aos grandes trabalhos a que ſe deſtinão: por conſequencia, vivacidade, e finura ſerão defeitos para eſte ſerviço.

O de caſſa deve unir o vigor á ligeireza, e ſer de 68 pollegadas: he preciſo que tenha o ſelladouro curto, diſpoſições para ſaltar, e reſpiração larga para ſupprir nas carreiras longas: o ardor he hum grande defeito neſtes cavallos.

Em fim o cavallo de correr deve differir de todos os de que acabámos de fallar, por huma conſtrucção esbelta, arrojada, e particular, que ordinariamente ſe diz *cavallo de raça*. As marchas deſtes cavallos de nenhum modo devem ſer levantadas, mas antes muito raſteiras; pouco carregados de carne, e peſcoço delgado; e ſó aos olhos dos verdadeiros conhecedores he que tem valor: porém

(*) Altura he de 59 pollegadas.

rém que régras, que principios daremos ſobre o conhecimento da bondade, e differentes qualidades dos cavallos? A theoria ſeria muito falſa, ſe não foſſe ſoccorrida por huma praticada Equitação, que dá o mais fino tacto pela ſenſação; pois que os olhos pódem ſó julgar do exterior, entretanto que o aſſento do homem Cavalleiro julga da força, e elaſticidade das mólas. Attenda-ſe ao que nos moſtra todos os dias a experiencia, e veremos que há muitos que, ſem dúvida, conhecem as verdadeiras proporções dos cavallos bem feitos, as moleſtias a que são ſujeitos, e (o que he mais) até aquellas para que tem diſpoſição; porém muito poucos que julguem sãmente da bondade do cavallo. Quem deixará de ter viſto bons cavallos com jarretes?

Eſtes exemplos são contrarios á theoria, e infelizmente não he ſó neſte caſo que os Anatomicos de jarretes ſe enganão. Creio pois que os meus lei-

leitores hão de concordar comigo, que a theoria, e a prática da Equitação são dous conhecimentos igualmente indiſpenſaveis, para proceder a huma boa eſcolha; e ſobre tudo para fazer hum juizo bom ſobre as qualidades, e bondade do cavallo. Quanto mais profundarem, e conhecerem a noſſa Arte, tanto mais ſe perſuadiráõ diſto meſmo.

ARTIGO V.

Dos Pilões.

NÃO aconſelho á Cavalleria, aos caſſadores, nem aos curioſos de cavallos corredores, que fação uſo de Pilões, na educação dos ſeus cavallos, porque tirarão poucas vantagens do ſeu uſo, e perderão hum tempo que empregarião muito melhor em desligar, ou ſoltar os ſeus cavallos em grandes circulos, e ainda mais em linhas rectas: porém eſta lição dada por hum Meſtre intelligente, a hum ca-

cavallo novo, deſtinado á Picaria, vem a ſer de grande utilidade; porque dá muita certeza, exactidão, e flexibilidade ás juntas do animal, fazendo-lhe dobrar as articulações, com graça, e agilidade, e repartir proporcionalmente o pêzo do ſeu corpo, ſobre as pernas que tem firmes no chão; ao que eu chamo *uni-los.*

Eſta lição he excellente para os cavallos que tem algumas diſpoſições a pezar ſobre a mão, e que ſe ſervem pouco do quarto trazeiro; aſſim como o coſtume de deitar a maſſa para a direita, ou eſquerda: mas deve dar ſe ſómente ao cavallo, quando principia a ſoltar-ſe, e quando já tem tido algum exercicio de galópe; porque dando-ſe-lhe antes, ſeria pedir delles hum impoſſivel.

He preciſo que o cavallo eſteja prezo aos pilões de modo, que dando nas ſuas cordas (que devem eſtar iguaes) todo o peſcoço lhe fique adiante delles, de fórma que *le ga-*

rot (*) do animal, e os dous pilões eſtejão pouco mais, ou menos ſobre a meſma linha.

Depois de metter o cabeção ao cavallo (que não deve ficar apertado para nenhuma parte) affagar-ſe-ha, e tomando-o pelo bridão ſe fará ſahir até tocar nas duas cordas, e vèr ſe eſtão perfeitamente iguaes. Preparado tudo aſſim, o que tem o açoute na mão moſtra lo-ha ao cavallo, conſervando-ſe hum pouco ſobre a direita, e a traz delle, fallando-lhe, e levantando-o brandamente, excita lo-ha a avançar, e dar nas cordas: ſe executa bem iſto, o homem que eſtiver no pilão eſquerdo, e por conſequencia junto da eſpadua do cavallo, affaga-lo-ha. Muitos cavallos recuão com cólera, ou eſpantados, quando depois de dar nas cordas experimentão a ſua reſiſtencia: não devem caſtigar-ſe por eſta cauſa, mas antes affagá-

los

(*) *Garot* agulha, cruz, ou cernelha.

los muito, e continuar a moſtrar-lhe o açoute mais brandamente, a fim de que o cavallo dè nas cordas de vagar, e ſem pancada. Depois que já não recuar, o que tiver o açoute paſſará para o outro lado do cavallo, endireitando-o, e affagando-o logo que acabar de obedecer; e fazendo-lhe executar o meſmo alternativamente ás duas mãos, continuando a moſtrar-lhe o açoute hum pouco para traz, e defronte do centro de gravidade. Eſtas primeiras lições devem ſer repetidas muitas vezes ſem exigir mais nada do cavallo, do que dar nas duas cordas, e faze-lo indireitar ſobre ambos os lados. Logo que executar bem eſtas primeiras lições, deve principiar-ſe a enſinar-lhe o *piaffer* (*). Para iſto ſupponhâmos que o cavallo eſtá nas cordas á mão direita; ou (o que valle o meſmo) dirigido ſobre o lado

(*) *Piaffer* he o movimento que o cavallo faz de mãos, e pés, com galhardia, como no paſſo, pizando ſempre no meſmo lugar.

eſquerdo, mas dobrado alguma couſa á direita: o que tem o açoute poſto hum paſſo a traz, e ſobre a recta da perna direita do cavallo, repetirá os movimentos do açoute debaixo para cima com o braço eſtendido; de fórma que neſte movimento toque com elle o cavallo entre as eſpaduas, e o ventre, com mais, ou menos força, ſegundo a moleza, e ſenſibilidade do animal: logo que obedecer deve affagar-ſe, e ſuſpender o uſo do açoute para fazer-lhe conhecer que fez bem. Se os movimentos deſte forem brandos, vagaroſos, e iguaes, ſerviráõ de ajuda, e advertencia para o cavallo, ás quaes não reſiſtirá; mas fará o *piaffer* com os ſeus movimentos naturaes, e não forçados; iſto he, executados por ſimples flexões nas juntas das quatro columnas. Deſte modo a licção ſerá inſtructiva, e não perigoſa; porém ſe os movimentos do açoute são muito ſecos, rapidos, e não ſeguidos, virão a ſer caſtigo; o ca-

cavallo lhes reſiſtirá, dará couces, e levantar ſe-ha, (cuja força nos jarretes he ſempre perigoſa) e os tempos do *piaffer* ſerão ſempre ſobre o quarto trazeiro, e as eſpaduas ſe lhe prenderáõ cada vez mais.

Eſta lição não tem meio, ou he muito boa, ou muito má: toda a circumſpecção no enſino deve ſer ſempre muito curta, e dada ao cavallo quando ſahe da cavalherice antes de monta-lo; porque hum cavallo cançado obedeceria mal a ella: em fim eſte he o methodo de conſeguir-ſe della o fim que ſe deſeja.

A theoria não he ſufficiente para poder dar eſta lição com vantagem, preciſa ſe muita prática, e ter movido muito tempo o açoute, para poder ſervir-ſe delle ſem inconveniente. Os principios geraes que acabo de deſcrever, não ſão ſufficientes para fazer executar eſte manejo, he indiſpenſavelmente preciſo recorrer á prática debaixo de hum bom Meſtre.

AR-

ARTIGO VII.

Da embocadura, e ſeus effeitos.

CHama-ſe freio, ou embocadura, em geral, a toda a máquina que paſſa pela boca do cavallo, para o effeito de conduzi-lo, e adverti-lo das vontades do Cavalleiro.

Senão ſe conſideraſſe a embocadura dos cavallos como relativa á Equitação, apenas teria aqui lugar eſte Capitulo; pois que baſta a mais ligeira attenção para dar ao cavallo hum freio que lhe convenha: pelo menos aſſim o conſidera o homem Cavalleiro, o qual olha o freio ſómente como meio ſecundário; e aproxima as differenças, que ſe tem multiplicado ao infinito, ſobre as fórmas, e proporções dos freios. A ignorancia dos Picadores tem feito da Arte defazelos huma charlatanaria: todos querem montar, domar, e enſinar cavallos, e pouca gente tem feito hum ſufficiente

te eſtudo deſta Arte difficil: todos pertendem illudir, e até a ſi meſmo ſe illudem ſobre os ſeus talentos: fallão a hum ſarralheiro para achar os meios de governar hum cavallo, cuja má poſição, ou reſaibos, são naſcidos da pouca firmeza do Cavalleiro, e má mão de rédea: excita-ſe o artiſta mercenário; perſuade-ſe-lhe facilmente que a ſua Arte he muito eſſencial, e profunda; e he muito natural que eſte igualmente adopte hum tom ſcientifico: mette os dedos na boca do cavallo, apalpa os beiços, os aſſentos, e a lingua: ei-lo aqui feito magico; falla huma linguagem inintelligivel, e que certamente elle meſmo não comprehende, mas pouco importa: ajuſta o freio, fica reſponſavel do ſeu effeito, e ſahem contentes. O cavallo atemoriſado, e eſpantado da nova máquina que ſe lhe mette na boca, parece com effeito mais obediente; porém eſta victoria não he de muita duração; pois como o Cavalleiro

na-

nada tem adquirido, o cavallo cujos deſpropoſitos naſcião da mão do Cavalleiro, torna a repeti-los pelas meſmas cauſas: recorrem a outro ſarralheiro, que igualmente os engana, ganhando aſſim a ſua vida. E como deixará iſto de ſucceder, ſe os noſſos Livros, e Tratados de Cavalleria fazem diſcurſos extenſiſſimos ſobre a configuração, e proporções das differentes partes da boca, e do freio! Não ſeja eu porém o que me deixe illudir por eſta farragem de repetições, para copiar os AA. contemporaneos, aſſim como eſtes copiárão os ſeus predeceſſores. Aquelles, que tiverem até aqui lido bem o meu livro, não me levarão a mal paſſar ligeiramente ſobre hum Artigo, que eſpero parecerá de pouca importancia áquelles que tiverem comprehendido bem o meu methodo de conduzir os cavallos. (z)

Po-

(z) Eſta theoria de freios, e differenças de boccas, a que pertendem appropria-los com dif-

Porém ſe he neceſſaria eſta indagação relativamente á Picaria, ao Pi-

---

ferentes configurações, he conhecida tambem no noſſo Paiz ha muito tempo; e já o Rego emprega huns poucos de capitulos, em que apontando as cauſas dos cavallos não enfrearem, dá modelos de diverſos freios para elles: Sem theoria, ou meſmo huma linguagem que a finja, temos ouvido os noſſos Picadores, e vários curioſos tratar de procurar diverſos freios com que enfrêem os cavallos; mas confeſſamos que ainda antes de vêr tão claramente refutado eſte erro pelo noſſo A., ſempre nos motivou a rizo, e pouca conſideração eſte ſyſtema. Será ſuperfluo ajuntar mais razões ás muitas que dá o noſſo A.; mas a ſimples reflexão não faz vêr que hum cavallo, cuja guéla por groſſa não entra bem nas queixadas, não póde igualmente pertender-ſe (por mais freios que ſe inventem) que ponha a cabeça como hum bem configurado? Aquelles a que falta o folgo, ou todos os que tem algum defeito fyſico, podem os farralheiros por ventura emendá-los? A força, e aſpereza do freio poderá ſegurar hum cavallo pouco ſenſivel, ſem que eſte meſmo freio o torne caloſo bem depreſſa pelo habito? Finalmente concordamos com o noſſo A., que não temos viſto emendados eſtes defeitos pelos freios: e aſſim ſeguimos que caimbas mais, ou menos compridas mas direitas, cubos do bocado mais, ou menos direitos, formando hum angulo mais, ou menos agudo, são as unicas

Picador, e á Equitação, procurarei acautelar, e preſervar a Cavalleria, e os curioſos de cavallos, do uſo perigoſo que pódem fazer de ſemelhantes freios, e modo de embocar os cavallos. Já recommendei no Artigo das munições da Cavalleria, que ſe ſerviſſem ſimplesmente de bocados liſos com caimbas direitas, e darei a razão. Não he pela força que ſe devem domar os cavallos, os ſeus effeitos são inſufficientes; e ſe algumas vezes eſte methodo parece ter bom ſucceſſo, não he ſem produzir extremas deſordens, e perigos. Todo o freio que faz conhecer ao animal, pela ſenſibilidade da ſua boca, a advertencia do Cavalleiro, e que lhe cauſa huma leve dôr quando deſpreza, ou não obedece á primeira advertencia, he aſſás fórte. A Natureza não pôz na boca dos cavallos, hu-

differenças que devem conhecer-ſe; abandonando-ſe lingoetas, freios muito pezados, caimbas revoltas, e outras eſpecies delles.

huma differença tão ſenſivel, como tem imaginado, e nos tem querido perſuadir: todos os potros quaes quer que ſejão são obedientes ao bridão; e com eſte he que o Cavalleiro os acoſtuma ao jugo: ſe uſaſſem de hum freio fórte, ou pezado, a dôr que lhes cauſaria os faria deſeſperar. Se he preciſo trabalhar mais o bridão, para pôr em governo eſte, ou aquelle potro, não ſe ſegue que hum tal cavallo ſeja menos ſenſivel a elle, nem que ſinta menos o effeito da mão do Cavalleiro; mas ſim que mais ardente, menos dócil, mais fraco do quarto trazeiro, e a poſição violenta que ſe lhe dá, o contraría muito, e o obriga a reſiſtir-lhe, e a fugir della. Não he pois a preſsão ſobre os beiços, e aſſentos, que deve augmentar-ſe; porém he preciſo ſocegar o cavallo, abranda lo, e ſobre tudo, no ultimo caſo, reduzir a quaſi nada o effeito das mãos. Tudo iſto ſerá ſufficientemente claro para aquelles

les que tem viſto muitos cavallos; porque não deixaráõ de ter obſervado muitas vezes reſiſtirem cavallos a homens muito vigoroſos, que empregando toda a ſua força os não podião vencer, em quanto outros mais intelligentes do que elles os conduzião com a maior facilidade, ſervindo-ſe ſó de hum bridão. Neſta Arte não baſta a theoria, já o diſſe, e he preciſo repeti-lo; mas he neceſſario praticar, e vêr muito: rogo pois ao meu Leitor que vá muitas vezes aos campos aonde ſe obrigão os cavallos a carreiras rápidas; aonde os Eſquadrões fazem ſimulacros de ataques, que pela maior parte mais parecem ſimulacros de fuga, pela deſordem que reina nelles: alli verá homens os mais fórtes, levados involuntariamente por cavallos os mais fracos; aos quaes ſe vê a boca enſanguentada, e por conſequencia não ſe poderá negar o muito effeito que o freio faz: com tudo não he ſufficiente a reprimi-los. Pode-

derá remediar eſte inconveniente o ſarralheiro ? Não ſem dúvida. Em quanto a voſſa Cavalleria não for mais inſtruida, nem cabreſtantes ſerão ſufficientes para fazer os Cavalleiros ſenhores dos ſeus cavallos, e dar união aos Eſquadrões. Occupem-ſe pois muito menos de todas eſtas inſpecções, divisões de bocas muito ſenſiveis, ardentes, fórtes, e que reſiſtem á ſujeição do freio ; de barras calofas afiladas, redondas, gordas, magras, &c. ; e limitem-ſe a dar a todas eſtas bocas, aſſentos, e queixos, a brida que for mais branda, hum ſimples bocado, de montada inteiriça (1) ajuſtado á proporção da boca; iſto he, que não ſeja muito largo nem muito eſtreito, ſendo o angulo formado pelos dous cubos, capaz de dar baſtante liberdade á lingua, e que eſ-

te;

(1) A dobradiça do bocado não ſerve para faze-lo doce, porque deve ſer ſem movimento: ſe o tiveſſe, facilmente ſe percebe que não tendo os cubos lugar fixo ſobre os aſſentos, o ſeu effeito não ſeria exacto.

tes deſcancem ſobre os aſſentos huma pollegada por cima dos colmilhos. Se os beiços entrão na boca, e cobrem a barra, os cubos no lugar em que aſſentão nas caimbas ſejão mais direitos, mas que fiquem dando liberdade á lingua; a fim de não fazer metter para dentro os beiços. Determinados bem eſtes dous pontos de contacto, do bocado, ou da montada, o modo porque o cavallo traz a cabeça, e o peſcoço, deve decidir da eſpecie de caimbas que lhe convem: fazendo as compridas, ou curtas, he que ſe augmenta, ou diminue a força do freio, e o ſeu effeito: As caimbas tem aqui as propriedades das alavancas. Não faço aqui as demonſtrações que pedem conhecimentos da Mecanica, que todos pódem ter, ou alcançar facilmente: porém ainda que conheça os differentes effeitos das caimbas relativas á ſua fórma, não concluirei, como quaſi todos os AA., que a figura, e proporções do corpo

do

do cavallo, e das pernas delle, devem decidir, e determinar a ſua eſcolha. (outra charlataneria preconiſada pela ignorancia.) A poſição natural da cabeça, e peſcoço do cavallo, devem ſer as unicas régras a eſte reſpeito. 1. Augmentar-ſe-ha a força do freio, e abaixar ſe-ha a cabeça do cavallo, alongando as caimbas; eſtas convém pois mais aos cavallos eſtreleiros, e eſpapados. 2. Levantar-ſe-ha a cabeça, e cóllo do cavallo que tiver diſpoſições de encapotar-ſe, tendo caimbas curtas, e fazendo operar a mão em huma direcção menos perpendicular ao braço da alavanca.

O principio que moſtra a conſtrucção da brida, e o que determina a direcção do trabalho da mão do Cavalleiro, tem a meſma baſe, como já fiz vêr: ſe o freio não eſtiveſſe fixo ſobre os aſſentos da barbada, o ſeu effeito ſeria nulo. O olho da parte ſuperior da caimba não o deixa deſcer, e a barbella embaraça-lhe andar á roda, e balan-

lançar. As barbellas á franceza compoſtas de fuzis groſſos, bem proporcionados, e polidos, são geralmente as de melhor uſo; porque são menos inciſivas, e fazem hum effeito mais igual em todos os pontos do contacto. A barbella deve eſtar apertada de modo, que tenha huma linha de diſtancia da poſição em que cauſa ſenſibilidade ao cavallo; iſto he, que não deve eſtar totalmente ſem effeito, ſenão quando a mão do Cavalleiro não faz nenhum: toda a Arte do ſarralheiro conſiſte pois, em ſer bom terceiro, e em pôr as barbellas com igualdade para embaraçar que o freio chocalhe, ou balancêe.

Perto do vertice do angulo que fazem os cubos do bocado, ou ſobre o meſmo angulo que dá liberdade á lingua, quizera que ſe puzeſſem alguns anneis lizos, e moveis, que fazem na boca do cavallo o effeito de hum inſtrumento conhecido pelo nome de maſtigador. Os Hungaros ſervem-ſe deſte methodo para fazer goſtar o freio

aos ſeus cavallos: eu já o experimentei nos meus, e tenho-me achado muito bem.

Nos primeiros dias que ſe mette hum freio ao cavallo, he muito conveniente deixar lhe na boca hum bridão grande em lugar do pequeno (y); a fim de não ſervir-ſe do freio ſenão quando o cavallo eſtiver habituado ao embaraço que lhe cauſa: o tempo que ſe perde no uſo deſta cautela, ganha-ſe bem pela certeza em que ſe eſtá de não achar reſiſtencia da parte do animal, quando ſe abandonarem as rédeas do bridão, para tomar as do freio; e deve principiar-ſe ſempre a ſervir dellas ſobre as linhas réctas. Para dar ao cavallo o co-

(y) Ha pouco cuidado em dar a conhecer ao cavallo ajudas novas, por aquellas que já entende: nós temos o grande defeito de não uſarmos bridões na Picaria, e eſta he a cauſa da grande differença que ſe ſente, paſſando do governo do cabeção ao do freio; o que he evidente pelo tempo que lhe trazem cabeções, ainda fóra da Picaria.

nhecimento das rédeas do freio, poderáõ empregar-ſe ſeparadamente, tendo cuidado no principio de ajuntar a advertencia da rédea direita do bridão, ao effeito da rédea direita do freio; porque he hum principio geral na inſtrucção dos cavallos, ſervir-ſe ſempre de huma ajuda, ou meio já conhecido, para dar conhecimento do que ainda ſe ignora.

Obſervarei tambem, que quando ſe toma por objecto diminuir, ou deter a marcha do animal, he preciſo que o effeito da mão eſquerda ſe faça igualmente ſentir nos dous aſſentos da barbada.

O Cavalleiro que tiver huma poſição exacta, o braço eſquerdo brando, e a mão ſenſivel, formará huma boca tambem ſenſivel ao cavallo; porque não abuſará da contínua prizão do freio ſobre os aſſentos; preſsão que os faria inſenſiveis, e calloſos.

A experiencia mais ſeguida, faz vêr que o homem Cavalleiro, dá, e con-

ſer-

ſerva a delicadeza das ajudas no animal mais groſſeiro; entre tanto que o ignorante deſtróe a ſenſibilidade do cavallo mais fino. A Arte pois he que nos faz Meſtres deſtas differenças; e o homem inſtruido que eſtá encarregado do enſino dos cavallos, póde conduzi los de hum modo, relativo ao ſerviço a que ſe deſtinão.

Não fallarei dos bridões á Italiana, dos freios á Turca, e de todas as máquinas inventadas para ſubmetter cavallos á obediencia; convencido bem de que eſtes recurſos são abſolutamente inuteis, quando ſe reune a theoría, e prática da noſſa Arte.

ARTIGO VIII.

Dos paſſos de lado.

HUm cavallo eſtaria ſufficientemente docil, e obediente, ſe foſſe ſó ſuſceptivel de movimentos direitos, e circulares para pôr-ſe direito, mudar a direcção da marcha,

governar-ſe com facilidade, e poder ſeguir todos os movimentos do Eſquadrão; mas he preciſo tambem que poſſa fazer o paſſo de lado; iſto he, fazer paſſar as pernas humas ſobre as outras, a que nós chamâmos ladear. Com effeito ſeja no alinhamento das fileiras, ſeja na obſervação dos chefes de fila, ou nas conversões, os cavallos são muitas vezes obrigados a encoſtar-ſe á direita ou á eſquerda, porque os noſſos meſmos Eſquadrões opérão eſte movimento em maſſa: he pois injuſtamente que têmos deſprezado por prejuizo eſta licção de manejo, para a inſtrucção da Cavalleria. Eu julgo-a neceſſaria, e indiſpenſavel; porém quero expô-la de hum modo mais ſimples, rejeitando os termos ſcientificos dos noſſos Authores antigos, conſervados pelos noſſos Picadores modernos. *Mão á direita* ou *á eſquerda* ſerá unicamente a expreſsão da marcha obliqua, ainda que a ſua direcção poſſa variar tantos gráos

co-

como ha no quarto de circulo ; porém eſtas direcções achão-ſe determinadas pelos pontos de viſta , ou alinhamento , que ſe devem indicar ſempre. Os cavallos devem ſaber fazer os paſſos de lado circulares , expremidos em termos de manejo , por *voltes renverſées* , ou garupa para fóra. Eſta he a expreſsão do movimento que fazem os ſoldados da ſegunda fileira nas conversões : eu chamarei pois a eſte paſſo de lado , movimento de conversão. Principiemos pelo paſſo de lado em linha recta.

Os cavallos novos não ſe exercitaráõ a paſſo de lado , ſenão quando eſtiverem primitivamente ſoltos , nas tres marchas direitas , de paſſo , trote , e golópe , e obedientes ás ajudas das rédeas , e das pernas. Julgando o Meſtre hum cavallo neſte ponto de inſtrucção , eſcolherá o momento em que o Cavalleiro chegar a hum dos cantos do Picadeiro , por exemplo no ponto A , para dar-lhe a

vós

vós de *mão d direita.* O Cavalleiro deixando cortar a nova direcção AB, pelas eſpáduas do cavallo, formará hum tempo de parada com as duas rédeas, e fechará a perna eſquerda para levar a maſſa á direita; e a perna direita não terá outro effeito mais, que fechar ſe brandamente para não deixar recuar o cavallo. Continuará a levar a mão eſquerda á direita, fazendo ſentir a rédea direita ao cavallo, quanto baſte a indicar lhe a determinação da marcha ſobre eſta nova linha; e ſentirá hum pouco mais a rédea eſquerda, para conter as eſpáduas; em cujo tempo a acção ſeguida, e contínua da perna eſquerda, conſervará o movimento da maſſa á direita, e a anca em linha réćta das eſpáduas: O cavallo fugindo da perna eſquerda, ſerá obrigado a paſſar as pernas eſquerdas ſobre as direitas. Neſte caſo a parede ajuda muito o Cavalleiro, a poder conſtranger o cavallo á obediencia; e eſta lição

ção aproveitará tanto mais, quanto maior for a ſoltura que primitivamente tem adquirido o cavallo. Com tudo ha alguns que ſe defendem recuando, ou lançando-ſe ſobre a perna eſquerda do Cavalleiro, em lugar de fugir della: neſte caſo he preciſo augmentar os meios, e forçar o cavallo a iſto: para o que ſe lhe porá hum cabeção, em que pegará hum homem pela guia, perto da parede, e á eſquerda do cavallo: o Meſtre tambem ſe porá á eſquerda, e de traz do cavallo; ao qual moſtrará o açoute com que o atacará fortemente, ſenão obedecer á perna eſquerda do Cavalleiro, caſtigando-o na garupa ſe recuar. O effeito do cabeção he de ter as eſpáduas com ligeiros toques, ſe marcharem muito vivamente; ou ſe voltaſſem á direita a pezar da rédea eſquerda.

As pequenas reſiſtencias dos cavallos a eſtas lições, não devem admirar: as cautélas, e meios que acabo

bo de apontar, empregados duas ou tres vezes, baſtão para fazer certa a obediencia do cavallo. O Cavalleiro deve ter o maior cuidado em que o ſeu aſſento, e corpo não fiquem nada á eſquerda, quando o cavallo caminha á direita. He preciſo (aſſim como em todas as occaſiões poſſiveis) que as nadegas eſtejão carregadas bem igualmente, e que a linha do corpo conſerve huma poſição vertical ao horizonte. Chegado ao canto B, os que tem o açoute, e guia na mão, devem paſſar ao lado direito; e o Cavalleiro para voltar á eſquerda, deve empregar os meios contrarios aos que acabâmos de indicar, para caminhar á direita.

He preciſo eſperar que o cavallo eſteja bem obediente a eſta lição, para dar-lhe a dos paſſos de lado ſobre os circulos; iſto he, antes de enſinar-lhe a fazer o movimento da ſegunda fileira nas conversões.

Em quanto o cavallo não eſtiver bem

bem ſolto, muito obediente, ou quem o monta não for bem inſtruido, e familiarizado com eſte genero de exercicio; quando ſe quizer fazer executar-lhe *o movimento de conversão*, pôr-ſe lhe-ha hum cabeção, em que pegará pela guia hum homem a pé, no centro do circulo que ſe quizer deſcrever. Supponhâmos que ſe marcha á direita no circulo D., o Cavalleiro fará hum tempo de parada para conter as eſpáduas, e abrirá a rédea direita para conduzi-las na direcção do raio de circulo; e fechará a perna direita para fazer caminhar a maſſa á eſquerda, endireitar a anca, e dar ao corpo do cavallo a direcção do raio. A ajuda da rédea eſquerda deve então determinar-lhe as eſpáduas a correr o circulo D, e a perna direita continuar a fechar-ſe, para fazer que o centro de gravidade corra o circulo B; e neceſſariamente a anca do cavallo caminhará ſobre o circulo A. He claro que as mãos devem

de

de ter, e dirigir as eſpáduas a cortar o circulo D, e as pernas fazerem igualmente o ſeu effeito, para que o centro de gravidade, e a anca do cavallo, corrão ao meſmo tempo os circulos B, e A: a perna eſquerda do Cavalleiro he deſtinada a contrabalançar o effeito da perna direita, ſe o cavallo fugiſſe della com muita precipitação, ou quizeſſe recuar. O que traz o açoute póde ajudar eſte movimento, pondo-ſe á direita do cavallo para fazer ir a anca, ſe o ſeu movimento foſſe vagaroſo. He muito ordinario lançarem-ſe os cavallos de ſalto, no centro do circulo; e por iſto he que quem pega na guia, deve oppôr-ſe a eſta deſordem, dando-lhe ligeiros toques com o cabeção no focinho, de cima para baixo; o que ſerve tambem a conter as eſpáduas, ſe tiverem muita tendencia a abandonarem-ſe á eſquerda.

Tendo feito duas voltas á direita, mudar-ſe-ha de mão o cavallo, fazen-

zendo-lhe paſſar o diametro do circulo, e empregados os meios inverſos para dobrá-lo á eſquerda, praticando ſe ſempre a paſſo eſtas lições: as quaes dadas com intelligencia, acabão de ſoltar hum cavallo, e dão-lhe huma attenção, e obediencia perfeita, que depois ſe conhece na marcha direita, na qual ſe põe o cavallo com a maior facilidade.

Logo que ha hum certo número de cavallos, que tem tido duas, ou tres vezes eſta licção, he preciſo exercitá los juntos nella ſem cabeções, e todos os dias acabar aſſim o trabalho da Eſcola.

ARTIGO IX.

Differentes modos de exercitar os cavallos nos Picadeiros.

Dos Saltadores.

SErvindo-nos da Arte da Equitação para o objecto de enſinar os cavallos, ſómente para havermos delles

les os ſerviços verdadeiramente uteis ás Trópas; abandonaremos nas noſſas Eſcolas tudo quanto hoje ſe conhece debaixo do nome *Picarias altas, ou manejos altos*: Limitaremos as noſſas lições a correr differentes linhas, ora á direita, ora á eſquerda, nas tres qualidades de paſſos, e a fazer alguns de lado: ſimplificaremos a noſſa lingoagem ſervindo-nos ſó de expreſsões conhecidas, e familiares na Cavalleria; e o noſſo trabalho terá des de o ſeu principio huma diſtribuição ſimples, e util.

Rejeitaremos inteiramente o uſo dos ſaltos, enſinados com tantos riſcos, e trabalhos, ſem nenhuma utilidade; viſto que não he raro vêr diſcipulos (ainda que muito firmes neſta qualidade de cavallos) ſacudidos fóra da ſella, por hum que tem os movimentos irregulares. O homem Cavalleiro não adquire firmeza ſem o habito de montar cavallos novos, que ſe abandonão a toda a qualidade de

deſordens, e contratempos. O Meſtre he que deve proporcionar as difficuldades ás forças dos diſcipulos, e conduzi-los de hum modo proporcionado aos ſeus progreſſos.

ARTIGO X.

Dos Meſtres, e da prática.

OS lentos progreſſos em todas as Artes, devem attribuir-ſe mais á mediocridade dos Meſtres, do que á falta de diſpoſição nos diſcipulos: não ha couſa tão difficil como o montar bem: ninguem ha perfeito neſta Arte; e por conſequencia póde julgar-ſe quanto eu condemno o uſo geral em que eſtá a Cavalleria, de abandonar o cuidado da inſtrucção a Officiaes inferiores, que ordinariamente tem ſó huma groſſeira rotina, que meſmo lhe falta aptidão para julgar dos defeitos dos diſcipulos, e que não tem talentos para explicar-ſe de hum modo claro, e exacto, para com-

mu-

municar os ſeus penſamentos em huma Arte ; da qual nunca ſe pódem expôr bem os principios, ſem ſe poſſuirem bem a fundo.

A mania dos ignorantes he dar lições: ſervem ſe das palavras que ouvírão aos ſeus Meſtres, e publícão ao acaſo eſtas ridiculas ladainhas que ouvimos repetir nos noſſos Picadeiros. (1)

Os Officiaes de Cavalleria não são deſtinados ſómente a bater-ſe á teſta das ſuas Trópas, mas tambem para inſtrui-la : a elles pertence ſó eſte cargo, porque ſó por elles póde ſer bem deſempenhado: a ſua educação os faz proprios a adquirir, e tranſmittir os conhecimentos do ſeu officio ; mas he preciſo que a ſua conſtituição, e diſciplina militar os conduza a eſtas funcções, e lhe lembre tambem os ſeus deveres. Creando-ſe Eſcolas da Ar-

(1) Dizia hum ao famoſo Marcello : „ Pourquoi n'avez-vous pas un Prévôt pour commencer vos écoliers ? „ he, reſpondeo o Meſtre de Dança, que eu não ſei baſtante para enſinar a fazer a cortezia.

Arte de Cavalleria, os ſeus principios ſe deſenvolveráõ, e fortificaráõ: hum luz nova, e novos conhecimentos faráõ ſahir huma obra ſuperior á que eu intentei; porém longe de temer ſer deſterrado para a claſſe dos AA. velhos, aſpiro á gloria de provocar os talentos daquelles que a Natureza dotou de mais meios do que eu poſſúo, para aperfeiçôar a inſtrucção mais util. (*)

CA-

(*) O grande curioſo que Portugal admira, e que todos conheceráõ por eſte termo, e os melhores Picadores da Eſcola Real, digão quantos diſcipulos tem, ou tem dado em que elles reconheção unida á theoria da ſua Arte (theoria fundada na eſtructura dos dous corpos Fyſicos, na Mecanica, e ſuas Leis, no conhecimento dos cavallos, e nos principios que a razão, e a experiencia tem dictado) a longa, e judicioſa prática della: nós os ouvimos lamentar a falta delles. Se iſto he alli, como he poſſivel que por hum limitado preço venhão bons Picadores para os Regimentos? Que são eſtes em geral, ſenão méros desbaſtadores? Quão raros são os Officiaes que levão conhecimentos deſta Arte, quando vão ſentar praça? Quaes são os que ſe ſubmettem a ouvir as lições deſtes Picadores, que faltando-lhes as diſtincções de Officiaes, não pódem commandar o reſpei-

CAPITULO III.

ARTIGO I.

Eſcóla particular dos Regimentos a cavallo.

AS Eſcólas particulares dos Regimentos devem deduzir os ſeus principios, e regular o ſeu trabalho pelos que ſe eſtabelecêrão nas Eſcólas geraes.

A

to meſmo aos ſoldados, quanto mais a Cadetes, e Officiaes, que não tendo as luzes que ſupprão eſta diſtincção, ainda menos o merecem, que faltando-lhes verdadeiros principios, e ſufficiente prática, não pódem explicar-ſe nem moſtrar, ou dar o exemplo. Será pois de admirar os poucos progreſſos, e conhecimentos neſta Arte! Como pódem adquiri-los todos os Officiaes? Com tudo eſtes são os que devem enſinar os ſoldados, e Cadetes; a neceſſidade delles ſerem habeis a dar eſta inſtrucção he obvia: mas ſem huma Eſcola que fixe os principios da Equitação; ſem que dos diverſos Córpos ſe mandem Officiaes de maior Patente, e Subalternos eſtuda-los alli; ou que Picadores Officiaes, e de Patente maior ſe mandem eſtabelecer Eſcólas, nunca poderá haver a ſufficiente inſtrucção, e uniformidade.

A Cavalleria em tempo de paz deve entreter ſe ſempre no contínuo exercicio dos detalhes da ſua Tactica : o ſeu trabalho deve pois determinar-ſe, e regular-ſe do modo mais conveniente á eſte objecto.

Os exercicios diarios não pódem ſer abſolutamente unifórmes ; e quando as Eſtações, e a quantidade dos objectos que compõe a ſua inſtrucção, permittiſſem repetir todos os dias as meſmas couſas, ſería preciſo meſmo aſſim, evitar a monotonia; mais propria a inſpirar o deſgoſto, do que a aperfeiçôar a inſtrucção.

Mas deſculpar-me-hão por ventura todos os Chéfes militares o atrevimento de pôr leis á ſua vontade diſpotica, á qual as noſſas Ordenanças tem deixado até aqui huma livre carreira ? Não ſem dúvida : e aquelles, a quem a conſtituição, a diſciplina, e obrigação de dar conta, que propúz, deſagradar, rejeitaráõ, como mais abſurda ainda a minha per-

tenção de fazer a inſtrucção unifórme, e abſoluta na prática, aſſim como na theoria. Bem ſei que o meu ſyſtema he muito novo, e oppoſto a todas as idéas recebidas (nos circulos da Capital principalmente) para que poſſa eſperar muitos do meu partido, entre aquelles que as compõe. Quando peguei na penna, bem conheci que era preciſo renunciar públicamente a verdade, ou crear poderoſos inimigos; porém o meu caracter ſempre deſintereſſado, e a minha profiſſão que me enſina a deſprezar o temor, me conduzem a ſeguir os principios de hum homem honrado quando eſcreve.

Tenho ſempre inſiſtido em que as noſſas Ordenanças devem prever, e ordenar tudo na conformidade deſte principio, que he a origem de toda a ordem, e juſtiça: as Eſcolas particulares dos Regimentos devem ſer ſubmettidas a Leis unifórmes, e invariaveis: vou pois a dar a idéa da

Diſ-

Diſciplina neſta parte; a qual ſe não for ſufficiente, moſtrará ao menos a poſſibilidade de eſtabelecer huma que ſeja perfeita. (*)

(*) As reflexões que faz brevemente o noſſo A. ſobre as Eſcolas particulares dos Regimentos, são fundadas ſobre principios da maior evidencia. Os melhores Regulamentos cheios de ſólidos principios de huma theoria illuminada; córpos compoſtos de Officiaes eſcolhidos, ſoldados vigoroſos, e cavallos excellentes, ſem a diſciplina, e prática contínua, não valerião couſa alguma. Os Officiaes perderião o uſo, e tacto das Evoluções, o habito de julgar das diſtancias, de pontos de direcção, de alinhamentos; perderião em fim com todos os conhecimento, aquelle dos ſeus ſoldados, e a actividade, e zelo com que devem empregar-ſe no ſerviço, que virião a aborrecer. Os ſoldados, ou nunca ſerião ſenão paiſanos, ou ſe farião taes brevemente. Os cavallos perderião o vigor, a actividade, e o ſerviço; porque prezos a maior parte do tempo, as ſuas forças diminuirião, quando ſe não arruinaſſem. A Cavalleria não póde, nem deve gozar dos meſmos largos ſemeſtres, que póde ter a Infanteria; e na Pruſſia aonde tem tambem (Beurlaubten, e Freywächter) ſoldados licenciados; he quaſi ſempre ſem cavallos, ficando os que eſtão no corpo, encarregados de dous ou tres, que paſſeão, e levão alternativamente ao ſe

ARTIGO II.

Obrigação dos Senhores Officiaes relativa á inſtrucção.

NInguem ſeria propoſto ao poſto de Alferes, que não tiveſſe ſido dous annos Cadete na Cavalleria da

---

viço, para os conſervar em folgo: os verdes alli são pouco tempo, e alternativos por Eſquadrão; os quaes lhe dá o Capitão, como no noſſo Paiz. Mas haja para eſtes tambem os Semeſtres, ainda que menores, e ſem cavallos: no reſto do tempo he preciſo que ſe exercitem, e muito; porque o habito de andar a cavallo, e a firmeza não ſe ganhão ſenão pelo contínuo exercicio; e perde-ſe facilmente aſſim que ſe abandona por algum tempo o montar. Porém como póde o ſoldado ſoffrer eſta ſeveridade de diſciplina, ſe vê o ſeu Official gozar da liberdade; quem o póde conſervar naquella, ſenão for o Official; como póde eſte conhecer os ſeus ſoldados eſtando auſente ſempre delles; como ha de amar o ſerviço, entrar nos ſeus miudos detalhes, ſujeitar-ſe ao ſevéro jugo da ſobordinação, ſenão eſtá habituado a iſto; ſe por mezes, e annos não trata nem ouve ſemelhantes materias, nem conhece ſuperior! Eſta Profiſsão requer hum eſtudo, e huma pratica contínua: e será o tempo de eſtu-

da Caſa Real, aonde teria aprendido a Equitação, e todos os detalhes de Manobras a pé, ou a Cavallo;

dar, e praticar aquelle em que auſente ſe diverte, ou cuida na lavoura dos ſeus bens? Veja-ſe na Monarchia Pruſſiana Livro 7 pag. 200 o cuidado com que Frederico os fazia attender à prática, e à theoria da ſua profiſsão, pelo meio de Officiaes Engenheiros, deſtinados para Meſtres em todas as Inſpecções. Lea-ſe o que diz o meſmo A., e muitos confirmão, na pag. 194 da meſma obra, aonde depois de notar que todos os Officiaes são obrigados a aſſiſtir a todos os exercicios; depois de dizer que eſtes são diários, e contínuos para tudo o que eſtá no corpo, e em que o Official figura como Actor, ou Eſpectador; continua „à celà „ſe joint un autre arrangement ſans lequel „le premier ne ſerait pas utile: c'eſt qu'il n'eſt „que très rarement permis aux Officiers de „s'éloigner de ſa garniſon. Tous les quatre „à cinq ans un congé de trois mois, voila „ce qu'on peut ſe flatter d'obtenir au ſervice „de Pruſſe. Ainſi un Officier ne voit que ſa „compagnie, ſon corps, ſa gariniſon, & ne „ſonge qu'à des exercices, à des evolutions „militaires. L'habitude journaliere inculqueraît au ſens le plus obtus des choſes auſſi „ſimples. Le tact ſe forme; la moindre faute „frappe, &c. On veut que tout ce que de„pend de l'Officier ſoit exécuté avec la même „perfection que les mouvemens du ſimple ſol-

lo ; por cujo meio nunca hum Official ſe acharia no caſo de paſſar a hum Regimento , ſem eſtar em eſtado de com-

„ dat & cela de puis le commandant juſqu'au „ enſeigne. L'Officier qui manque eſt envoyé „ aux arrets ſans rémiſſion ; & ſi ſes fautes „ étaient fréquentes on lui ferait quitter le ſer- „ vice. „ São , pois , ou não importantes eſtes objectos , que merecião a extrema attenção de hum Frederico ? Não são elles por ventura a baſe da Tactica elementar ? Pódem acaſo adquirir-ſe fóra dos córpos ? Deixem , pois , de tratar como ſuperficial , como de bagatella , eſta aſſiſtencia os Officiaes indolentes que não julgão merecimento ſer effectivo nos córpos : ſe o ſerviço que neſtes ſe faz não he util , nem como deve ſer , attribuão a ſi em parte eſta falta. Nós diſpozemo-nos (meſmo a riſco de nos arguirem) quando eſcrevêmos , a dizer a verdade ; a pezar de que ſeja amarga , não eſconderemos os defeitos de abuſo que pódem haver e ſuſtentaremos que eſſes Officiaes não pódem ſer uteis , nem conhecer a ſua profiſsão ; e ſe nos enganamos , os noſſos erros são os de Frederico ; que com tudo foi o que levou a ſua Trópa ao maior grão de perfeição. Em fim eſta Profiſsão traz comſigo os meſmos encargos que as outras , e ſe o Rei nos paga he para o ſervirmos , e não para trazermos ſómente huma farda aos hombros. Os noſſos Leitores , a quem não deſagradar a noſſa liberdade , e que quizerem yêr quanto são bem fundadas as noſſas ra-

commandar os homens que ſe lhe confião.

Se a pezar deſte noviciado che-

gaſ-

zões, leião o Livro 7. da Monarchia Pruſſiana, aonde verão o modo, por que aquelle grande Rei educou, e diſciplinou o ſeu Exercito: Leião o Capitulo do Militaire nas ſuas obras poſthumas, e o III. Tomo da ſua vida, aonde trata do Exercito. Alli todos ſervião igualmente; desde o filho do Principe, que foi ſubalterno, até o ultimo Official, pag. 174. Eſta neceſſidade pois he abſoluta, e por tanto muito neceſſario que eſtes exercicios nos córpos ſejão variados, não ſó em beneficio da ſua inſtrucção, mas para livrar tambem os ſeus individuos de deſgoſto da monotonia; he neceſſario que em todas as Eſtações ſe trabalhe naquillo que ellas permittem, attendendo ſempre á perfeição, e não a cançar a attenção pela muita demora. Os cavallos quando não poſsão trabalhar, ou que não haja, como deve, Picadeiros cubertos, ſejão ao menos paſſeados; e para iſto hum dia, ou outro, ſempre ha duas horas de bom tempo. Finalmente os Officiaes como em Pruſſia, devem ſer deſtinados a exercitar as ſuas Companhias uniformemente, mas ſem interrupção: álem das Eſcolas Regimentaes que deve haver, e ſem as quaes he impoſſivel ter hum Regimento em diſciplina. O noſſo A. as aponta; e aſſim não diremos mais ſobre eſte objecto. Inſiſtiremos em que não ſeja livre aos Commandantes alterarem as ordens do Regulamento, e

gaſſe hum Alferes que não foſſe ſufficientemente inſtruido em principios de Equitação, exercicios, e evoluções daquella Arma em que entraſſe; trabalharia nas ſegundas claſſes do ſeu Regimento, até que o Coronel julgaſſe eſte Official capaz de commandar Trópa. Neſtes primeiros momentos he que ſe deve ſer extremamente rigoroſo, e ſempre penſei que erão os unicos, em que podia inſtruir-ſe perfeitamente hum Official.

Não ha couſa tão facil como conſervar depois eſta inſtrucção: baſta pôr o Official nas circunſtancias de a dar; e para eſte fim cada hum commandaria a ſua Companhia de tempos em tempos; ou meſmo as claſſes de inſtrucção. Eſta prática hé ſem dúvida ſuperior ás theorías, cuja formula de perguntas, e reſpoſtas, he a dos cateciſmos da Aldeia, e nunca póde ſer

a

---

deſviarem-ſe dos ſeus principios; uniformidade neceſſaria: o contrario he erro de muito perniciosas conſequencias.

a de hum homem de guerra: eis-aqui porque vêmos muitos Officiaes repetir literalmente o Regulamento, enganarem-ſe, e até perder o acordo quando he preciſo pô-lo em prática no campo.

O Major, que ſegundo os noſſos principios, deve ſer ſempre hum Official eſcolhido, e diſtincto pelos ſeus talentos, e conhecimento do ſeu officio, ſerá encarregado eſpecialmente de attender a todos os detalhes de inſtrucção, e rectificar os principios, e methodos de todos os Officiaes, e Officiaes inferiores que fizerem as funções de Meſtres.

Formar-ſe-ha pois huma claſſe de todos os Officiaes que não eſtiverem ſufficientemente inſtruidos na Arte de montar a cavallo: ſe houver Capitães neſta claſſe, o Major ſerá quem os exercite: ſe for compoſta de Tenentes, e Alferes, poderá exercitá-los hum Capitão eſcolhido entre os que tiverem mais reconhecidos talentos;

po-

porém obſervar-ſe-hia rigoroſamente, que nenhum official de inferior patente, commandaſſe, ou inſtruiſſe outro que lhe foſſe ſuperior. (*)

AR-

(*) Já na primeira Parte nos demorámos ſufficientemente na neceſſidade de que tem os Officiaes de prévios conhecimentos, antes de ſerem promovidos; os quaes não são ſó os de poderem ſaber enſinar o Manejo a huma Recruta; (o que elle deve poder fazer, mas não julgar-ſe por iſſo capaz) porém ſim dos Elementos da Tactica, e Fortificação, dependentes de alguns Elementos Mathematicos; os da Equitação por theoria, e prática; e finalmente (para me não repetir) he neceſſario que tendo ainda eſtes conhecimentos, tenha hum tempo de Noviciado (como diz bem o noſſo A.) no corpo a que ſe deſtinou. Já tratámos dos meios da continuação da ſua inſtrucção, e prática, para julgar-ſe depois por ella do ſeu merecimento, a fim de ſer promovido: aquelle porém que não eſtiver inſtruido, deve ter no Regimento a ſua Eſcóla; e ſe iſto não baſta he larga-lo, que o Soberano nada perde nelle.

ARTIGO III.

Inſtrucções das Recrutas.

AS Recrutas ſerão enſinadas todos os dias, duas horas de manhã a cavallo, e huma a pé de tarde.

Devendo ſer os Capitães os que reſpondão ſó da inſtrucção das ſuas Recrutas, devem eſcolher nas ſuas companhias hum número de Officiaes, ou Officiaes inferiores ſufficiente para enſiná-las a pé. (*)

Os

(*) A primeira Eſcóla he ſem dúvida a das Recrutas, e a ſua primeira educação pertence ao Capitão da Companhia, pois que della reſponde. Eſte he que deve aſſiſtir ao ſeu enſino, e commette-lo ſó a hum Official inferior, ou Cadete; ainda que eſtes ſendo aſſim os mais capazes, e eſcolhidos, poſsão ſer ſeus Ajudantes, e Inſtruidores na ſua preſença; mas quanto para enſinar-lhes os primeiros Elementos da Equitação, deve ſer eſcolhido no total do Regimento: o Official mais habil, e capaz, como já diſſemos, ou hum Picador official, no caſo de have-lo, he que deve enſinar-lhos.

Recapitularemos aqui as Eſcólas que o noſſo A. manda eſtabelecer para as Recrutas: duas

Os principios elementares da marcha, e alinhamentos, são os meſmos da Infanteria : não me demorarei

---

para o enſino a pé, e duas para o de cavallo. 1. Principios de alinhamento, e manejo a pé, que ſerão enſinados pelos Officiaes que o Capitão nomear na ſua preſença : na ſegunda aprenderáõ a marcha em pelotões, manejo, atirar, e os principios das Evoluções, que depois hão de executar a cavallo, commandada por hum Official ſubalterno dos melhores do Regimento. Na primeira de cavallo, o Picador, ou Official mais habil com vários Ajudantes, enſinaráõ ás Recrutas os principios da Equitação ; na ſegunda os principios de Evoluções ; commandada por hum Capitão com vários Ajudantes, todos Officiaes os mais capazes, eſcolhidos pelo Major.

Eis-aqui o verdadeiro methodo, e o melhor ſem dúvida para educar hum Regimento. O enſino dos principios he dividido em claſſes, para não terem confuſão nelles ; e os Officiaes mais habeis, são os Inſtructores das Recrutas. Aſſim ſe conſervará a uniformidade ; e pelo meio dos Ajudantes haverá depois ſubſtitutos capazes áquelles : os mais Officiaes como Actores, ou como Eſpectadores ſe formaráõ alli ; e adquiriráõ aquelle tacto juſto que devem ter. Sem principios fixos os ſoldados ſó pódem ter huma Rotina muito cega, que lhe eſquecerá facilmente, e os ſeus movimentos ſerão meſmo ao accaſo : não ſerá aſſim quando os

rei nelles, assim como nas pequenas variações que se achão entre o manejo da Arma, e da Clavina, porque

tiverem, então se notará a uniformidade, então não será facil esquecerem; e quando succedesse promptamente os tornarião a recordar: mas sem Escólas, sem esta divisão dellas, nunca os haverá, nem o Regimento poderá chegar á perfeição. Poderá á força de muito trabalho vir a adquirir hum certo habito, e união, que illudirá; mas esta illusão cahirá á vista de hum Official habil, que saberá logo distinguir o que nasce de hum assiduo trabalho, ou deste bem repartido ainda que menor, dirigido por verdadeiros principios. Esta attenta observancia, e applicação ás mais pequenas cousas, e elementos nos principios só póde julgar-se inutil por quem não conhece a Tactica: mas veja-se o que diz o Marechal de Saxe, e El-Rei de Prussia. Este apparecendo em hum campo de Stargard, o Regimento de Dragões de Barchuth (que na batalha de Hohenfriedberg tomou 76 bandeiras, e 2$ prisioneiros, merecendo hum diploma da mesma mão do Rei) menos bem disciplinado do que os outros, depois de reprehende-lo, mandou-o continuar os seus exercicios por tres mezes. O Regimento de Nassauusingen apparecendo em Magdeburgo da mesma fórma, recebeo huma igual ordem, e mandou-lhe outro Major. O merecimento, os titulos, os grandes serviços, a antiguidade (diz Mr. de Lavaux) não servião nunca de desculpa á igno-

Os principios elementares da marcha, e alinhamentos, são os meſmos da Infanteria : não me demorarei

---

para o enſino a pé, e duas para o de cavallo. 1. Principios de alinhamento, e manejo a pé, que ſerão enſinados pelos Officiaes que o Capitão nomear na ſua preſença : na ſegunda aprenderáõ a marcha em pelotões, manejo, atirar, e os principios das Evoluções, que depois hão de executar a cavallo, commandada por hum Official ſubalterno dos melhores do Regimento. Na primeira de cavallo, o Picador, ou Official mais habil com vários Ajudantes, enſinaráõ ás Recrutas os principios da Equitação ; na ſegunda os principios de Evoluções ; commandada por hum Capitão com vários Ajudantes, todos Officiaes os mais capazes, eſcolhidos pelo Major.

Eis-aqui o verdadeiro methodo, e o melhor ſem dúvida para educar hum Regimento. O enſino dos principios he dividido em claſſes, para não terem confuſão nelles ; e os Officiaes mais habeis, são os Inſtructores das Recrutas. Aſſim ſe conſervará a uniformidade ; e pelo meio dos Ajudantes haverá depois ſubſtituros capazes áquelles : os mais Officiaes como Actores, ou como Eſpectadores ſe formaráõ alli ; e adquiriráõ aquelle tacto juſto que devem ter. Sem principios fixos os ſoldados ſó pódem ter huma Rotina muito céga, que lhe eſquecerá facilmente, e os ſeus movimentos ſerão meſmo ao accaſo : não ſerá aſſim quando os

rei nelles, aſſim como nas pequenas variações que ſe achão entre o manejo da Arma, e da Clavina, porque

tiverem, então ſe notará a uniformidade, então não ſerá facil eſquecerem; e quando ſuccedeſſe promptamente os tornarião a recordar: mas ſem Eſcólas, ſem eſta divisão dellas, nunca os haverá, nem o Regimento poderá chegar á perfeição. Poderá á força de muito trabalho vir a adquirir hum certo habito, e união, que illudirá; mas eſta illuſão cahirá á viſta de hum Official habil, que ſaberá logo diſtinguir o que naſce de hum aſſiduo trabalho, ou deſte bem repartido ainda que menor, dirigido por verdadeiros principios. Eſta attenta obſervancia, e applicação ás mais pequenas couſas, e elementos nos principios ſó póde julgar-ſe inutil por quem não conhece a Tactica: mas veja-ſe o que diz o Marechal de Saxe, e El-Rei de Pruſſia. Eſte apparecendo em hum campo de Stargard, o Regimento de Dragões de Barchuth (que na batalha de Hohenfriedberg tomou 76 bandeiras, e 28 priſioneiros, merecendo hum diploma da meſma mão do Rei) menos bem diſciplinado do que os outros, depois de reprehende-lo, mandou-o continuar os ſeus exercicios por tres mezes. O Regimento de Naſſauuſingen apparecendo em Magdeburgo da meſma fórma, recebeo huma igual ordem, e mandou-lhe outro Major. O merecimento, os titulos, os grandes ſerviços, a antiguidade (diz Mr. de Lavaux) não ſervião nunca de deſculpa á igno-

que não pertendo fazer huma Ordenança completa ; mas ſómente moſtrar os principios que os compoſitores deſtas obras nunca devem perder de viſta.

O Major nomeará no total do Regimento hum Official , e diverſos officiaes inferiores , para dar as primeiras lições da Equitação , confórme os principios que temos dado no Capitulo precedente. Não deve recear-ſe multiplicar o número deſtes Inſtructores , quando eſtiverem eſtabelecidos inalteravelmente os meſmos principios : ao contrario os progreſſos ſerão ſempre accelerados em razão da multiplicidade das lições , e por conſequencia dos Meſtres.

Na Eſcola de cavallo , as Recrutas nunca montaráõ ſenão cavallos já enſinados ; e quando os não tiverem

rancia , ou negligencia. Só a extrema ſeveridade neſta parte , he que póde conſervar a diſciplina em hum exercito , e impedir a relaxação a que todo elle , qualquer que ſeja , tende.

rem ſe lhe apromptaráõ dos que vão ao Eſquadrão. (*)

Haverá hum cavallo de páo, no qual ſe exercitaráõ as Recrutas a ſaltar ligeiramente na ſella : he mais hum meio de ter Cavalleiros ligeiros, e deſembaraçados.

ARTIGO IV.

Segunda Claſſe a pé.

NAs Companhias ſe eſtabelecerá huma ſegunda Claſſe a pé, que ſerá ſempre commandada por hum Official, Tenente, ou Alferes alternativamente. Eſte ſerviço ſe fará por ſemana, e ás meſmas horas que as Re-

(*) Daqui ſe vê que o noſſo A. julga (e com razão) que cada ſoldado deve tratar ſempre do ſeu primeiro cavallo, que ſe lhe deo ; excepto no caſo que aqui aponta : e he evidente quanto he juſta, e neceſſaria eſta obſervação, para a melhor conſervação do cavallo, ao qual o ſoldado aſſim cria amor, e trata quaſi como ſeu.

Recrutas; iſto he, huma hora todas as tardes: as Recrutas paſſaráõ para eſta Claſſe, á medida que eſtiverem ſufficientemente inſtruidas dos principios elementares.

Os ſoldados da ſegunda Claſſe ſe poſtaráõ em duas fileiras, e formados pelos meſmos principios do Eſquadrão: ſerão exercitados ao manejo da clavina a atirar, e ás manobras: eſtas devem ſer as meſmas que a cavallo, e as meſmas vozes, e principios: as diſtancias das fileiras he ſómente que varião nos eſpaços, que devem ſer proporcionados aos individuos que as fórmão.

ARTIGO V.

Segunda Claſſe a cavallo.

IGualmente ſe eſtabelecerá no total do Regimento huma ſegunda Claſſe a cavallo, commandada por hum Official, Capitão, ou Subalterno, eſ-

co-

colhido pelo Manjor entre os Officiaes que tiverem mais conhecimentos dos principios de Equitação, e Manobras. Eſte Official eſcolherá os ſeus Ajudantes entre os Tenentes, ou officiaes inferiores. A eſta Claſſe ſe faráõ paſſar as Recrutas quando eſtiverem ſufficientemente inſtruidas nos principios de Equitação; e alli cada Cavalleiro montará no ſeu cavallo, a menos que eſte não eſteja ainda na Claſſe dos novos de que fallámos atraz. Os Cavalleiros ſeráõ póſtos em duas fileiras, e formados pelos meſmos principios do Eſquadrão.

Eſtando em hum Picadeiro, o trabalho ſe dividirá em duas, tres, ou quatro lições, ſegundo o número dos Cavalleiros: na primeira ſe marchará ſómente a paſſo, para rectificar a poſição do Cavalleiro, o qual terá a eſpada na mão; enſinando-lhe os meios de ter o ſeu cavallo perfeitamente direito, e de tal modo perfilado com o ſeu Chéfe de fila, que

ſuppoſta huma linha recta na cabeça do cavallo da frente, eſta vá ſahir á cauda do cavallo da rectaguarda, guardando entre cada fileira a diſtancia de hum pé, medido da cabeça deſte a cauda do cavallo do Chéfe de fila.

Segunda Lição.

NEsta ſe marchará a dous, e a quatro, paſſando ſucceſſivamente a columna ás marchas de paſſo a trote, de trote a paſſo, deſte á parada, e da parada a paſſo, &c.: e iſto cortando o Picadeiro em todos os ſentidos; iſto he, fazendo frentes da columna á direita, eſquerda, oitavos á direita, e eſquerda, guardando perfeitamente cada Cavalleiro a ſua diſtancia, e direcção.

Terceira Lição.

AQui marcharáõ por quatro a trote, e eſta Eſcóla ſerá menos interrompida nas marchas, do que as precedentes, para habituar os Cavalleiros ao gráo de alongamento que eſta marcha deve ter: no principio porão na primeira fileira os Ajudantes inſtructores, para determinar a velocidade que deve ter eſta marcha. Marchando a quatro, ſe explicará aos Cavalleiros o que devem obſervar quando fazem conversões: o que ſerve de eixo da primeira fileira deve deſcrever hum quarto de circulo de quaſi quatro paſſos, ſem diminuir a marcha; os outros tres Cavalleiros devem ſeguilo augmentando a ſua, e tocando ſempre o joelho do camarada do lado do eixo: o eixo de cada huma das fileiras que ſe ſeguem, não deve nunca perder de viſta o ſeu Chéfe de fila, a fim de conſervar

ſempre o cavallo na meſma direcção ; e o reſto da fileira deve obſervar os meſmos principios da primeira. No fim de cada lição deſtas, deve formar ſe por hum *em frente* quarto á direita , *ou* eſquerda em batalha ; mudar de frente ſobre a vanguarda , ou rectaguarda , para enſinar aos diſcipulos a perfilar-ſe promptamente.

Quarta Lição.

ESTando no Picadeiro , o objecto deſta lição ſerá exercitá los em quartos de converſões á direita , e á eſquerda , meias converſões ſobre hum , e outro lado por ſecções ; (iſto he por oito filas) e nos movimentos para combater a pé.

Cada ſecção em particular converſionará , a fim de poder explicar-ſe a cada Cavalleiro o que tem a fazer para executar eſte movimento com exactidão , relativamente ao lugar que occupa. Eſtando huma ſecção a pé fir-

firme, e bem alinhada, ſupponhâmos que ſe lhe manda fazer *meia converſão á direita*; o Cavalleiro da direita deve ſervir de eixo; iſto he, voltar ſobre ſi meſmo como a ponta de hum compaſſo, que fica no centro do circulo; entre tanto que a outra op ra a revolução que ſe lhe ordena. Na Infanteria o eixo he realmente hum ponto, que he o calcanhar eſquerdo do ſoldado, que ſenão muda antes de acabar a converſão; e iſto dá huma grande certeza á exactidão geometrica dos movimentoa circulares; eis-aqui porque os encaixes, e deslocamentos deſtas ſecções, são ſempre ſeguros, e faceis: na Cavalleria não he aſſim, e devem notar-ſe muito eſſencialmente eſtas differenças de principios; porque da regularidade deſtas converſões, depende a exactidão, e facilidade das manobras: O eixo em lugar de ſer hum ponto, he huma linha de perto de nove pés de comprido, e he muito mais diffi-

cil

ta, para determinar as eſpáduas, e fechando a perna direita para lançar a ança á eſquerda. Eſte movimento do Cavalleiro que ſerve de eixo, deve ſer muito vagaroſo, a fim de não o acabar, ſenão quando o Cavalleiro do lado que ſe move tiver acabado de deſcrever o arco de circulo que ſe lhe preſcrevêo. Bem ſe vê que a conversão de huma fileira he compoſta de tantos circulos concentricos, ou parallélos, quantos são os Cavalleiros que a compõe; e que eſtes meſmos devendo todos achar-ſe ſempre alinhados ſobre o raio, são por conſequencia obrigados a marcharem unidos; cuja marcha deve tanto mais diminuir-ſe quanto mais perto eſtiver o Cavalleiro do eixo. O Cavalleiro do lado que ſe move, deve ter huma marcha livre, e deciſiva: o ſegundo como tem hum circulo menor a deſcrever, deve ter huma marcha menor que o primeiro: o terceiro menor que o ſegundo: o quarto menor

nor que o terceiro, &c.: progreſsão que deve guardar-ſe exactamente até ao que ſerve de eixo. Como todos os Cavalleiros devem regular a ſua marcha pela do Cavalleiro do lado que ſe move, devem olhar para a eſquerda quando a conversão he á direita; e á direita quando ſe faz á eſquerda. Acontece muitas vezes que o lado que ſe move, abre, ou aperta ſobre o lado do eixo, o que tem dado lugar a hum principio falſo, que muitas vezes tenho ouvido dar a Officiaes de Cavalleria, que querem que o lado que ſe move deva principiar a fazê-lo perpendicularmente, e não unir para o eixo, ſenão quando tiver feito as tres partes do ſeu movimento: iſto he hum erro, cada Cavalleiro tem ſó huma linha circular a deſcrever, e não póde tomar a tangente do ſeu circulo, ſem abrir-ſe, ou apartar-ſe mais, ou menos do eixo. A unica régra invariavel que temos a obſervar, he habituar-ſe o Cavalleiro

valleiro a tocar, ou ſentir contínuamente o joelho do camarada do lado do eixo; iſto he, do Cavalleiro da direita, quando ſe faz á direita; e o da eſquerda quando ſe faz á eſquerda; e quando pelo habito ſe tiver adquirido eſta igualdade de toque, veremos não abrirem muito, nem carregarem ao centro, nas marchas directas, ou circulares. Deve notarſe aqui que em todos os caſos, o Cavalleiro nunca póde conſervar eſte toque ſenão de hum lado ſómente.

Pelo que reſpeita á conſervação de alinhamento do raio, nos movimentos circulares, he preciſo empregar os principios geraes; iſto he, tomar hum número de Cavalleiros do lado que ſe move, e ſervir ſe deſta baſe, como de dous pontos reguladores para olhar ſempre ao lado pião: conſequentemente o Meſtre deve pôr ſe ſempre no lado que ſe move para julgar bem dos defeitos do alinhamento, durante o tem-

po

po da evolução ; porque do lado do eixo não teria baſe , dirigiria a ſua viſta ao acaſo , e até faria errar os ſoldados , como ſuccede muitás vezes aos Officiaes que não conhecem bem a fundo a theoría dos pontos de viſta.

O movimento da ſegunda fileira he mais complicado , porque os Cavalleiros que ſe achão mais perto do eixo , tem a correr hum eſpaço maior , que os ſeus Chéfes de fila ; e para tomar a direcção da línha circular que devem deſcrever , são obrigados a determinar as eſpáduas dos ſeus cavallos á eſquerda , por hum movimento muito mais prompto : para iſto á voz de *marcha* devem levar a mão á eſquerda , e apertar a perna direita , para deixar o ſeu Chéfe de fila , e chegar , ganhando ſempre terreno ſobre a frente , até ao terceiro Chéfe de fila da ſua eſquerda. Os Cavalleiros do lado que ſe move , tambem não devem recear perder os

ſeus

ſeus Chéfes de fila carregando á eſquerda; porém devem deixá los ſó proporcionalmente á preſsão, e toque que lhe faz o ſeu camarada da direita, e á medida que ſe for acabando a conversão; pois para conſervar o meſmo toque neceſſariamente hão de tornar ao ſeu Chéfe de fila. He muito eſſencial que eſte movimento da ſegunda fileira ſeja bem executado, porque depende delle a exactidão dos encaixes, (*) muito mais neceſſaria no meu ſyſtema de manobras, do que em qualquer outro; pois que os movimentos por ſecção, são os meios geraes de dôbros, e desdôbros.

A ſegunda claſſe ſerá ſempre exercitada aſſim como ſe acaba de dizer, quando trabalhar em hum Picadeiro, ou qualquer outro eſpaço fechado, e por conſequencia muito cir-

(*) Tomamos encaixes por *emboitemens*; porque não tem hum termo adoptado em Portuguez para explica-lo: quando a linguagem de qualquer Sciencia, ou Arte não he completa, he hum ſignal da ſua infancia.

circunſcripto ; porém duas vezes por ſemana ſe fará ſahir ao campo para exercitá-la nas conversões ſucceſſivas das columnas , nas direcções dos eixos ; e em fim na marcha de galópe , a qual os Cavalleiros ainda não conheceráõ , ſenão marchando a hum no fim da ſua primeira inſtrucção na claſſe das Recrutas.

Quando na mudança de direcções de huma columna , as trópas que a compõe são obrigadas a fazer conversões ſucceſſivamente ; ſe os eixos ficão immoveis , a columna retardará a ſua marcha , e perderá as ſuas diſtancias , porque cada divisão da columna em cada trópa della , chegaria ao lugar em que deveria fazer a conversão , antes que o eixo da precedente tiveſſe deſembaraçado aquelle terreno marchando em frente : aſſim para evitar eſte inconveniente , imaginou-ſe fazer a velocidade do lado que ſe move dupla da que levava : mas o que era ſufficiente marchando

a paſſo, ou tróte, não o era a galópe, em que ſenão póde duplicar a velocidade; e neſſe caſo ſubſiſtia o meſmo inconveniente. Julgou-ſe pois mais ſimples fazer executar as conversões ſucceſſivas, a eixo movel; iſto he, fazer deſcrever ao meſmo eixo hum quarto de circulo, quaſi de quatro paſſos: por eſte meio a trópa que ſegue a que faz a conversão, póde principiar a fazer a ſua, ſem encontrar o eixo da precedente. Eſte meio ainda que muito ſimples, ignorou-ſe muito tempo: dêo hum A., e abraçou-ſe: os Compiladores das noſſas Ordenanças ſervírão-ſe delle, mas ſem reflexão; porque deixárão perſiſtir o máo meio de duplicar o gráo de velocidade do lado movel. Baſta que o eixo deſcreva hum arco de circulo de quatro paſſos, para cada trópa poder fazer a conversão ſucceſſivamente, á medida que vai chegando ao angulo da nova direcção: porque. Supponhâmos huma columna de companhias,

de

de 24 paſſos de frente, e por conſequencia de 24 paſſos de diſtancia entre ſi: o lado movel da que fizer a conversão, terá ſem dúvida 36 paſſos (*) a correr para executar o quarto de conversão; porém a divisão ſeguinte não póde chegar ſobre o eixo da que a precede, ſenão quando eſta tiver já marchado 24 paſſos, e o meſmo eixo tres, do lugar em que principiou a voltar: por conſequencia o movimento da ſegunda não póde ſer interrompido pelo da primeira; porque o ſeu eixo não póde deſcrever mais que os tres paſſos do arco do circulo, em quanto o lado movel deſcreve os 24, e a eſte tempo já a companhia que lhe precede, tem acabado a ſua conversão, e dado mais 12 paſſos na nova direcção. Baſta pois que os eixos marchem, para que as conversões ſucceſſivas não poſsão re-

tar-

(*) Ainda que o raio a vem ſer de $25\frac{1}{7}$; com tudo a pequena differença que vai de 36 a $37\frac{2}{7}$ não he attendivel para fazer vêr o exemplo.

tardar-ſe, nem alterarem-ſe os intervallos de todas as divisões da columna. Depois do referido, devem exercitar-ſe os lados moveis a conſervar exactamente as meſmas marchas. (*)

Os

(*) Eſtes são os verdadeiros principios para ſe fazerem as conversões; os quaes recopilaremos aqui. Os ſoldados da primeira fileira devem ajudar os ſeus cavallos como em circulo, olharem, e perfilarem-ſe pelo lado que ſe move, ſentirem o toque de joelho da parte do pião ſem o perderem nunca, e demorarem gradualmente a ſua marcha do lado que ſe move para o pião. Quando nas marchas em columna as divisões converſionão ſucceſſivamente ſobre novas direcções, o pião fará huma porção do circulo de 4 paſſos nos quartos de conversão, e 10 nas meias conversões. A fileira da réćta-guarda deve obrigar os cavallos para o lado oppoſto aquelle para onde ſe faz a conversão, levando com tudo os cavallos ſempre em frente, para não deſunirem as duas fileiras muito do lado que ſe move, como ſuccede pela maior parte: digo que ſe devem obrigar; porque as ajuadas que derem aos cavallos, devem ſer aquellas do paſſo de conversão, como diz o noſſo A.; mas como he neceſſario que elles ſaião para fóra da fileira, á medida que o ſoldado pião da réćta-guarda he obrigado a ſeguir o ſeu Chéfe de fila, elles ſahirão tanto fóra da

Os Cavalleiros devem exercitar-ſe tambem a conſervar exactamente a direcção dos eixos; e para iſto romper-ſe-ha, e tornar ſe-ha a formar muitas vezes o Eſquadrão, ora á direita, ora á eſquerda. Igualmente devem exercitar ſe a marchar a galópe; primeiro em columna por ſecção,

fileira, quanto o toque, e impulsão que receber daquella parte os obrigar; o que ſerá duas até tres filas fóra do lado movente, tornando a ganhar o meſmo no fim da conversão. Eſta porção de circulo que deſcreve o pião movel, faz deſneceſſario o recurſo de augmentar a marcha que o corpo trazia, mas no caſo de querer metter-ſe em batalha, ſobre qualquer dos lados que lhe formais vantajoſo, por cauſa do alinhamento, ſem que o pião deſcreva aquella porção de circulo na conversão; ſerá neceſſario em grandes frentes augmentar a velocidade do lado que ſe move; a que com tudo raras vezes póde ſucceder pelos noſſos principios: porém no caſo de ir a columna a galópe, então he neceſſario que o pião ſe mova; porque não ha meio de augmentar a velocidade que baſte. O Meſtre deve poſtar-ſe do lado que ſe move, para julgar do alinhamento. A obſervancia deſtes principios, com o habito, e prática delles, he que lhes dará a exacção preciſa, tendo eſta prática em diverſos terrenos para ſer util.

depois em Eſquadrão desdobrado, obſervando fazer-lhe regular, e determinar eſta marcha, a hum galópe ſolto ſem abandonar-ſe; porque he preciſo ſempre a todo o Cavalleiro eſtar ſenhor do ſeu cavallo, e ſó nos ultimos ſincoenta paſſos de hum ataque he que devem abandonar-ſe a eſta velocidade extrema, na qual já lhe não ſeja poſſivel deter o cavallo ſem principiar a diminui la em outros ſincoenta paſſos. Se a inſtrucção das Recrutas tiver ſido bem conduzida com regularidade, e contínuo trabalho da ſegunda claſſe, affirmo que baſtaráõ ſeis mezes para pôr hum Cavalleiro em eſtado de entrar no Eſquadrão, e occupar nelle o lugar que quizerem. Ao Commandante deſta claſſe he que pertence mandar para as Recrutas aquelles Cavalleiros que conhecer faltos de Elementos da Arte de montar a cavallo; e propôr ao Major aquelles que julgar capazes de paſſarem á primeira claſſe.

ARTIGO VI.

Primeira Claſſe.

EM quanto o homem, e o cavallo, ſeparados, e unidos hum, e outro não eſtiverem ſufficientemente inſtruidos, devem andar na Eſcóla; e ſó depois de hum exame ſevéro he que devem receber-ſe na primeira Claſſe. Os Chefes dos córpos, que não obſervão eſte rigoriſmo na ordem do trabalho, são contínuamente obrigados a tornar a p r todo o Regimento em Eſcólas; vindo aſſim a ſofrer tanto o homem inſtruido, como o ignorante; pelo que ſe deſgoſta, e toma aversão ao officio, vendo ſe ſempre ſujeito ao enſino nas Recrutas; e eis-aqui tambem huma conſequencia infallivel de todas as novas Ordenanças que ſe promulgão. Em geral todos os Coroneis ſe comprazem demaſiadamente na ſatisfação de moſtrar, e comman-

dar grandes Eſquadrões; e para conſeguir lo accelérão os meios, acceitão todos os homens, e não dão tempo para (como dizemos) desbaſtar, deſembaraçar, e enſinar os cavallos de remonta. A primeira Claſſe de que eu fallo, não deve compr-ſe ſenão de homens, e cavallos inſtruidos, e enſinados; e quando huma vez o eſtiverem, baſta exercitá-los para os conſervar ſempre aſſim.

Eſta Claſſe deve montar a cavallo tres vezes cada ſemana: no inverno, quando o tempo não o permitte, nos Picadeiros, e no tempo bom ſempre no campo.

Nos Picadeiros cada Eſquadrão ſerá commandado por ſeu Chéfe, aonde ſe marchará a hum, a dous, e a quatro, á direita, e á eſquerda; a paſſo, e trote, ſempre com a eſpada na mão, acabando mettendo-ſe em batalha: exercitando-ſe além diſto os Dragões a apear-ſe para combater a pé. Quando no meſmo inver-

verno o tempo o permittir, ſahirão ao campo, ainda quando não foſſe ſenão nas eſtradas; e cada Commandante commandará o ſeu eſquadrão, fazendo o marchar em columna por ſecção, companhia, e pelotão; a paſſo, a tróte, e a galópe, fazendo-lhe executar muitas meias voltas á direita, e á eſquerda, e voltar ſobre a rectaguarda eſtando em columna, &c.

Duas vezes cada mez o Commandante do Regimento, juntará os eſquadrões para elle meſmo o commandar a todos juntos, e fazer lhe executar o meſmo que acabámos de preſcrever. O trabalho do inverno principiará no primeiro de Novembro, e acabará ſó no primeiro de Agoſto; porém no mez de Julho tudo eſtará em deſcanço; ſómente ſe montaráõ os cavallos em pélo para os paſſear duas vezes por ſemana, nas horas em que o permittírem os calores, ordinariamente exceſſivos: No

mez

mez de Agoſto ſómente he que as campinas eſtão deſoccupadas para poder manobrar-ſe em grande.

Então abandonando as planices, e tudo o que for terreno circunſcripto, em que pizavamos, e repizavamos ſem ceſſar, volteando ſem objecto; e a cujo enfadonho exercicio a eſtação nos obrigou por eſpaço de oito mezes; he neceſſario que empreguemos melhor os outros tres: neſtes exercicios ſerão *marchas militares* atraveſſando o Paiz, já aproveitando-nos da ſua variedade, para executar manobras relativas ás circumſtancias, ou já ſuppondo as que pódem fazer-ſe a apparição do inimigo, deſte, ou daquelle lado: alli formaráõ o golpe de viſta os Officiaes ſuperiores, e daráõ aos Officiaes particulares o conhecimento da ſua Arma, e aos ſoldados a confiança do que pódem intentar, e fazer com os ſeus cavallos; os quaes ſe faráõ deſte modo mais ageis, ſeguros, e vigo-

gorosos, marchando sobre codos os terrenos, e vencendo obstaculos de toda a qualidade.

O tempo empregado ordinariamente nestes exercicios deve ser tres horas, algumas vezes com tudo duraráõ seis; porém na semana em que isto succeder huma vez, haverá só dous dias de manobras. He penoso ser obrigado a acreditar a indispensavel necessidade destes calculos, para a conservação, e trote dos nossos cavallos; porém a experiencia prova com tudo, que não podemos com justiça apartar-nos delles, em quanto tivermos tão fracas remontas, e em quanto não nos emendarmos da funesta preoccupação de não poder servir-nos de cavallos inteiros para a guerra.

Durante o trabalho do inverno, o soldado de cavallo se exercitará a atirar com pistóla, huma vez cada semana; e para isto no dia em que se montar a cavallo, se acabará a lição desfilando duas vezes por diante

do

do alvo, poſto á diſtancia de 10, ou 15 paſſos do flanco direito da columna.

Os Dragões da primeira Claſſe ſeráõ, além diſto, exercitados a atirar a pé á *Cyba* (*), huma vez cada ſemana. (**)

Os

(*) Eſte alvo chamado cyba, he da altura, e largura de hum homem.

(**) Chegámos áquella claſſe que já he capaz de entrar no Eſquadrão, e corpo do Regimento, e em que devem ſer ſó inſtruidos aquelles que ſe acharão capazes nas primeiras Eſcólas. Aqui já não he a inſtrucção ſó para o ſoldado, mas tambem para o Official que manobrando, e commandando, ſe aperfeiçôa, e adquire o golpe de viſta prompto, a prática dos ſeus principios theoricos, e o tacto neceſſario. Os Eſquadrões ora hão de trabalhar divididos commandados pelos ſeus Chéfes, nas evoleções que o noſſo A. diz, hora juntos em Regimento, e commandados pelo Coronel, faráõ as marchas militares, que elle chama ſimulacros de ataques, depois de poſições conforme o terreno, e ſuppoſições da frente dos inimigos; para o que ſe poſtaráõ alguns Officiaes que denotem as ſuas álas. Aqui deve aproveitar-ſe da variedade do terreno para poſtar ſe; alli moſtrar como retirar-ſe diante de hum corpo mais fórte; acolá como prevalecer-ſe da ſua

Os Regimentos de Cavalleria nunca devem juntar-ſe em corpo para fazer exercicio a pé: cada homem apren-

---

maior força para o flanquear; mais adiante como abandonar-ſe ao ataque o mais impetuoſo, ganhando-lhe primeiro o flanco; e finalmente todos aquelles ſimulacros do que ſe pratica em huma campanha, ſem que os vallados, ou muros (que poſsão vencer ſaltando) lhe ſirvão de obſtaculos, ou que hum terreno mais incómmodo os metta em deſordem, ou lhes corte o paſſo, como ſuccede com a menor deſigualdade, quando não eſtão coſtumados. A noſſa Cavalleria teria tambem ſumma vantagem (pois he deſtinada igualmente ao ſerviço de trópa ligeira) em praticar eſte ſerviço, que igualmente fórma o Official. Ouçamos o Author da vida de Frederico, cuja Cavalleria he a melhor do mundo, e veremos o que elle fazia. As ſuas evoluções, diz elle, fazião-ſe com a maior velocidade, muitas a galópe, e ſempre com tanto fogo, que quaſi era rara aquella em que não houveſſe cavallos mortos, e ſoldados eſtropiados. Para moſtrar aos ſeus ſoldados, o pouco effeito do fogo fazia os paſſar diante de hum homem de palha, e atirar com a piſtola, cujos tiros muitas vezes lhe não tocavão: perſuadidos aſſim, mandava-os correr ſobre elle com a eſpada, e derrubá-lo; de fórma que os meſmos ſoldados reconhecêrão eſta vantagem. Attento não ſó a enſinar eſtes, mas os Officiaes, vendo quanto lhes era util a Scien-

aprenderá o manejo da ſua arma, e a marchar, na Eſcóla das Recrutas da ſegunda Claſſe. Para conſervar eſ-

ta

cia da pequena guerra, e que ſó pelo eſtudo, e exercicio he que ſe póde aprender a conhecer os Paizes, a natureza, e extensão dos terrenos, e julgar das diſpoſições, e movimentos do inimigo; em fim a formar-ſe a gólpe de viſta, cuja Sciencia he a Eſcóla dos Generaes, madava os Officiaes que moſtravão mais diſpoſições, ſervir nos Huſſaros. Eſtes Regimentos acantonados em diverſas aldeias, são a Eſcóla da pequena guerra; vigião-ſe, defendem-ſe, e acautelão-ſe huns contra os outros como ſe foſſem inimigos que eſtiveſſem á viſta; e atacão-ſe no fim das colheitas como em guerra, ſurprendendo-ſe, emboſcando-ſe, e atacando comboios, &c.; e os Officiaes mandão os ſoldados mais habeis, reconhecer patrulhas, examinar hum boſque, hum rio, huma alagôa, e virem dar conta das ſuas averiguações. Eſtes meſmos são tão bons, que na batalha de Hohenfriedberg, o Regimento de Natſmer, atacou, e derrotou o dos carabineiros de Saxonia. Mr. de Mirabeau depois de dizer pag. 187 que a perfeição da Cavalleria Pruſſiana ſe deve aos primeiros Elementos da ſua inſtrucção, que são os que a fazem capaz de executar toda a evolução, com huma velocidade, e exacção que a caracterizão, cujos princípios ninguem ainda tem bem eſtudado, e lhe ſerá difficil; continúa moſtrando que o contínuo exercicio em que

ta inſtrucção, baſtará juntar a decima parte de cada companhia á guarda que entra, com que trabalharáõ todos os dias meia hora, antes de desfilar, para ir montar guarda.

AR-

ſe conſervava, com várias outras cauſas que alli ſe veráõ, he o que fazia com que vinte eſquadróes Pruſſianos, cada hum de 45 Toezas de frente, ſe deſdobravão em 54 ſegundos, e outros reſultados ſemelhantes, que parecem fabulas. Veja-ſe o que diz o Barão de Riesbech, e muitos outros que tratão do exercito Pruſſiano. Eſte he pois o methodo de levar a Cavalleria ao ſeu maior auge de perfeição, e não fazendo trabalhar com todos os Eſquadróes (pela maior parte reduzidos a huma pequena frente) ſobre huma eſplanada, ou planice, aonde voltêão ſem tino, nem utilidade, deſconhecendo, e abandonando o mais intereſſante, por couſas de apparato, e outras evoluções de viſta, em que o commandante quer mais oſtentar da ſua Sciencia (para o vulgo digo) e pavonárſe, do que inſtruir o ſeu Regimento; porque lhe cauſa faſtio a attenção aos principios. Fallamos em geral atacando o vicio, ſem que ſe diriga a noſſa obſervação aos Commandantes do noſſo exercito, que reſpeitâmos como devemos.

ARTIGO VII.

Do que devem obſervar cuidadoſamente os Commandantes dos Regimentos, e das linhas.

DEvem poſtar-ſe no lugar mais favoravel, relativamente á trópa que commandão, para fazer-ſe ouvir diſtinctamente: eſtar parados ſendo poſſivel, quando derem as vozes: articular eſtas com clareza: ferirem bem as ultimas ſyllabas; e particularmente as que exprimem a manobra.

Quando derem muitas vozes ſucceſſivas, devem ſepará-las bem, para que a primeira ſe comprehenda, e repita pelos Officiaes particulares, antes que dê a ſegunda.

Mover as trópas a paſſo quando fôr poſſivel, antes de mette-las a tróte, e a galópe; e ſeguir a meſma graduação para fazer alto.

Evitar mandar fazer manobra, quan-

quando houver alguma deſordem na columna, ou na linha.

Hum Commandante nunca deve encolerizar ſe, injuriar, nem dar pancadas aos ſeus ſubditos; mas ſim de ſangue frio caſtigar o negligente, mandar á Eſcóla o ignorante, e tornar a principiar a manobra que ſe errou, até que ſe faça bem feita.

Hum Commandante fleumatico, ſevéro, e conſtante nos ſeus principios, he temído, reſpeitado, e amado: o colerico, e arrebatado, he temído, e aborrecido.

Todo o homem que não he ſenhor de ſi, não he proprio para commandar; porque expondo-ſe a ſi meſmo, expõe tambem os outros.

Para obter toda a attenção de huma trópa, he preciſo que ſenão exiga por muito tempo: o corpo fatiga ſe, os orgãos adormecem ſe, e o homem cahe em eſpaſmo. Deixai marchar huma columna em liberdade, até ao momento em que julgais

de

dever desdobra-la ; acoſtumai o ſoldado a preſtar attenção á voz de *ſentido*; acabada a manobra, dai-lhe dous minutos de liberdade, que elles manobraráõ aſſim todo o dia, ſem cançar ſe, nem enfadar-ſe.

ARTIGO VIII.

Inſtrucções para os cavallos de remonta.

A Inſtrucção dos cavallos não he menos eſſencial que a dos homens, e ſe me viſſe na forçoſa alternativa de eſcolher entre hum Eſquadrão de Recrutas, ou cavallos de remonta, eſcolheria os primeiros, e rejeitaria os ſegundos. Geralmente ſó a ſinco annos e meio, ou a ſeis, he que o cavallo eſtá em eſtado de poder ſervir bem : com tudo ſeria prejudicial deixá-lo até eſte tempo ſem exercicio: os ſeus membros intorpeceriáõ, a linfa engroſſada pelo repouſo daría

ria aos muſculos huma fibra mais frôxa que tendinoſa, mais molle que compacta. Em poucas palavras; pouco exercicio ſería contrariar a Natuza, que quer obrar quando tem forças (1); as quaes ſe augmentão a hum ponto incrivel pelo exercicio bem regulado: nós meſmo eſtâmos tão concordes neſte principio, que não intentamos huma marcha, ſem metter os cavallos em exercicio. E para que pômos nós eſtes cavallos em exercicio, ſenão he para habituá-los ao trabalho, e dar-lhe forças? (2) Neſte habito he que eu quizera conſervado o cavallo, deſde a idade de quatro annos progreſſivamente,

(1) A natureza não deſtinou o cavallo para eſtar prèzo ſem marchar, nem mover-ſe ſenão ſeis horas cada ſemana, que he o methodo das trópas em tempo de paz. Com eſta vida ſem dúvida ſe fazem ſendeiros os melhores cavallos.

(2) Que he o que faz os homens corredores, e andadores? Eſtes por ventura são de differente eſpecie! He o habito, he o exercicio: com elle augmentão-ſe as forças em proporção.

te, ſem forçá-lo; e verião fazer-lhe na idade de vigor, hum trabalho incrivel. Que reſulta pois da vida molle, e ſedentaria em que conſervâmos a noſſa Cavalleria? Que ſe arruina ſahindo a trabalhar de 8 vezes cada mez (1). He poſſivel que hum cavallo, animal tão vigoroſo, e fórte, não poſſa vencer maior jornada do que hum homem a pé, pela má educação que lhe dâmos! E he iſto tirar toda a vantagem poſſivel da noſſa Cavalleria? (*)

A primeira Nação que deſprezar o prejuizo de conſervar a Cavalleria nas eſtrebarias, e ter cavallos gordos; os primeiros Regimentos que ſe

(1) Tem-ſe obſervado já que ſahindo duas vezes mais em hum do que em outro, os cavallos emmagrecem, e he preciſo pô-los a ſêmeas, ſangrá-los, &c.

(*) Nada temos que accreſcentar ao que diz o noſſo A., porque ſeria ſuperfluo: ſó perguntarei a todos os Officiaes, quantas vezes tem viſto iſto meſmo na noſſa Cavalleria, a quem quatro legoas de marcha já parecem muito, e com effeito ſão

ſe atreverem a ſahir todos os dias, e dobrar o trabalho, terão muita vantagem ſobre os outros.

Eu quizera que os cavallos desde o momento que chegão ao Regimento, paſſeaſſem duas horas, hum dia ſim, e outro não; e quando o tempo, ou circunſtamcias o não permittiſſem, trotaſſem á guia ſem Cavalleiro. A experiencia próva-nos, que eſte exercicio bem regulado, ajuda a deſenvolve-lo da Natureza, acceléra, e augmenta as forças: (1) porém eſta lição da guia, tão boa, tão vantajoſa para fazer flexivel o cavallo, e desligá lo, ſería muito prejudicial dada por hum homem que ignoraſſe o que he equilibrio, e flexibilidade no animal, e que não tiveſſe prática de ſervir-ſe do cabeção, e açoute; dos quaes he tão facil abuſar.

(1) Sendo ſempre hum meſmo Official encarregado deſte trabalho, dará a cada cavallo o exercicio proporcionado ás ſuas forças, e até ſe fôr neceſſario alguns dias de deſcanço.

Os cavallos novos ſerião incumbidos ſempre ao Official encarregado em Chéfe da Equitação; o qual faria montá-los (á proporção das forças que foſſem adquirindo (1) pelos diſcipulos, ou ſubſtitutos mais inſtruidos; porque para enſinar hum cavallo, corrigi-lo, e em huma palavra, dar lhe hum certo conhecimento da mão, e pernas no menos tempo poſſivel ſem arruiná-lo, para iſto são preciſos homens feitos, e os mais inſtruidos neſta Arte ſerão os melhores.

Não póde eſtabelecer-ſe o tempo de trabalho, nem de extensão das lições: eſtas couſas devem ſer proporcionadas á forças: o que eſtá encarregado deſte trabalho, he que ſó póde ſer juiz neſta cauſa; porém (régra geral) o cavallo novo não deve montar-ſe, ſenão quando principiar a trotar á guia com flexibilidade,

(1) Póde eſtabelecer-ſe a época fixa; pouco mais, ou menos a quatro annos.

de, e força, ſuſtentando-ſe ſem puxar pelo cabeção nem ſahir fóra da linha. Eſtas lições de guia ſerão curtas, e dadas ſucceſſivamente a huma, e outra mão. Neſte tempo deve irſe acoſtumando o cavallo á ſella, e bridão; e antes e depois da lição deve hum homem apear-ſe delle, e montá-lo repetidas vezes, e por differente modo, para acoſtumá-lo ao eſtribo; pois he muito neceſſario que os cavallos de trópa eſtejão inteiramente quietos ao montar: o deſaſſocego de alguns provém do pouco cuidado, ou meios duros que empregárão para acoſtumá-los a iſto. Julgando-ſe o cavallo em eſtado de ſer montado, cavalgar-ſe-ha ſempre em liberdade, e o mais largo que fôr poſſivel; iſto he, não o deixando voltejar, e ſeguindo ſempre os muros do Picadeiro. As primeiras voltas ſempre ſe faráõ a paſſo, e ſucceſſivamente ſe fará partir a tróte.

Não devemos pois admirar-nos

que muitos cavallos novos não tenhão conhecimento da mão nem das pernas do ſeu Cavalleiro; e que não ſómente não obedeção, mas ſe defendão dellas; ſeja eſquentando-ſe, e negando a obediencia ao bridão, ſeja parando, e deſobedecendo ás ajudas das pernas. Eis-aqui porque he eſſencial ter Cavalleiros feitos, para montá-los, que não deſacordando-ſe com os contratempos, eſtejão ſempre promptos a dar-lhes a correcção preciſa. Na Eſcóla geral, he que os Meſtres dos noſſos Regimentos deverão beber os principios que devem praticar; e como no Capitulo XII. já diſſe baſtante, accreſcentarei aqui ſó algumas reflexões particulares, ſobre as noſſas Eſcólas pequenas.

Nos principios obſervaráõ mandar marchar muitos cavallos juntos ſem que dem pernadas, ou couces: mudar-ſe-ha entre elles muitas vezes a ordem, marchando hora adiante, hora a traz, ſahindo indifferentemente

te da fileira. Depois de terem adquirido força, liberdade, e obediencia, farão deſcrever-lhe toda a qualidade de figuras, ou raſtos no Picadeiro ſobre huma, e outra mão; paſſando-os ſucceſſivamente do paſſo a tróte, do tróte a paſſo, do paſſo á parada, e da parada á partida.

Hum cavallo montado duas horas por dia, ſegundo eſtes principios, ſerá cada vez mais vigoroſo. Não he preciſo accelerar a ſua inſtrucção, pois que não deve paſſar ao Eſquadrão ſenão depois de ſinco annos, e meio; e aconſelho tambem não os enfrearem (iſto he governá-los pelo freio) ſenão tres, ou quatro vezes antes deſta época. (*) Quando tiverem adquirido hum pouco de conhecimento, ſerá muito bom levá-los fóra, todas as vezes que

(*) Os noſſos cavallos antes de ſinco annos, não tem certamente as forças capazes; e os Caſtelhanos menos de ſinco e meio, e ſeis e meio não eſtão feitos; como pódem dizer todos os Officiaes.

que o tempo o permittir, e faze-los marchar a dois, tres, e quatro; metade do tempo a paſſo, e ametade a tróte, e algum tempo antes de enfreados a galópe, ſe moſtrão baſtante força; o que ſe conhecerá, ſe elles ſe mettem por ſi meſmo a galópe, em cujo caſo ſe deixaráõ galopar algum tempo, ſempre em frente, e no campo; ſeja á direita, ou a eſquerda com tanto que o galópe ſeja igual, obſervando torná-los a metter a tróte, e a paſſo, logo que elles tomarem demaſiado fogo, ou ſe eſtenderem muito.

Como os movimentos de mão são mais perigoſos para os cavallos, nas marchas de galópe que em qualquer outra, he muito util mette-los nella algumas vezes, em quanto andão ainda com bridão.

Segundo o methodo que proponho, os cavallos neceſſitaráõ, pouco mais ou menos, dezoito mezes, (1) pa-

(1) Poderáõ pôr-me a objecção ſem dúvida

ra chegar ao ponto que acima diſ-

ſe-

---

do enorme tempo que concedo para o enſino do cavallo. Sei que a minha propoſição deve offender, apreſentando hum ſyſtema que deixa fóra de ſe viço a oitava parte dos cavallos á cuſta da fazenda Real; porém rogo que dem attenção a que pelo modo, e meios, que a cavalleria Franceza ſe ſerve hoje para remontar-ſe, a meſma oitava parte fica em inacção. Toda a gente ſabe que não ſe achão a vender ſenão cavallos de tres annos e meio, até quatro; que neſta idade não tendo adquirido forças, nem figura, são potros que não pódem fazer os meſmos ſerviços que os cavallos feitos; e que mette-los no eſquadrão he arruina-los inteiramente. Em 1767 vio-ſe o corpo dos carabineiros obrigado a empregar as ſuas remontas para completar ſe, e apparecer diante do Rei no Campo de Compiegne. Depois deſta reviſta foi preciſo renovar todos os cavallos novos: a perda foi enorme; tudo o que não tinha ſinco annos perdeo-ſe. Quaſi todos os Regimentos poupão os ſeus cavallos até eſta idade; porém em todo eſte intervallo deixão-nos na inacção, ou pelo menos ſem trabalho nenhum regular; iſto he o que eu julgo vicioſo: o exercicio moderado ſempre he neceſſario aos cavallos; e fazendo-ſe montar pelos melhores diſcipulos, e ſubſtitutos dos Meſtres, eſtes aprendem, e ſe inſtruem, e quando os cavallos eſtão enſinados, tem a força neceſſaria para entrar no eſquadrão.

ſemos, que he certamente hum tempo muito ſufficiente para não precipitar, nem forçar a natureza.

Cavallos embocados do modo que tenho dito no Capitulo XII., ſerão obedientes ao freio: logo que o tiverem ſe trabalharáõ quatro vezes por ſemana, e ſempre fóra do Picadeiro, guardando a ordem das tres marchas, com prolixidade no modo de partir, e de parar: galoparáõ ſobre a direita, e eſquerda, dandolhes, ou habituando-os a partir de ſi meſmo ſobre as mãos, e pés que devem; iſto he, nos movimentos circulares á direita, partir ſobre os direitos; e nos circulares á eſquerda, ſobre os eſquerdos. Eſtas couſas são muito eſſenciaes no eſquadrão para evitar as quédas, e fazer as converſões com igualdade, ou exactidão; e ainda que ao primeiro golpe de viſta pareça difficil conſeguir eſta exactidão de huma trópa, facilmente ſe contrahe eſte habito, quando os ca-

cavallos eſtão flexiveis, e obedientes, e o homem ſabe tomar a rédea, e abrandar a mão a propoſito.

Ainda que recommendo mais hum pouco de eſcrupulo, neſtes ultimos tempos, evite ſe com tudo, campear os cavallos de mãos, e pernas, defeito vulgar de quaſi todos os diſcipulos, que tendo andado pouco tempo nas Eſcólas de Cavalleria, ſem diſcorrer bem ſobre a exactidão das marchas do cavallo, nem na prática da equitação, conſiderão ordinariamente como Chéfe de obra da Arte, deitar todo o pêzo do corpo do animal ſobre as ſuas pernas. Já mais fallaremos do que elles entendem por *unir* „ iſto he, encortar os movimen„ tos como fazem aquelles a que nós „ chamâmos *piza flores* „ os cavallos, preceito máo de que ſe abuſa muito na Cavalleria: os meus cavallos á idade de 18 mezes ſerão enſinados, e exercitados a ſervir-ſe igualmente de todas as pernas; e habituados a eſtar di-

direitos, e em equilibrio, a que chamaremos unidos

Aquelles em fim que ſe deſtinão a aprender a equitação, ou montar cavallos novos, terão por primeira qualidade paciencia, e prudencia (1) tão neceſſaria para enſinar animaes.

Nunca trabalharáõ ſenão á viſta do Official encarregado em Chéfe da equitação, ou daquelle em quem ſe julgarem ſufficientes talentos para poder ſubſtitui-lo.

Nos ultimos tempos em que os cavallos ſe julgarem capazes de entrar no eſquadrão, acoſtumar-ſe-hão ao fogo: para iſto não devem ſervir-ſe do antigo uſo, de dar tiros de piſtola na eſtrebaria; porém no fim de cada ex-

(1) Se todos criticão com tanta razão a equitação na Cavalleria, era quando os Meſtres ſe occupavão em *paſſager*, *raſſembler*, *e piaffer* os ſeus cavallos; ſem embaraçar-ſe ſe eſtavão direitos, flexiveis, e ſe conſervavão o equilibrio. Os Diſcipulos de Saumur, e de Cambrais que tinhão tomado voltas ſobre duas *piſtas acraſtes*, querião tambem faze-las dar aos ſeus Diſcipulos.

exercicio, mettendo os cavallos em eſquadrão, e eſtando firmes, ſe mandará fazer hum fogo de filas, e depois hum de eſquadrão. Acoſtumarſe ha tambem eſte eſquadrão a marchar ſobre o fogo de Infanteria; e quando os cavallos eſtiverem ſocegados na fileira, cada hum carregará, e atirará á vontade, ſeja marchando, ou a pé firme.

Os cavallos enſinados por eſte methodo, e os Cavalleiros trabalhando debaixo deſtes principios unanimemente reconhecidos, formaráõ hum eſquadrão velóz, e formidavel, pela união, e conformidade dos ſeus individuos. Conſervada a inſtrucção ſujeita a huma fórma invariavel, a máquina hirá por ſi meſmo; porém em quanto a fórma, e inſtrucção mudarem todos os annos; em quanto os principios ſe multiplicarem ao infinito ſem ſerem demonſtrados; em quanto ſe forem beber em differentes eſcólas; em quanto gaſtarem tempo a

diſ-

diſputar ; em quanto ſe empregarem termos technicos, e frazes ſem ſentido para dar lição ; em quanto muitos homens penſando de differente modo, forem conſecutivamente empregados neſte trabalho ; em quanto eſte fôr dividido em muitas claſſes independentes humas das outras, e que não tenhão por primeiro Meſtre o Chéfe commum : em quanto finalmente eſte Chéfe commum não eſcolher os ſeus Ajudantes, e elle meſmo os não inſtruir , e diſpuzer delles , poder ſehão vêr inſtantes de apparencia, porém nunca ſe veráõ reſultados verdadeiros. (*)

(*) Acabaremos dizendo , e repetindo , que ſem Inſpectores , ſem huma ſevera attenção (premiando , e caſtigando) as mais pequenas couſas da diſciplina , ſem Chéfes que não o ſejão ſó em apparencia , mas zeloſos, inſtruidos, habeis em fim em todas as partes da guerra , e que inſtruão elles meſmos os ſeus Regimentos ; ſem Officiaes educados em Collegios , ou nas Inſpecções, e Praças, na Theoria, formados depois pela aſſiduidade nos córpos , e hum contínuo exercicio , e applicação ; ſem ſoldados,

e cavallos eſcolhidos ; ſem huma uniformidade em todo o exercito nas eſcólas , e exercicios ; ſem campos em fim nunca poderá haver trópa : a relaxação , os abuſos naſceráõ , e a deſpeza que com ella ſe faz ſeria melhor econimiſa-la , reduzindo-a : Hum movimento de abandoná la , de ſoltar-lhe a mão , exíge annos de trabalho para a reſtabelecer : o Official , e o ſoldado repugnão por falta de coſtume , e he raro o Chéfe que penſando diverſamente , ſe atreve a combater o ódio , e a intriga , offerecendo-ſe a ſer ſacrificado.

FIM.

IN-

INDICE
DOS CAPITULOS
DESTA OBRA.

Advertencia. Pag. III.
CAPITULO I. 1
ART. I. *Principios para montar, e enſinar os cavallos para a guerra.* ibid.
ART. II. *Da poſtura do homem ſobre o cavallo, em geral.* 7
ART. III. *Divisão do corpo do homem em tres partes.* 11
Da parte immovel. ibid.
ART. IV. *Do aſſento.* 19
ART. V. *Do corpo, e da ſua poſição.* 21
ART. VI. *Das pertendidas ajudas do corpo.* 24
ART. VII. *Da cabeça.* 25
ART. VIII. *Dos braços.* 26
ART. IX. *Das mãos.* 29
ART. X. *Do eſpinhaço, e rins.* 30
ART. XI. *Das pernas.* 33
ART. XII. *Dos pés.* 35
Da ſegurança, ou firmeza a cavallo. 37

ARTIGO XIII. *Da exacção, e deſembaraço.* 42
ART. XIV. *Da graça, ou galhardia.* 43
ART. XV. *Das diſpoſições.* 44
ART. XVI. *Das ajudas em geral.* 47
Modo de ſervir-ſe das pernas como ajuda, e caſtigo. 50
ART. XVII. *Das eſporas.* 53
ART. XVIII. *Modo de ſervir-ſe do freio como ajuda, e caſtigo.* 55
Demoſtração. 59
Domonſtração mecanica da melhor poſição do homem a cavallo, por Mr. de Auvergne Tonente General de Cavalleria, Commandante da Equitação da Eſcola Real Militar. 64
Demonſtração. 65
O que era neceſſario demonſtrar. 71
ART. XIX. *Methodo, que deve ſeguir-ſe para inſtruir hum principiante na Arte de montar a cavallo.* 72
Primeira lição. 79
Segunda lição. 93
Terceira lição. 103
CAP. II. *Segunda Parte.* 112

ERRATAS

PERTENCENTES AO TOMO I.

Pag. lin.	*Erros.*	*Emendas.*
	PROLOGO.	
1 4	execitar	exercitar
id. 10	fechar	fixar
	Diſcurſo Preliminar.	
8 19	, que além dos previos conhecitos , a lição , &c.	, que (álem dos previos conhecimentos) a lição &c.
9 8	eſtabelecer , e verificando	eſtabelecer, verificando.
17 19	cança e abandona	cança-o e abandona
21 20	Guibet	Guibert
24 5	de Themiſtocles, de Ceſar	de Themiſtocles , e de Ceſar
27 4	por minuto e a diſtacia &c.	por minuto (e a diſtancia de 20 milhas do caminho) &c.
30 15	que for	que foi
	Principios de Cavalleria.	
2 13	e Deſeſa	e defenſa
16 15	foſſe igual	foſſe igual, ou meſmo em certa proporção ,
17 20	e dez do fundo	e dez de fundo
21 18	Mallowits	Mollwits
22 16	devendo deitar	devendo rejeitar
24 3	Tatica	Tactica

31	18	por meias conversões	por quartos de conversão
37	3	exercitos	exercicios
38	18	. Quando	. Em quanto
48	29	e exaqui	e exaqui como
49	7	. Eſta he	. Eſte he
52	5	de Pelotão , o	de Pelotão da direita,o &c
57	24	ſe virão	ſe veráõ.
id.	17	do fundo	de fundo
59	6	moderava	modelava
60	13	pour nous.	pour nous ,,.
61	1	Eſquadrões	Eſquadras
62	19	devem ſer ſem compoſtos	devem ſer compoſtos
id.	23	e que a ſeu	e que o ſeu
63	14	que os commandão	que as commaudão
64	5	Tambor Mór	Trombeta Mór
id.	8	deſde da pag.	deſde a pag.
87	21	donde vem	donde vém
88	8	Tit. 10. Art. 6.	Tit. 10 Art. 2.
id.	6	da N. (Eſt. 3. Fig. 1.)	(Eſt. 2. Fig, 1.)
95	12	desdobradamente (o mais tarde poſſivel) e 100 toczas , ou 300 paſſos , he &c.	deſdobro o mais tarde poſſivel , e 100 tocſas, ou 300 paſſos , he &c.
110	17	Mollewits	Mollwits
114	13	vir da rectaguarda	vir da fileira da rectaguarda
116	17	cada quarto	cada ſecção
118	4	eſte quarto	eſta ſecção
120	3	a Strategica	á Strategica
127	1	em accommodar	em accumular
129	5	offerecerá	offerecerão
147	25	da N. a augmentar-ſe	á augmentar-ſe

49	8	derige-ſe ſim	derige-ſe ſempre
153	ult.	da N. conversão	inversão
157	5	; porque aquella) em ſeus juſtos lemites (por mais que ſe cerre, conſerva a maior agelidade)	porque aquella (em ſeus juſtos lemites) por mais que ſe cerre , conſerva a maior agelidade).
161	4	da N. á maior	á menor
169	28	arêa	arêa
id.	31	ibd.	ibd.
173	12	. (1)	deve ſeguir-ſe eſte ſignal (*) que marca a 2. N. que principia As vantagens &c.
175	16	da N. o ſegundo e terceiro	o quarto e terceiro
170	9	a vós oitavos á direita	a vós oitavos á eſquerda , e os da eſquerda oitatos á diteita &c.
177	3	eſtão as duas	eſtão as ſegundas
id.	7	da N. 60 , 68	60 a 68
181	15	ataque	o ataque
185	8	da N. que (entre vários erros particularmente na cavalleria) &c.	que entre vários erros (particularmente na cavalleria) &c.
186		penul da N. Cuibert	Guibert
196	21	Seitarios	Sectarios
204	2	da N. ſufficiente	ſufficientemente
217	ult.	e tinhão	o tinhão
218	9	da N. de Marte (*) ha dos	de Marte (*) e o dos
30	8	da N. viſſe, o que diſſe Mr. Keralio , melhor , veria , &c.	viſſe melhor o que diz Mr. Keralio , veria &c.

233	8	(vid. Eſt. 5. Fig. 2.)	(vede Eſtampa 1. Fig. 2.)
248	15	Não ſeria pois util	Não ſeria pois inutil
249	10	Eſquadrão ;	Eſpadrão. (1) La valeur ſans adreſſe eſt tôt ou tard trompé , exercez votre bras á manier l'épée. *Art. da G. do R. de Pruſſia.*
252	22	Se o noſſo A. &c.	Antes de tudo deve levar eſte ſignal * , que de nota N. tudo o que ſe ſegue
253	5	, e eſtes exercicios ſendo aſſim como toda a ſua inſtrucção debaixo &c.	ſendo eſtes exercicios (aſſim como toda a ſua inſtrucção) debaixo &c.
254		penult. ſe ſe empregaria	ſe empregaria
257	1	da N. deſtinções (tão ... até os modos (	diſtinções (tam. . . até os modos)
259	4	en obſervações	inobſervações
265	ult.	intelligiveis	mintelligiveis
280	9	procurar fixando o ſoldado	procurar (fixando o ſoldado) &c.
281	16	clles os criará	elle os criará
283	14	eſcripo	eſcripto
285	5	Quimmerman	Zimmerman
298	1	ſe defendendo	ſe defendem do &c.
id.	22	ſe adoptaria	ſe adaptaria
301	11	: mas que tenhão	, que tenhão
303	3	interior	anterior.
id.	6	handas	bandas
id.	10	ibid.	ibid.
id.	13	interior	anterior

304	1	id.	id.
id.	5	ibid.	ibid.
id.	9	preza a eſte	preza a eſta
id.	10	e encaixados ambos	e incaixadas ambas

ERRATAS

PERTENCENTES AO TOMO II.

Pag.	lin.	*Erros.*	*Emendas.*
22	3	arrimo P. 2. que	arrimo P. Q, que
47	8	da N. ler	ter
58	20	os querem trabalhar com o antebraço	os que querem trabalhar ſó com o antebraço ou os que não querem trabalhar ſenão com ..
74	ult.	da N. (i) elles são	elles vão
76	3	de Grenier	de Gueriniere
89	18	o lado 23	o lado 2. 3.
90	18	lados 12 , 23 , 34 , 41 ,	lados 1. 2. ; 2. 3. ; 3. 4. ; 4. 1 ;
100	2	interiormente	anteriormente
103	4	ceſſar em	ceſſarem ou ſuſpenderem
107	6	da N. proteſtar-ſe ſer	pretextar-ſe
108	4	da N. Greviniere	Gueriniere
109	6	Meſtres , ſem	Meſtres que ſem
110	6	hum proprio	hum meio proprio
132	2	qee	que
160	2	o forquilha	a forquilha
167	ult.	muitas de mam	muitas vezes de mam
180	7	) claro eſtá &c.	Para o pôr direito claro eſtá &c.

217	16	o movimento	o momento
233	21	com jarretes ?	com jarretes delgados e carnudos, e fendeiros com elles groſſos e ſecos ?
229	9	circunſpecção no enſino	circunſpecção he pouca no enſino
243	19	cavallo eſtaria	cavallo não eſtaria
156	5	da N. e commette-lo	e não commette lo
287	1	da N. a vem ſer	vem a ſer
304	6	a trabalhar de 8 vezes	a trabalhar mais de 8 vezes

ARTIGO I. *Do cavallo.* 112
Arte de enſinar os cavallos. 233
Do movimento, e marcha do cavallo. 138
Do paſſo. 146
Do tróte. 149
Do galope. 151
Qualidades que deve ter hum Cavalleiro. 155
ART. II. *Primeiras lições dadas ao cavallo.* 156
Dos Cabeções, e da Guia. ibid.
ART. III. *Segunda lição.* 171
Cavallo montado em liberdade. ibid.
ART. IV. *Terceira lição.* 201
Dos movimentos circulares. ibid.
ART. V. *Das qualidades do cavallo.* 220
ART. VI. *Dos Pilões.* 224
ART. VII. *Da embocadura, e ſeus effeitos.* 230
ART. VIII. *Dos paſſos de lado.* 243
ART. IX. *Differentes modos de exercitar os cavallos nos Picadeiros.* 151
Dos Saltadores. ibid.
ART. X. *Dos Meſtres, e da prática.* 253

CA-

CAP. III. 256
ART. I. *Eſcóla particular dos Regimentos a cavallo.* ibid.
ART. II. *Obrigação dos Senhores Officiaes relativa á inſtrucção.* 260
ART. III. *Inſtrucções das Recrutas.* 267
ART. IV. *Segunda Claſſe a pé.* 271
ART. V. *Segunda Claſſe a cavallo.* 272
Segunda lição. 274
Terceira lição. 275
Quarta lição. 276
ART. VI. *Primeira Claſſe.* 291
ART. VII. *Do que devem obſervar cuidadoſamente os Commandantes dos Regimentos, e das linhas.* 300
ART. VIII. *Inſtrucções para os cavallos de remonta.* 302

FIM.